UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

SUSENY MAIA TELES RUFFINI

O ESPAÇO URBANO NA LITERATURA DE CORDEL: O OLHAR DE CUÍCA DE SANTO AMARO

Salvador
2009

SUSENY MAIA TELES RUFFINI

O ESPAÇO URBANO NA LITERATURA DE CORDEL: O OLHAR DE CUÍCA DE SANTO AMARO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Geografia, Universidade Federal da Bahia – UFBA, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Auxiliadora da Silva

Salvador
2009

R923 Ruffini, Suseny Maia Teles.

O espaço urbano na literatura de Cordel: o olhar de Cuíca de Santo Amaro / Suseny Maia Teles Ruffini. _ Salvador, 2009.

149 f.: il.

Orientadora: Profª. Drª. Maria Auxiliadora da Silva.

Dissertação (mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal da Bahia, 2009.

1. Geografia urbana – Salvador(BA). 2. Literatura de cordel – Cuíca de Santo Amaro(BA). 3. Espaço urbano. I. Silva, Maria Auxiliadora. II. Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências. III. Título.

CDU: 911.9:711(813.8)

Elaborada pela Biblioteca Shiguemi Fujimori, Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia

SUSENY MAIA TELES RUFFINI

O ESPAÇO URBANO NA LITERATURA DE CORDEL: O OLHAR DE CUÍCA DE SANTO AMARO

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, Universidade Federal da Bahia – UFBA, pela seguinte banca examinadora:

Salvador, 30 / 11 / 2009.

Prof. Dr.ª Maria Auxiliadora da Silva - Orientadora
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof. Drª. Creuza Santos Lage
Universidade Federal da Bahia - UFBA

Prof. Dr. José Antônio Saja Ramos Neves dos Santos
Filosofia e Ciências Humanas – FCH/UFBA

DEDICO A

Deus, pela sabedoria e força

José Hilton, meu esposo querido, grande incentivador, pela cumplicidade e amor.

Vitor e Igor, filhos amados, ouvintes e incentivadores incansáveis.

Hamilton Santos Silveira, por ter apresentado Cuíca de Santo Amaro de uma forma tão apaixonante que suscitou em mim o desejo de pesquisar sua vida e obra.

Meus pais, Carlos e Lita e meus irmãos, pelas intercessões e incentivo.

Sinéia Silveira, pelo apoio constante, incentivo e parceria.

Professoras Dra. Maria Auxiliadora da Silva e Dra. Creuza Santos Lage, pela sábia orientação e partilha.

Adriana Lage, grande amiga, pelo incentivo constante.

Eduardo Santiago, amigo e parceiro nas andanças pela cidade.

A todos os depoentes que compartilharam suas memórias sobre
Cuíca de Santo Amaro.

AGRADECIMENTOS

Para agradecer é imprescindível rememorar... ansiedades, incertezas, garimpagens, entrevistas, determinação, encontros, desencontros... e de todas as pessoas que, de um modo ou de outro, participaram do processo de construção desta dissertação. Fica, portanto, a certeza de que “posso todas as coisas Naquele que me fortalece”, desse modo, meu agradecimento maior é a Deus por ter me fortalecido e ajudado durante toda a caminhada.

Ao meu esposo e filhos amados que sempre me incentivaram e ajudaram com carinho, amor, partilha, paciência e compreensão pelas minhas ausências constantes.

Aos meus pais e irmãos pelo apoio, amor incondicional e orações que me mantiveram firme durante esta jornada.

A Hamilton Silveira, por dividir seus conhecimentos sobre este poeta que se transformou em um grande personagem da cidade do Salvador.

A Sinéia Silveira, pela oferta do seu precioso tempo, pelo apoio e partilha de conhecimentos e pesquisas me encorajando sempre a persistir.

A Adriana Lage, grande amiga e parceira que me incentivou a abraçar este novo desafio – o Mestrado.

As queridas professoras Creuza Santos Lage e Maria Auxiliadora da Silva por terem acreditado na minha pesquisa ofertando-me seus conhecimentos, confiança, e orientações preciosas.

Ao professor José Antônio Saja por ter aceitado fazer parte da minha banca e colaborado de modo expressivo em todo processo.

Aos professores do Mestrado em Geografia que partilharam seus conhecimentos e experiências as quais contribuíram significativamente em todo processo.

A professora Catherine Prost que nos possibilitou fazer o Tirocínio e adentrar no universo acadêmico dividindo suas experiências e conhecimentos com muito profissionalismo e atenção.

A você, meu amigo Eduardo Santiago, grande parceiro em nossas peregrinações pela cidade, garimpando informações sobre Cuíca de Santo Amaro e a cidade do Salvador.

As queridas Carmen Santiago, Deije Moura e Leda Regina Couto pelas valiosas contribuições.

A Dirce Almeida e Itanajara José Muniz da Silva pela atenção que sempre nos atenderam com respeito e carinho.

A Mara Araújo pelo cuidado e carinho que sempre cuidou da minha família nas minhas ausências.

A todos os funcionários das várias instituições visitadas (Biblioteca Pública do Estado da Bahia, Fundação Cultural da Bahia, Fundação Clemente Mariani, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Arquivo Público da Bahia, dentre outras) que me deram acesso às informações tão necessárias para a concretização desta pesquisa.

Aos meus depoentes pela generosidade em nos receber e compartilhar fatos retidos em suas memórias acerca de Cuíca de Santo Amaro. Seus depoimentos contribuíram significativamente para entrelaçar os fios da narrativa sobre o poeta.

Aos meus queridos colegas e amigos do Mestrado pelo incentivo e amizade durante nossa caminhada, especialmente a você Simone Maria Santos Costa, pelo carinho e parceria nas garimpagens de informações sobre Cuíca de Santo Amaro e a Feira de São Joaquim.

A todos os funcionários do IGEO – pela atenção e presteza com que sempre nos atenderam.

MUITO OBRIGADA !

O Poeta e a Cidade

Suseny Maia Teles Ruffini

***C**uíca de Santo Amaro*
***N**ascido em Salvador*
***S**oteropolitano ele era.*
***T**ransformou-se em versejador*
***D**o "**ESPAÇO URBANO**" apropriou-se*
***A** todos sempre encantou*
E**ra um grande **Trovador
***C**om seu fraque e cartola*
***N**o Elevador Lacerda*
***P**or todos é sempre lembrado*
***C**omo o "**LUGAR**" do poeta.*
***T**ambém na Leste todo dia*
***M**arcava sua presença,*
***N**os trens fazia a festa*
***T**razendo alegria*
***P**ara os que ali circulavam*
***N**os afazeres do dia-a-dia.*
***T**ambém nas Praças Cairu e Municipal*
***N**o Taboão, Baixa dos Sapateiros, Barroquinha,*
***N**as feiras e festas da cidade, a todas comparecia*
***D**emarcava seus lugares nos espaços da cidade*
***T**ornando-se referência na cidade da Bahia.*
***B**om cronista tudo investigava*
***S**obre o que ocorria nessa cidade*
***F**azendo seus comentários sem temeridade*
***P**elos becos, ruas, praças e feiras*
***C**om sua presença animava*
***A** todos que circulavam pelas ruas da Bahia.*
***N**arrando depois em seus versos*
***O COTIDIANO** da cidade*
***N**os cordéis ele divulgava*
***H**istórias mirabolantes,*
***C**om títulos que instigavam e seduziam*
***A**traía os que passavam*
***P**elos lugares do poeta*
***N**a cidade da Bahia.*
***S**eus **Cordéis** são lembrados*
***P**ois ficaram registrados*
***N**a memória revelada*
***D**e todos que o conheceram*
***C**omo um grande personagem*
O** poeta da **CIDADE DA BAHIA.

RESUMO

O diálogo entre a Geografia e a Literatura de Cordel de Cuíca de Santo Amaro possibilita leituras instigantes sobre o espaço urbano da cidade do Salvador, entre as décadas de 1940-1960, período de atuação do poeta nos espaços da cidade como um personagem de época, o qual compõe a geografia humana da mesma. O objeto investigado nesta pesquisa é o espaço urbano representado na obra do cordelista Cuíca de Santo Amaro. Tem como objetivo caracterizar o cenário socioespacial do Salvador retratado na literatura do poeta, identificando e analisando os problemas urbanos daquela época e a percepção do poeta do seu espaço vivido. A partir do objetivo proposto, opta-se por uma metodologia de caráter qualitativo, sob a forma documental, bibliográfica e da memória oral. Também são apresentadas as reflexões teóricas que balizam a pesquisa a partir dos conceitos: espaço urbano, lugar e cotidiano. Os cordéis de Cuíca se tornam um rico instrumento de época por documentar fatos e fotos da cidade e contribuir para que se conheça a geografia, o cotidiano, os costumes, os modos de produção, enfim, a estrutura socioespacial que retrata as singularidades da cidade, do lugar, das pessoas, dos seus valores e vivências nesses espaços. Procura-se, nesta pesquisa, estabelecer um liame entre a Geografia, a Literatura de Cordel de Cuíca de Santo Amaro e as fontes investigadas e revelar o lugar do poeta na cidade e o cotidiano da mesma, pela ótica de um poeta popular que cria uma geografia própria e impregna os lugares por onde circula deixando nestes a sua marca. Observa-se que a interdisciplinaridade apresenta-se claramente nos textos cordelísticos de Cuíca de Santo Amaro e revela dados significativos para os estudos geográficos. Logo, contribui, de forma lúdica, para o entendimento do espaço urbano, do lugar e do cotidiano em outro contexto, permitindo uma multiplicidade de olhares sobre a cidade e seus moradores.

PALAVRAS-CHAVE: Geografia urbana. Literatura de Cordel. Cuíca de Santo Amaro. Cidade do Salvador.

ABSTRACT

The dialog between Geography and Cordel Literature by Cuíca de Santo Amaro stimulates an exciting reading about the urban space in Salvador city during 1940-1960. In that time, the poet acts in the city like any other common character compounding the human geography from that place. The object of this paper is the urban space represented by the cordelist Cuíca de Santo Amaro. It aims to characterize the social scenario in Salvador represented by the poet's literature, identifying and analyzing the urban problems of that time and the poet's perception about the place where he lives. Based on this objective it is organized a qualitative methodology supported by documents, bibliography, and oral memory. It is also presented the theories which support this research within the concepts: urban space, place and daily routine. Cuíca's cordel stories become a rich tool from that time because it documents facts and photos of the city and it also contributes to know the Geography, daily routine, customs, ways of production, and the social and spatial structure that shows the singularities of the city, place, people, their values and way of life in these places. This research tries not only to established a link between Geography, Cuíca's de Santo Amaro's Cordel Literature, and the investigated sources but also reveal the poet's position in the city and his view about the city day by day. The poet creates an own geography and leaves his characteristics in the places where he passes by. Interdisciplinarity is easily seen in Cuíca de Santo Amaro's Cordel texts and reveal important data to geographic studies contributing to understand the urban space, place and daily routine in other context, allowing a multiplicity of views about the city and its inhabitants.

KEY-WORDS: Urban Geography. Cordel Literature. Cuíca de Santo Amaro. Salvador City.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Transportes coletivos - 1952..... 89

TABELA 2 – Tabela de emergência para lotação e caminhões - 1955..... 96

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APB – Arquivo Público da Bahia

CBTU – Companhia Brasileira de Trens Urbanos

FUNCEB – Fundação Cultural do Estado da Bahia

IRDEB - Instituto de Radiodifusão Educativa da Bahia

SMTC – Serviço Municipal de Transporte Coletivo

UESF- Universidade Estadual de Feira de Santana

SVOP – Serviço de Vigilância Operação-Limpeza

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Vista da Baía de Todos os Santos, Maio 2009	42
Figura 2 –	Vista da Baía de Todos os Santos, Maio 2009	42
Figura 3 –	Plano Inclinado Gonçalves, entrada na Cidade Alta. Maio 2009	43
Figura 4 –	Plano Inclinado Gonçalves, entrada na Cidade Baixa. Maio 2009	43
Figura 5 –	Plano Inclinado Pilar, entrada em frente ao Largo da Cruz do Pascoal, Cidade Alta. Maio 2009	44
Figura 6 –	Balanças do Plano Inclinado Pilar. Maio, 2009	44
Figura 7 –	Plano Inclinado Pilar, entrada na Rua do Pilar, Cidade Baixa. Maio 2009	44
Figura 8 –	Planta do Centro da Cidade do Salvador. Fonte: TORRES (1969)	45
Figura 9 –	Praça Cairu 1940 – Ao fundo, o Mercado Modelo.	47
Figura 10 –	Praça Cairu, Maio 2009	47
Figura 11 –	Mapa Temático, 2008	50
Figura 12 –	Localização da Ladeira da Preguiça, Salvador-Ba.	52
Figura 13 –	Elevador Lacerda década de 40, séc. XX.	59
Figura 14 –	Elevador Lacerda, vista da Praça Castro Alves. Maio 2009	59
Figura 15 –	Mapa temático, 2008	61
Figura 16 –	Estação da Calçada em fins de construção, em 1861. Acervo Flavio Cavalcanti	62
Figura 17 –	Estação da Calçada, Maio, 2009	62
Figura 18 –	Elevador Lacerda. Entrada na Cidade Alta. 1932	65
Figura 19 –	Elevador Lacerda. Entrada na Cidade Alta. Maio. 2009	65
Figura 20 –	Mapa Temático	66
Figura 21 –	Rua Chile 1961.	69
Figura 22 –	Rua Chile, Maio 2009	69
Figura 23 –	Ladeira do Pelourinho. Década de 40 séc. XX.	71

Figura 24 –	Ladeira do Pelourinho. Junho, 2009.	71
Figura 25 –	Mapa Temático, 2009	75
Figura 26 –	Gare Estação Calçada, Maio 2009	76
Figura 27 –	Embarque/desembarque - Estação da Calçada	76
Figura 28 –	Elevador do Taboão, Cidade Baixa. Maio, 2009	82
Figura 29 –	Elevador do Taboão, Cidade Baixa. Maio, 2009	82
Figura 30 –	Prédio da Associação dos Empregados do Comércio na Bahia. Esquina da Rua da Ajuda com a do Tira Chapéu, 2009.	83
Figura 31 –	Transportes Coletivos, Fonte: COSTA. 1952	85
Figura 32 –	Transportes Coletivos, Fonte: COSTA. 1952	86
Figura 33–	Bonde é manga de colête. Fonte: O Imparcial 11 de Nov. de 1943	91
Figura 34 –	Rampa do Mercado, 1949. Fonte: Correio da Bahia, 2001	118
Figura 35 –	Rampa do Mercado, 1950. Fonte: Correio da Bahia	118

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**	17
2	**GEOGRAFIA E LITERATURA DE CORDEL: UM ENTRELAÇAMENTO POSSÍVEL**	24
2.1	IMAGENS DA CIDADE EM TEXTOS LITERÁRIOS E LETRAS DE CANÇÕES	30
2.2	GEOGRAFIA E LITERATURA DE CORDEL: BREVES CONSIDERAÇÕES	35
3	**O(S) LUGAR(ES) DO POETA NA CIDADE DA BAHIA**	41
3.1	A CIDADE E O POETA	49
3.2	OS LUGARES DE ENUNCIAÇÃO COMO MARCA DO POETA	56
3.3	O OLHAR DO POETA SOBRE A CIDADE	68
4	**O COTIDIANO DA CIDADE DO SALVADOR EM CORDÉIS DE CUÍCA DE SANTO AMARO**	79
4.1	A CIDADE ENTRE TRILHOS E RODAS	81
4.2	CUÍCA DE SANTO AMARO: CRONISTA DO COTIDIANO DA CIDADE	90
4.3	TRAGÉDIAS QUE MODIFICAM A ROTINA DA CIDADE	100
5	**RETRATOS DA CIDADE EM CORDÉIS DE CUÍCA DE SANTO AMARO**	105
5.1	TRANSFORMAÇÕES NA FISIONOMIA DA CIDADE	107
5.2	COMÉRCIO INFORMAL EM FOCO: DESORGANIZAR PARA ORGANIZAR	116
CONCLUSÃO		128
REFERÊNCIAS		133
APÊNDICES		144

1 INTRODUÇÃO

> O mundo da Rampa do Mercado se delicia com os folhetos de Cuíca de Santo Amaro. Ali, próximo ao Elevador Lacerda, vós o encontrareis, ao poeta. Seu chapéu-coco, envelhecido de muitos invernos chuvosos, os cartazes cobrindo as costas e o peito, o rosto alegre, cantando seus versos para os que passam. Por vezes, os capitães da areia se reúnem em torno dele para ouvi-lo. E soltam suas gargalhadas, aplaudindo os trechos mais cômicos ou mais heróicos. Vêm negras e negros, mulatos das docas e portugueses do mercado, vendedores de peixe e camponeses do recôncavo, e levam os folhetos mal impressos onde os versos antifascistas de Cuíca de Santo Amaro dizem da guerra e dos homens que lutam pela liberdade contra o terror. (AMADO, 1967, p. 234)

Analisar o espaço urbano através das lentes da literatura de cordel de Cuíca de Santo Amaro[1] reporta a uma Salvador registrada na memória das pessoas que aqui viveram em meados do século XX, como é possível perceber na citação em epígrafe, do poeta Jorge Amado, contemporâneo do cordelista.

A cidade do Salvador tinha uma dinâmica própria, era fruto do seu tempo. Nesse período, os meios de comunicação não tinham a abrangência e divulgação como na atualidade. A cultura popular era bastante difundida, tendo sempre um público fiel, pois grande parcela da população não tinha acesso às publicações e mantinha-se informada sobre o cotidiano da cidade através da literatura de cordel. Como informa Luyten (2005, p. 8) “a literatura de cordel é considerada um dos elementos de maior comunicabilidade dos meios populares”.

A literatura de cordel é produzida a partir da narrativa popular, inicialmente verbalizada e depois impressa em folhetos, os quais eram expostos para venda de forma original, dependurados em cordas ou cordéis ou expostos no chão. Segundo o Prof. Raymond Cantel (1976), da Sorbonne, a mais simples definição sobre cordel seria “Poesia narrativa, popular, impressa”.[2]

De acordo com Maior (1976, p.7) a literatura popular recebe outras denominações em várias partes do globo como na “França – *literatura de colportage*

[1] Cordelista baiano (1907-1964).

[2] Esta foi a definição que o professor Raymond Cantel deu ao ser questionado sobre o significado do que seria o cordel. Este questionamento ocorreu quando participava de um ciclo de estudos sobre literatura de cordel na cidade de Fortaleza em 1976, evento patrocinado pela Universidade Federal do Ceará. CAMINHOS DE GEOGRAFIA. Disponível em: http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html. Acesso em: 30 jul. 2009.

(literatura ambulante); na Espanha – literatura de *pliegos sueltos* (literatura de folhas soltas ou literatura de cordel); e, em Portugal – literatura de cego". O estudioso ainda informa que essa expressão literatura de cego foi muito utilizada no século XVIII, especialmente, entre os portugueses a partir de 1789, após D.João V ter promulgado uma Lei que permitia à Irmandade dos Homens Cegos de Lisboa negociar com esse tipo de publicação. Aqui, no Brasil, o autor cientifica que essa literatura foi introduzida no século XIX, pela livraria Garnier, de Paris, por intermédio da sua filial no Rio de Janeiro.

Ainda se pode indicar a forte influência Ibérica na formação desse modelo de poesia popular. Esse tipo de narrativa foi abraçada pela cultura popular e pelos artistas que cantavam seus repentes ao som de viola. Segundo Curran (1969), foi da junção das duas tradições a literatura popular Ibérica e a prática dos improvisadores do nordeste brasileiro é que nasceu a literatura de cordel nordestina.

Muitas foram as reportagens transformadas em versos, trazendo à superfície uma Salvador não conhecida por todos, mas visualizada através desse tipo de poesia, permitindo ao leitor/ouvinte adentrar no imaginário da cidade da Bahia (nome como muitas pessoas se referiam a cidade do Salvador, naquele período), como o faz Cuíca que, por abordar sempre temáticas variadas, tem a prerrogativa de perceber e expressar como se dão as relações nos espaços urbanos e as transformações que estes sofrem ao longo do tempo, estabelecendo um diálogo entre a Literatura de Cordel e a Geografia, principalmente porque são marcados pelas atividades humanas que neles são exercidas. Em tais espaços, as pessoas se articulam, vivem, moram, transitam, trabalham, divertem-se, apropriando-se dos mesmos, estabelecendo relações cotidianamente.

É através deste contato homem, espaço, sociedade e as relações estabelecidas por esses elementos que a literatura de cordel consegue delinear o espaço urbano e as relações de produção nele estabelecidas, sendo utilizada como uma fonte identitária bastante significativa, já que, através de seus versos, os cordelistas deixam registrados o caminhar de um povo, como o faz o poeta em estudo.

Percebe-se, então, que Cuíca de Santo Amaro extrapolou a temporalidade de suas produções, permitindo que o leitor adentrasse no seu universo através dos sentidos e das várias linguagens, o que contribuiu para eternizar a sua memória. E é no sentido de ressignificar a memória geográfica de sua literatura que esta pesquisa se justifica no âmbito acadêmico, pois busca estabelecer as relações entre o fato

histórico e o geográfico, tendo como base a literatura de cordel. A originalidade deste trabalho consiste em fazer uma nova abordagem sobre as produções literárias de Cuíca de Santo Amaro, buscando-se dar maior visibilidade à geografia e o cotidiano da cidade do Salvador, em meados do século XX, implícitos em seus versos.

Do ponto de vista social, a presente pesquisa fornece uma análise do cordel e do cordelista oferecendo subsídios para professores e alunos na compreensão da importância do uso literatura como fonte geográfica e histórica e a partir de interdisciplinaridade buscar, nos cordéis pesquisados, investigar os espaços geográficos e os aspectos sociais em temporalidades e contextos diferentes implícitos em sua obra.

O objeto investigado é o espaço urbano representado na obra do cordelista Cuíca de Santo Amaro. A partir de suas produções literárias, foi possível considerar o cenário socioespacial da cidade do Salvador e apontar as áreas de atuação deste cordelista, delimitando-as como palcos de enunciação dos seus cordéis. A principal área de estudo é o Antigo Centro da Cidade do Salvador, abrangendo a Cidade Alta, a Cidade Baixa e suas adjacências.

Com relação à problemática, questiona-se em que medida a Literatura de Cordel de Cuíca de Santo Amaro exprime as características socioespaciais do Salvador em meados do século XX, até que ponto essa literatura identifica e caracteriza os problemas urbanos daquela época e como o poeta se apropria dos lugares, demarcando-os na cidade do Salvador.

Sabe-se que os cordéis de Cuíca de Santo Amaro apresentam aspectos políticos, socioculturais de Salvador em meados do século XX. A partir de tais folhetos, é possível identificar os problemas urbanos da época e a percepção do poeta do seu espaço vivido. Traça-se, então, como objetivo geral desta pesquisa caracterizar o cenário socioespacial de Salvador retratado na literatura de cordel de Cuíca de Santo Amaro, identificando e analisando os problemas urbanos daquela época e a percepção do poeta do seu espaço vivido. Para tanto, alguns objetivos específicos foram essenciais: caracterizar as questões urbanas referenciadas por Cuíca de Santo Amaro; espacializar as áreas urbanas referenciadas nesta obra e delimitar o lugar do poeta na cidade do Salvador.

Utilizando o estudo de caso, a abordagem do problema foi realizada através de pesquisas qualitativas. Para tanto, foram utilizados os folhetos de cordel de autoria

de Cuíca de Santo Amaro, restringindo-se o estudo àqueles escritos entre as décadas de 1940 - 1960. Dentre suas publicações, foram delimitados como *corpus* os folhetos de temática política e sensacionalista, a partir dos quais se tornou possível adentrar no contexto geográfico, político e social baiano do período, percebendo-se como o perfil geográfico e o cotidiano eram retratados pela cultura popular, compreendo-se o cenário político social baiano naquele contexto.

A pesquisa delineada teve, preferencialmente, uma marca descritivo-analítica. Em princípio, foram mapeados os folhetos do poeta, separando-se os que se encaixavam no eixo temático definido como *corpus*. Em seguida, fez-se um levantamento do cenário geográfico, político e social do mesmo período para que se pudesse estabelecer um paralelo entre estes, identificando àqueles que deram sustentação ao trabalho, aqui definido. Esse procedimento foi feito a partir da análise das ocorrências levantadas. Para tanto, realizou-se uma interface com a História, buscando-se investigar os contextos históricos e sua influência nesse período, no sentido de auxiliar o estudo realizado.

Também foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com a utilização de fontes de grande valor como livros, jornais, reportagens, filmes, documentários que contribuíram com o estudo, permitindo revelar o trajeto, particularidades da vida e da obra do pesquisado. A memória oral foi outra fonte empregada de grande importância. Através de entrevistas realizadas com pessoas contemporâneas ao poeta, pesquisadores e familiares do mesmo buscou-se maiores informações sobre ele e sua obra no período delimitado, o que contribuiu para dar maior sustentação à pesquisa empreendida.

Tornou-se também essencial a consulta a Biblioteca Pública do Estado da Bahia, ao Arquivo Público da Bahia (APB) e aos Institutos e Fundações nos quais foi possível encontrar dados sobre o tema em estudo. No decorrer da pesquisa, surgiram outras fontes como, por exemplo, a Internet, que representou um expediente auxiliar para o estudo.

Adotou-se o método dialético, a partir da compreensão de que os eventos não devem ser observados dissociados de um contexto socioeconômico, político e cultural, pois, a correlação dos fenômenos faz coexistir as partes e a totalidade, baseando-se assim, na Lei da Interação Universal Dialética. Essa pesquisa foi ancorada na 1ª Lei da Dialética - Lei da Interação Universal ou da Conexão “(nada é isolado; cada fenômeno no conjunto de suas relações com os demais fenômenos),

ou: as partes e a totalidade.” (SPOSITO, 2004, p. 63). Assim, este método viabilizou o estudo, possibilitando a interpretação da realidade socioeconômica, política e cultural da cidade do Salvador, em meados do século XX, e dos seus problemas urbanos, explicitados na obra de Cuíca de Santo Amaro.

Os métodos de procedimentos realizados foram: o histórico, no sentido de possibilitar a composição do cenário sócio-político e cultural de atuação de Cuíca de Santo Amaro na cidade do Salvador; os de análise a fim de propiciar a compreensão de como os cordéis de Cuíca retratam as questões urbanas da cidade; o comparativo, para favorecer a confrontação das publicações de Cuíca com a mídia impressa do período em estudo, e o cartográfico, com a finalidade de delimitar e mapear as áreas de atuação do poeta na cidade do Salvador.

Quanto às técnicas de pesquisa e os instrumentos de coleta de dados, estes foram realizados em fontes primárias através da pesquisa documental em arquivos públicos e particulares; cordéis, fotografias, boletins, filmes, documentários, tendo como instrumentos as publicações de organismos e documentos pessoais e folhetos do cordelista em estudo.

Com relação às fontes secundárias, foi essencial a consulta às bibliografias gerais de referência, e em Ciências Humanas. Foram utilizados livros, artigos, teses, resenhas, relatórios de pesquisa e periódicos que tratam do objeto de estudo. A pesquisa direta e de campo foi essencial, sendo realizada através das entrevistas/depoimentos de pessoas que foram contemporâneas do poeta, partindo-se do pressuposto de que a memória é um riquíssimo instrumento para revisitar os lugares do poeta, na cidade do Salvador – Bahia, guardados na memória dos depoentes.

A população útil contemplada pela pesquisadora foram os familiares, contemporâneos e conhecedores da obra do cordelista. Adotou-se a amostragem não-probabilística intencional por cotas com o propósito de intervir e obter uma representação mais fiel possível da população e maior rigor na coleta e análise dos dados. As tabulações das informações foram computadorizadas. As questões abertas (entrevistas/depoimentos) foram tabuladas mediante processo de categorização. Inicialmente, fez-se a abertura dos instrumentos, transcrevendo-se as respostas. Após a codificação e classificação dos dados, fez-se a tabulação. A sistematização reduzida estará composta por duas categorias: característica dos

informantes e respostas para as perguntas sobre a vida e obra do pesquisado, bem como os lugares nos quais ele enunciava seus cordéis.

Quanto à análise e a interpretação do conteúdo, estas foram qualitativas, a quantidade de entrevistados foi condizente com os dados obtidos, nas entrevistas pessoais sendo, portanto, representativa da população.

Tratando-se de uma pesquisa qualitativa, não deve ser um problema o número de pessoas a serem investigadas, pois a representatividade da amostra é o que é realmente relevante. Logo, com esta amostra, acredita-se que foram alcançados os objetivos propostos neste estudo.

Na introdução, são tecidas algumas considerações sobre a literatura de cordel e sua inserção nos espaços da cidade. Expõe-se a problemática que suscitou a pesquisa, o objeto de investigação, a justificativa, os objetivos gerais e específicos, bem como o método de pesquisa. Ainda são indicados os procedimentos metodológicos que possibilitaram a realização do estudo.

No segundo capítulo aborda-se sobre a literatura e sua importância como fonte geográfica e o seu papel no processo de construção da história, enquanto documento que retrata a cidade, o lugar dando visibilidade aos mesmos. Busca-se em textos literários, músicas, filmes, pinturas entre outras formas de linguagens, leituras diferenciadas desses espaços a partir do entrelaçamento entre a geografia, a literatura de cordel e a memória oral. Adentra-se o universo cordelístico de Cuíca de Santo Amaro trazendo à tona a cidade do Salvador, entre as décadas de 1940-1960, a partir de seu espaço vivido. Também são apresentadas as reflexões teóricas que balizaram a pesquisa a partir dos conceitos: espaço urbano, lugar e cotidiano.

No terceiro capitulo, apresentam-se algumas reflexões sobre o conceito de lugar, enquanto dimensão da vida, na perspectiva de Milton Santos e Ana F. A. Carlos, estabelecendo um diálogo com os cordéis de Cuíca e os depoimentos sobre o poeta, trazendo em contíguo os lugares “apropriados” por ele em suas demandas diárias na luta pela sobrevivência. Entende-se como “lugares do poeta” aqueles guardados na memória dos depoentes a partir das revelações feitas que permitam a visualização dos mesmos, ressignificando-os, no contexto da cidade do Salvador, em meados do século XX. Discute-se, também, sobre questões do cotidiano e apresenta-se a análise de um cordel que versa sobre um incêndio de grandes proporções ocorrido na cidade no período estudado.

No quarto capítulo, trata-se sobre o cotidiano da cidade do Salvador a partir da análise de dois cordéis de Cuíca de Santo Amaro e dos depoimentos de contemporâneos do poeta. Discute-se sobre os meios de transportes coletivos utilizados naquele contexto e suas implicações no âmbito da cidade, fazendo-se um entrelaçamento entre a geografia e as fontes orais, escritas, midiático-fonográficas, para ter uma maior compreensão do período estudado.

No quinto, explana-se sobre o aspecto “higienista” imposto a cidade no governo municipal na década de 1960, a partir de alguns cordéis de Cuíca de Santo Amaro, dos periódicos consultados e dos depoimentos concedidos. Observa-se a nova organização da cidade e os modernos equipamentos instalados em vários pontos da mesma, na tentativa de se ter uma cidade mais limpa. Faz-se uma abordagem sobre a reorganização do comércio informal, na Cidade Baixa, e a transferência dos feirantes e suas barracas para outros bairros da cidade.

Na conclusão são tecidos os resultados obtidos durante o processo de pesquisa e análise das fontes. Apresenta-se uma apreciação sobre o valor deste trabalho a partir de uma perspectiva geográfica em consonância com a Literatura de Cordel, de Cuíca de Santo Amaro. Apontam-se também algumas possibilidades de estudos que abarquem estas áreas do conhecimento. Após a parte textual, encontram-se dispostas as referências bibliográficas, os anexos e apêndices.

2 GEOGRAFIA E LITERATURA DE CORDEL: UM ENTRELAÇAMENTO POSSÍVEL

> Literatura é na essência, invenção e memória. E a memória é o ponto de partida da imaginação. (PINHEIRO, 2005, p. 59)

A Literatura de Cordel tem desempenhado um papel muito importante em todo o processo de construção de nossa história, pois os poetas populares, através de seus versos deixam para a posteridade a possibilidade de apreender determinados períodos que marcaram uma época. Desse modo, contribuem, através da sua arte, que se torna um documento de época, para que se conheça a geografia, os costumes, as tradições, os modos de produção, enfim, toda uma estrutura social, política, econômica e cultural que retratam as singularidades de um tempo, de uma cidade, de um lugar, das pessoas, de suas vivências e valores, nesses espaços.

No texto “Literatura de Cordel” (2007, p. 22-25), publicado pelo Laboratório de Poéticas, em versão impressa e digital, discute-se sobre a inserção, importância e receptividade desta literatura aqui no Brasil, especialmente no Nordeste brasileiro. Nesta, menciona-se que “antes da evolução do rádio, do jornal e da TV, a literatura de cordel prestava grande serviço, tanto como fonte de informação quanto servindo de cartilha onde os sertanejos aprendiam a ler”, também defende que “era através do cordel que o povo simples se alfabetizava e se inteirava dos acontecimentos históricos, atualidades, fofocas, ficção, política, romances etc.” Ainda assinala que “grandes escritores como Guimarães Rosa, Graciliano Ramos, José Lins Rego e João Cabral de Melo Neto foram influenciados por essa forma de literatura popular.” Cita que:

> Toda a obra de Ariano Suassuna é baseada na literatura de cordel. A peça O Auto da Compadecida foi escrita inicialmente em um ato, a partir do cordel O Julgamento do Cachorro, de Leandro Gomes de Barros. Mais tarde Ariano acrescentou mais dois atos, tendo como base outros dois cordéis. (Literatura de Cordel, 2007, p.24)

Na Bahia a literatura de cordel sempre teve muita repercussão, sobretudo na cidade do Salvador, onde cordelistas se estabeleceram por encontrarem nesta um ambiente receptivo para suas produções. Wanke (1983, p.119-120) dá pistas sobre

quem são estes poetas da terra: “quanto aos trovadores realmente baianos, mais antigos ou pelo menos na década de 1930, Rodolfo dá-me noticias de alguns”. São eles: Permínio Walter Lírio, Augusto Ferraluzo, Silvino Teles, Heráclito Amorim, Aristeu Guerra Moreira e Cuíca de Santo Amaro.

O pesquisador alega que também havia espaço para os cordelistas que vinham de outros estados brasileiros para divulgar e vender suas produções aqui. Um desses poetas é Rodolfo Coelho Cavalcante, natural de Alagoas. O pesquisador fez um estudo a respeito da vida e obra deste poeta que resultou em um livro biográfico intitulado: “Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante”, publicado em 1983 pela Folha Carioca Editora Ltda, no Rio de Janeiro. Neste, ele faz alusão às atividades profissionais deste:

> [...] folheteiro profissional editando e vendendo seu produto poético; jornalista e editor de jornais e revistas; líder de sua classe; fundador de associações, promotor de congressos, representante dos da sua profissão perante a opinião pública e autoridades; mestre dos seus pares folheteiros, incentivando os novos através, inclusive, da edição de seus trabalhos, e orientando os antigos, não permitindo que se prejudiquem perante as autoridades (por exemplo com folhetos licenciosos) e coordenando e direcionando suas atividades; porta-voz da própria literatura de cordel, junto a imprensa, em universidades e entidades culturais, onde faz palestras e conferências, e onde também discute com os estudiosos do cordel, ou seja, daquilo que é a sua profissão;trovador e poeta no sentido literário, também; repentista, “show man”, comunicador, cativador de platéias; etc. e põe etc. nisso! (WANKE, 1983, p.106)

Pode-se elencar alguns de seus cordéis como: “O que é que a Bahia tem” ou “A Bahia na voz do Trovador”. Além desses dois, vale ressaltar que o trovador possui uma vastíssima produção, dentre estas, cite-se: “A morte de Cosme de Farias – o bem feitor da pobreza”, escrito em um período posterior estudado (1972), mas que demonstra como o cordel pode ser utilizado para fins diversos. Neste, Rodolfo conta sobre a vida e morte de uma grande personalidade baiana, o Major Cosme de Farias, um homem preocupado com as questões sociais e que dedicou a sua vida na defesa dos pobres e necessitados, engajando-se também na luta contra o analfabetismo, criando a Liga Bahiana Contra o Analfabetismo. Observe os versos abaixo:

> Salvador está chorando
> Com a mais justa razão
> Por que Cosme de Farias
> Se tornou um Pavilhão
> Pelos seus valores mil

> Grande vulto do Brasil
> No setor de educação (f.3)
>
> Cosme foi o fundador
> Pelo seu alto civismo
> Da Liga que era chamada
> Contra o Analfabetismo
> Antes de nascer o MOBRAL
> Êle em nossa capital
> Tinha o mesmo idealismo
>
> CARTILHAS DO ABC
> Espalhou em quantidade
> Em Salvador, nos subúrbios
> E em quase tôda a cidade,
> Sua preocupação
> Era servir a instrução
> Para o bem da mocidade! (f.5)
>
> Gente humilde do Retiro,
> Do bairro de São Caetano,
> Pau Miúdo, Amaralina,
> Todo povo suburbano,
> Realmente lhe adorava
> Por que ele o amparava
> Pelo modo mais humano. (f. 6)
>
> Silêncio Bahia, os sinos
> Badalam nas Catedrais...
> È teu filho estremecido
> Que partiu p'ra nunca mais,
> Deixando a eterna lembrança
> No coração da criança
> Para um futuro de paz! (f.8) (CAVALCANTE, 1972)

Nesta poesia fica evidenciada uma das funções do cordel: informar e ao mesmo tempo ser um instrumento de rico valor para preservação da memória, bem como formação da cidadania.

Torna-se claro a importância deste cordelista no âmbito da cidade e a forma como, tanto ele, quanto Cuíca de Santo Amaro ganham visibilidade nacional, a partir da reportagem publicada na Revista O Cruzeiro de 26 de outubro de 1946, sob o título "Trovadores da Bahia", feita por Odorico Tavares com fotos de Pierre Verger, nas quais ele focaliza os dois poetas fazendo aquilo que mais sabiam: divulgar e vender os seus cordéis com um contato direto com o público.

Wanke (1983, p. 125-138) traz uma cópia desta reportagem, da qual se extraiu este fragmento em que ele compara os dois cordelistas:

> Entre ele e Rodolfo há o traço comum da popularidade, pois ambos são legítimos poetas das multidões, da Rampa do Mercado, da Liberdade, do

> "Japão" [3]. Das cidades do interior, dos longínquos sertões. Mas ambos cantam motivos diferentes. Cuíca é um satírico, um "poeta social". Rodolfo é o vate do patético, do dramático, que faz muita preta forte comover-se até às lágrimas, ouvindo seus versos.

Observa-se que os dois poetas são apontados como legítimos representantes da poesia popular. Possuem estilos diferentes, entretanto, a seu modo, cada um deles apresenta, canta a cidade e suas questões.

Compreende-se que este tipo de literatura foi e continua sendo de grande importância para a preservação da história e memória do cotidiano brasileiro, na medida em que os poetas deixam registrados em seus versos os fatos diários delineando o perfil da sociedade brasileira em seus contextos econômico, socioespacial, histórico e cultural. Sobre a relevância da literatura de cordel, Matos (2004, p.76) explica que "funcionava como o grande jornal do povo, era o veiculo de comunicação por excelência, pois refletia o eco das vozes dos poetas populares". A autora ainda aponta que estes eram os "transmissores de noticias sem reticências, sem manobras, sem censuras."

A literatura de cordel de Cuíca de Santo Amaro ocupava um espaço de fundamental importância no cotidiano da cidade do Salvador. Nele, segundo Matos (2004, p. 127), "personalidade e obra se confundem. O protagonista é real, os feitos é que são ou não fabulosas histórias ou episódios verdadeiros", E ele soube inscrever seu nome na história da cidade do Salvador – Bahia. É através dos seus versos de opinião que ele registrou sua identidade nos locais por onde passava, com versos que se imiscuem nos lugares percorridos por ele, revelando a todos a geografia da cidade, retrato de uma época.

Para melhor compreensão da obra desse poeta, torna-se necessário delinear um breve perfil: José Gomes, poeta cordelista, nascido na cidade de Salvador, em 19 de março de 1907, proveniente de família pobre, católica, nasceu no dia de São José, motivo pelo qual recebeu este nome. Cuíca de Santo Amaro faleceu no dia 23 de janeiro de 1964, sem revelar por que motivo passou a usar esse pseudônimo. Quanto a sua identidade, esta é construída mediante relacionamentos afetivos e lutas para ascender socialmente. Criou uma história diversificada com pessoas de diferentes etnias e classes sociais, a partir de convivências e relações nem sempre pacíficas nas ruas do Salvador. Matos (2004, p. 129) assevera que este era

[3] Nome dado a uma feira livre localizada no bairro da Liberdade em Salvador-Bahia.

certamente “o traço único que o distinguia de outros poetas populares – o grande poder de manter o povo boquiaberto, entre espantado e gargalhante, com sua maneira de reinventar pequenos detalhes do dia-a-dia.”

Sendo assim, versejando, Cuíca apresentou o perfil socioespacial urbano do Salvador. Extravasou em seus versos suas revoltas com a situação de miséria a que estava submetida grande parte da população e também se posicionou contra os políticos denominados por ele de “embromadores do povo”. Ainda através dos seus cordéis fez críticas ferrenhas e mordazes, denunciando, principalmente, os políticos e as mazelas cotidianas da cidade.

Certamente, este era o diferencial entre Cuíca e os outros cordelistas, seus contemporâneos: ele compunha seus versos de modo original, fugindo às regras formais na escrita do cordel. A sua personalidade impregnava seus versos e essas *nuances* são perceptíveis não só nos seus cordéis, como também na memória das pessoas que lhe foram contemporâneas. Estas relembram fatos descritos por ele nos seus versos e fazem sempre uma correlação entre o poeta e a sua trajetória na cidade. Através de sua vida e publicações, pode-se visualizar o cotidiano e a mentalidade das pessoas que viveram em Salvador em meados do século XX, palco de grandes lutas, rebeliões e conchavos políticos.

Muitas são as publicações que fazem referência a ele. Através dos olhares de vários autores, pode-se ter uma noção da sua importância como um dos representantes da literatura de cordel aqui na Bahia. Dentre estes, vale destacar Jorge Amado, contemporâneo do poeta e de sua obra e por quem declarou sua admiração pessoal, imortalizando-o em várias de suas publicações, a exemplo Bahia de Todos os Santos (1967), na qual ele discorre sobre o poeta e a importância de suas publicações no contexto da cidade do Salvador nas décadas de 1940 a 1960.

Edilene Matos também se debruçou sobre a vida e obra deste cordelista, biografando-o no livro Ele o Tal Cuíca de Santo Amaro (2007), edição comemorativa de centenário do poeta. Cite-se também outras publicações da pesquisadora como: Cuíca de Santo Amaro: o boquirroto de megafone e cartola (2004); Notícia biográfica do poeta popular Cuíca de Santo Amaro, Salvador, UFBA, (1985).

Outra publicação sobre o poeta é a reportagem “Cuíca de Santo Amaro – O clamor do povo”, escrita por Adriana Jacob (2003), no Correio da Bahia. Nesta, a autora faz um esboço da vida e obra do poeta, com depoimentos de escritores,

teatrólogos, jornalistas, dentre outros, os quais retratam o percurso, as peculiaridades da vida e obra dele.

Joseph M. Luyten (2005), em seu livro “O que é Literatura de Cordel”, também se reporta ao trovador, destacando-o como um dos seis poetas mais importantes no contexto da literatura de cordel brasileira.

Pode-se elencar, também, o brasilianista Mark J. Curran (1969,1990, 2000), que conheceu Cuíca de Santo Amaro a partir das publicações de Jorge Amado e, sentindo-se instigado a esmiuçar mais profundamente as publicações do poeta, pesquisa sobre ele, o que resulta em algumas publicações: Cuíca de Santo Amaro: o poeta-repórter da Bahia (1990), publicação em que ele aponta Cuíca de Santo Amaro como a síntese do trovador-repórter popular, identificando-o como um monumento à vida baiana popular e a tradição do jornalismo na literatura de cordel. Também publicou o livro Cuíca de Santo Amaro: controvérsias de cordel, (2000).

Sinéia Silveira (2007) é outra estudiosa que se volta para o universo cordelista de Cuíca, fazendo uma incursão léxico-semântica nos cordéis licenciosos e sensacionalistas deste, evidenciando a riqueza desse material. Numa interlocução com a memória oral, colhe depoimentos de contemporâneos de Cuíca e não só traça, a partir destes o perfil identitário do poeta como analisa semanticamente as metáforas sexuais presentes na sua produção.

Várias outras obras ligadas a Antropologia, História, Literatura, Folkcomunicação, dentre outras, reportam-se ao cordelista Cuíca de Santo Amaro. Como exemplo, cite-se Luís Beltrão (1980), Geraldo da Costa Leal (1996, 2000, 2002), Hildegardes Vianna (1973, 1994), Rodolfo Coelho Cavalcante (1964), Joseph M. Luyten (2005), Darwin Brandão & Motta e Silva (1958) entre outros estudiosos.

Ele também teve visibilidade no cinema nacional através das lentes do cineasta Roberto Pires, que se inspirou e se valeu do poeta e sua arte, representando-o como o personagem que fez a abertura e o final do filme A Grande Feira (1961), enunciando a grande tragédia que, anos mais tarde de fato aconteceu com a feira de Água de Meninos, cenário onde se produziu a película.

Outro que cedeu aos encantos de Cuíca de Santo Amaro foi Dias Gomes, criando o personagem Dedé Cospe Rima, no filme O pagador de promessas (1962). Percebe-se, então, que Cuíca de Santo Amaro extrapolou temporalidade de suas produções, permitindo que o leitor adentrasse no seu universo através dos sentidos

e das várias linguagens e tecnologias, o que contribuiu para eternizar a sua memória.

2.1 IMAGENS DA CIDADE EM TEXTOS LITERÁRIOS E LETRAS DE CANÇÕES

A literatura nas suas diversas expressões permite fazer uma leitura do mundo, da cidade e dos lugares através de suas lentes. Tem o poder de suscitar nos leitores sentimentos diferenciados e possibilidades de conhecer lugares e contextos diversos a partir de realidades individuais e/ou coletivas que expressam as vivências daqueles que transitam por seus espaços.

A escrita da cidade através da literatura é bastante peculiar, principalmente por ser uma abordagem que instiga e dá prazer, e, como afirmam Pinheiro & Silva (2002, p. 8), “a literatura que trata (e tratou) de temas e personagens urbanos, pode ser resumida como um magnífico esforço de desvendar os mistérios do ser, olhando para a cidade”. Esta é cantada pelos poetas nos mais diferentes ritmos que encantam os que a vêem e conseguem perceber em seus traços a sua essência, não apenas a aparência de suas formas, possibilitando seu registro na memória daqueles que a visita, ou simplesmente, nela residem e dela se enamoram.

A cidade tem suas formas cristalizadas ao longo dos tempos, tornando-se um ícone para os que a habitam ou simplesmente a conhecem. Mas essas mesmas formas revestem-se de uma nova roupagem quando representadas nas diversas linguagens, (fílmica, romance, poesia, música), enfim, no imaginário do poeta, do compositor, do escritor. Estes escrevem sobre os espaços citadinos a partir de suas próprias experiências e reflexões sobre a cidade, o lugar, a rua, a casa, dentre outras, dando voz e vida a estes através da sua arte. E, neste diálogo, a geografia destes lugares deixa-se vislumbrar, descortinando-se em versos e prosa através dos personagens romanescos, na letra de uma canção, na poesia, no teatro, no cordel e em tantas outras formas e expressões de arte.

Nota-se, desta forma, a importância do diálogo entre a literatura e a Geografia no sentido de abrir novas possibilidades de leitura e compreensão do espaço geográfico. Marandola (2006, p. 64), alerta sobre o valor da literatura enquanto “documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, trazendo

elementos para se pensar a sociedade e o ambiente que constituam o ambiente do escritor", que seguramente retrata as singularidades de uma época, de um lugar, na medida em que pode desvendar as relações sociais, culturais e econômicas demarcadoras de um tempo.

Monteiro (2002, p. 86) indica que "os bons escritores captam eventos retratando os aspectos da condição humana que tiveram lugar". Observa-se que as formas da cidade apresentadas na literatura, em suas várias expressões, permitem ao geógrafo adentrar no contexto geográfico a partir de outros campos do conhecimento, de modo interdisciplinar, enriquecendo suas análises.

É perceptível que as cidades passam por transformações ao longo dos tempos em todos os seus aspectos: econômicos, sociais, físicos, estruturais. Estas modificações muitas vezes são transcritas em textos literários que apresentam uma nova escrita das mesmas, expondo o aspecto urbano de forma poética, tecendo novos olhares, decodificando-os. Monbeing (1957, p. 53) explicita que:

> Antes de escrever, o geógrafo deveria pôr-se em contato com a literatura, no sentido estrito da palavra, que existe sobre a cidade estudada: os arquivos, as estatísticas, os planos urbanistas, não ensinam mais que os passeios das moças no domingo à tarde na praça pública da cidade pequena, ou que as côres os sons, os odores da grande avenida principal da capital, a multidão de operários em alvoroço à saída da fábrica e a luz de um belo dia de sol sôbre as areias vermelhas e os arranha-céus.

Nesse sentido, observa-se que o estudo das cidades pode ocorrer não só a partir de dados estatísticos e/ou cartográficos, entre tanto outros estudos, mas deve, também, buscar elementos na literatura, no sentido de contribuir para o enriquecimento da pesquisa geográfica, o que abre um leque de possibilidades sobre os mesmos.

De acordo com Torres (1969, p. 23) "a Bahia seduz de tal modo, que tem inspirado aos musicistas belas composições, que são executadas e irradiadas em tôdas as partes do mundo, numa verdadeira consagração aos seus reais encantos". Compreende-se então como um simples olhar para a cidade pode suscitar diferentes leituras e formas de representá-la, pois cada um dos seus lugares sejam as praças, ruas, ladeiras, largos, becos, casarões enfim, tem se transformado e ganhado novos significados ao serem retratados em uma canção, poesia, romance, conto, tornando-as conhecidos e reconhecidos. Torres (1969, p. 23) ainda esclarece: "ao homem de

espírito e culto, não falta na Bahia assunto para empolgá-lo. Para o pintor e para o músico é ainda a Bahia um eterno tema às suas inspirações".

Carney (2007, p.147) afirma que "a música ajuda a criar uma ligação emotiva humana a um lugar particular, seja ele o lar, vizinhança, a cidade, o estado, a região ou a nação". Nesse sentido, ao analisar a cidade a partir da letra da canção "Bahia com H", de composição de Denis Brean (1947):

> Dá licença, dá licença, pra yôyô.
> Eu sou amante da gostosa Bahia, porém
> Pra saber seu segredo serei baiano também.
> Dá licença, de gostar um pouquinho só
>
> A Bahia eu não vou roubar, tem dó!
> Ah! Já disse um poeta que terra mais linda não há.
> Isso é velho e do tempo que a gente escreve Bahia com H!
>
> Deixa ver
> Com meus olhos de amante saudoso.
> A Bahia do meu coração
>
> Deixa ver
> Baixa dos Sapateiros, Charriou, Barroquinha, Calçada, Tabuão.
> Sou um amigo que volta feliz pra teus braços abertos, Bahia.
> Sou poeta e não quero ficar assim longe de tua magia!
>
> Deixa ver
> Teus sobrados, igrejas, teus santos, ladeiras e montes, tal qual um postal!
> Da licença de rezar pro senhor do Bonfim
> Salve! A Santa Bahia imortal, Bahia dos sonhos mil!
> Eu fico contente da vida em saber que Bahia é Brasil!

observa-se a cidade à luz da música e da poesia, as quais delineiam uma geografia carregada das vivências pessoais permitindo, através das mesmas, uma visão reveladora do espaço vivido e percebido e como tais relações se manifestam entre o indivíduo e a cidade como, por exemplo, a percepção das questões místicas e sociais implícitas em seus versos.

Nessas criações literárias, tornam-se evidentes os valores e os vínculos estabelecidos nesses espaços que transparecem nas letras das canções e revelam os lugares tecidos na memória onde as pessoas fincam suas raízes e sentimentos, como declara Pinheiro & Silva (2004, p. 24): "as experiências do escritor e do leitor se confundem, parceiros que são na ressignificação dos espaços reais, a ponto de tornarem-se cúmplices e companheiros". Pode-se, também, analisar o sentimento de pertencimento das pessoas pela cidade e seus lugares através dos laços que os

ligam, como canta Dorival Caymmi (1960) em sua composição “São Salvador”, que diz:

> São Salvador, Bahia de São Salvador
> A terra do Nosso Senhor
> Pedaço de terra que é meu
> São Salvador, Bahia de São Salvador
> A terra do branco mulato
> A terra do preto doutor
> São Salvador, Bahia de São Salvador
> A terra do Nosso Senhor
> Do Nosso Senhor do Bonfim
> Ô Bahia Bahia cidade do São Salvador
> Bahia oh, Bahia, Bahia cidade do São Salvador

Ao escutar essa canção, muitas pessoas podem se identificar com o autor ao decifrar os códigos simbólicos utilizados por ele e, ainda, ampliar as possibilidades de interpretação e percepção dos seus versos, de acordo com os significados que estes lhes oferece.

Pinheiro & Silva (2004, p. 23) asseguram que “as cidade estão e sempre estarão presentes nas indagações, nas angústias e descobertas dos escritores, como fonte da tessitura, da trama da experiência humana, como cenário da vida cotidiana”. Percebe-se que esses laços construídos diariamente tornam-se uma fonte identitária de inestimável valor, entrelaçando histórias que se inscrevem na urbe. Ao decifrá-los, reconhecem-se seus laços, seus ritos, sua cultura que fervilha entre as suas artérias associadas ao espaço tempo em que ocorrem.

Não se pode afirmar que a cidade possui uma só imagem, pois ela é multifacetada e oferece uma infinidade de olhares depende, é claro, do que se busca encontrar olhando para ela. Muitos escritores, compositores, artistas plásticos, fotógrafos imortalizaram alguns lugares da cidade em suas obras através de romances, crônicas, poesia, contos, músicas, fotografias, pinturas. Dentre eles, aponta-se: Jorge Amado, Tasso Franco, Odorico Tavares, Anísio Félix, Geraldo da Costa Leal, Caetano Veloso, Dorival Caymmi, Pierre Verger, Calazans Neto, dentre outros. É grande a diversidade que se depreende nestes olhares sobre a cidade.

Em seus romances, Jorge Amado sempre privilegiou Salvador, ao eleger os seus espaços como cenários onde se desenvolve a trama de seus personagens. Muitos bairros, becos, ruas, vielas, casarões, ladeiras, mercados, praças desta cidade tiveram um lugar especial em seus romances e ficaram registrados na

memória dos que lêem suas estórias, tão cheias de significantes e significados, permitindo diferentes percepções sobre as realidades ai representadas.

Jacques Salah (2000, p. 87) em “A cidade como personagem”, texto apresentado no Ciclo de Palestras intitulado “A Bahia de Jorge Amado”, evento ocorrido em Salvador em 1995, informa “existirem temas e lugares privilegiados na Bahia de Jorge Amado”. Destaca que estes “se inserem de tal forma na narrativa, com tanta força expressiva e com tanto poder de estruturação, que eles acabam por constituir-se na própria essência da criação literária”. O estudioso elenca quais seriam esses “lugares privilegiados” pelo autor, explicando:

> Noventa e sete bairros foram contemplados na obra amadiana. A partir de Os pastores da noite, de 1964, verifica-se uma maior concentração desses bairros nos romances do segundo período (1961-1972) [...] Os Pastores da noite apresenta 41 bairros diferentes dos quais 11 não aparecem em nenhum outro romance (como por exemplo a Boca do Rio, O Nordeste de Amaralina e o misterioso Rego da Turca). Os bairros pobres mais citados são Itapagipe (7 romances), Pelourinho (6), Terreiro (6), Água de Meninos (6), e os ricos, Barra (6) e Vitória (6). O Terreiro aparece 40 vezes (sobretudo em Tenda dos Milagres) o Pelourinho, 25.

Fica explícita a predileção do escritor por algumas áreas da cidade, com as quais o autor brinca num jogo de palavras e sedução que envolve seus personagens e que certamente tem significados que só a ele pertencem, mas, quando os compartilha em seus romances, permite aos seus leitores conhecê-los e ressignificá-los de acordo com suas vivências nos mesmos espaços.

Pinheiro & Silva (2004, p. 26) advertem que “a ficção não é constituída apenas da fantasia, mas ela se desenha em lugares e épocas nos quais a ação se desenrola”, segundo eles “a invenção dos autores está associada às circunstâncias de espaço e tempo”. Portanto, ao eleger determinados lugares em suas obras, independente da trama dos personagens, faz com que estes passem a ser referência, pois os mesmos são espaços reais descritos no imaginário.

Tem-se, por conseguinte, visões multifacetadas da cidade e do urbano feitas através de leituras singulares e plurais dos lugares em evidência em cada obra estudada, sejam na letra de uma canção, romances, filmes, fotografias, pintura, poesia ou mesmo nas formas cristalizadas da cidade, no seu cotidiano ou simplesmente na observação dos vários lugares que revelam a sua essência, o que

é perceptível nos cordéis de Cuíca de Santo Amaro, os quais marcam e demarcam lugares e cotidiano da cidade do Salvador.

2.2 GEOGRAFIA E LITERATURA DE CORDEL: BREVES CONSIDERAÇÕES

O conceito de espaço urbano norteador da pesquisa é discutido a partir da compreensão de Corrêa (2003, p. 9) que alega “eis o que é o espaço urbano: fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campos de lutas”. Sendo assim, analisar esse espaço seria como observar uma grande colcha de retalhos de tamanhos e cores diferenciados, criteriosamente ordenados ou não, onde se refletem as ações dos que vivem em seus espaços. Suas formas espacialmente construídas deixam transparecer códigos e sinais que servirão de pistas para serem decifrados por todos àqueles que quiserem conhecê-lo em tempos distintos. E como declara Certeau (2007, p. 178) “o usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo”.

É no espaço urbano que as atuações acontecem cotidianamente onde muitos laços são feitos, desfeitos ou refeitos, na medida em que, nos mesmos lugares, em momentos distintos, grupos diferentes se articulam, produzem, fazem uso dos mesmos para atender suas demandas pessoais, ocupando-os em uma relação nem sempre harmoniosa.

Nesse sentido, muitos embates são formados expressando o direito de todos á esses espaços. Compreende-se, então, que a análise do espaço urbano, enquanto espaço produzido não pode ser dissociado da sociedade que o ocupa. Carlos (2004, p. 30) esclarece que “a reprodução do espaço (urbano) enquanto produto social é produto histórico [...] realiza-se no cotidiano das pessoas e aparece como forma de ocupação e/ou utilização de determinado lugar num momento histórico específico”.

Neste viés, pode-se considerar geograficamente o espaço urbano de formas diferenciadas. Corrêa (2003, p. 6) defende: “este pode ser abordado a partir da percepção que seus habitantes ou alguns de seus segmentos têm dele e de suas partes”, pois esses refletem os modos de apropriação dos que o utilizam, transparecendo em suas ações e relações nas mais diversas condições de usos ao longo dos tempos. Desvendá-lo, portanto, é estimulante, pois o mesmo é o *locus*

onde se processam as relações e interações sociais e nas quais vislumbram-se os interesses dos vários grupos que o disputam, em um jogo diferenciado, revelando-o em todos os seus aspectos.

Carlos (2007, p. 27) alega que “o urbano é mais do que um modo de produzir, é também um modo de consumir, pensar, sentir, enfim, é um modo de vida”. Percebe-se, então, que as mudanças ocorridas nesses espaços são originadas pelo que se produz e isto, segundo a autora, origina “novas formas e configurações espaciais, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas, novos valores”. Torna-se claro como esses espaços são produzidos e refletem a sociedade que os habita na medida em que satisfazem as necessidades individuais e/ou coletivas desta ao longo de sua existência.

Corrêa (2003, p. 8) afiança que “o espaço urbano é um reflexo tanto das ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente”, já que as mesmas denotam os diversos contextos (sociohistórico, econômico e cultural), pois o mesmo foi e ainda é produzido por uma sociedade inscrita nestes espaços a partir das suas experiências e produções, bem como o processo histórico que vivencia. Carlos (2007, p. 70) menciona que:

> Entender o espaço urbano do ponto de vista da reprodução da sociedade significa pensar o homem enquanto ser individual e social no seu cotidiano, no seu modo de vida, de agir e de pensar. Significa pensar o processo de produção do humano num contexto mais amplo, aquele da produção da história de como os homens produziram e produzem as condições materiais de sua existência e do modo como concebem as possibilidades de mudanças.

Depreende-se que ao se refletir sobre o urbano, reporta-se também à cidade. Isto leva a pensar na “dimensão do humano”, como garante Carlos (2004, p. 70-73). Ela ainda considera que a “cidade ganha teatralidade e não existe dissociada da gente que lhe dá conteúdo e determina a natureza”. Sendo assim, torna-se compreensível a ligação estabelecida entre Cuíca de Santo Amaro e a cidade: um poeta popular que consegue, ao longo da sua trajetória, relacionar-se com a cidade e demarcá-la com a sua personalidade.

Outro conceito basilar é o de lugar, entendendo-o a partir da concepção de que este é o *locus* onde se processam as relações investigadas. Logo, é no lugar que os

fenômenos se corporificam e possibilitam o estudo das realidades que ai se apresentam cotidianamente. Foi de fundamental valor no transcorrer da pesquisa o entendimento deste conceito, a partir das idéias de Carlos (1996, p. 20), como base da reprodução da vida analisada pela tríade “habitante-identidade-lugar”. A autora declara que:

> O lugar é a porção do espaço apropriado para a vida - apropriada através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade lato sensu a menos que seja a pequena vila ou cidade – vivida /conhecida /reconhecida em todos os cantos.

Na medida em que se relaciona Cuíca de Santo Amaro aos lugares por onde circulou nos espaços da cidade, percebe-se que ele criou uma geografia própria, impregnando estes lugares com suas memórias ao escrever e difundir as vivências dos que entrecruzavam o seu trajeto, nas suas andanças pelas ruas da cidade. Segundo Carlos, (2004, p. 86) “o lugar concretiza as relações e, nesse patamar, vislumbram-se as articulações contraditórias entre tempos diferenciados”. A autora ainda alega que “o uso liga-se à idéia de identidade, que se constrói, no lugar, através das relações que permitem o desenrolar da vida cotidiana”.

Matos (2004, p. 60-61) corrobora com esta afirmativa ao declarar que “Cuíca versou sobre os acontecimentos do dia-a-dia [...] escancarou os costumes da sociedade.” No universo do cordel, ele é considerado, até hoje, “o grande e escandaloso “poeta satírico”, o Gregório de Mattos das ruas e ruelas da Baixa dos Sapateiros”. Logo, fica evidenciado que as publicações de Cuíca possibilitam adentrar em um contexto social, econômico, político e cultural da cidade do Salvador, conhecer seu espaço vivido e vislumbrar, através de sua ótica, uma cidade em um tempo e espaço diferentes do contexto atual. E essa era certamente uma das funções da arte de Cuíca: permitir que se conhecesse um pouco mais sobre a dinâmica do lugar e também das relações que se processavam nesses espaços.

Na concepção de Carlos (1996, p.26), “são os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana”. Ela adverte que isto ocorre principalmente “pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o

significado dado pelo uso". E é exatamente na composição desse quadro que Cuíca de Santo Amaro se enquadra na cidade do Salvador – Bahia: homem de origem simples, sem muitos estudos, mas que pela sua trajetória tornou-se um símbolo na cidade que o acolheu, propiciando-o retirar dela o seu sustento através de seus folhetos de cordel.

Carney (2007, p. 147) indica que "os lugares estabelecem os cenários para a vida cotidiana das pessoas" e que "o espírito ou personalidade de um lugar surge de experiências habituais ou memoráveis a ele associadas". É justamente dessa forma que Cuíca deixa a sua marca registrada pelos lugares por onde circulou ao longo de sua vida imbuindo-os com suas marcas inconfundíveis.

Também se torna essencial, neste estudo, o conceito de cotidiano. Para Lefebvre (1973, p. 88), o cotidiano "é a substância do homem, onde se mesclam as realizações e alienações se confrontam o possível e o impossível, a alegria, a dor e o aborrecimento, as ambições e desejos". Nota-se que é exatamente no dia-a-dia que a humanidade registra o seu modo de pensar, de agir, suas emoções enfim, que permitirá maiores informações sobre ela. Estes vestígios, deixados através de sua passagem pelos lugares, deixam visíveis o seu modo de vida e suas experiências em suas demandas habituais.

É exatamente isso que se pode perceber na produção dos cordéis de Cuíca de Santo Amaro: ele deixa entrever em sua obra o cotidiano da cidade, dá vida aos lugares e aos seus personagens (muitas vezes representações ou acontecimentos verídicos), permite muitas vezes revelar-se o invisível, já que é a partir de sua percepção dos lugares e dos acontecimentos diários que ele produz a sua arte e revela a cidade em suas minúcias.

Cosgrove e Jackson (2003, p. 139) afirmam que "alguns dos modelos mais acurados da interpretação da paisagem e de lugar são encontrados fora da literatura geográfica". Pode-se, então, refletir: como a literatura de cordel de Cuíca de Santo Amaro evidenciava a importância dos lugares por onde ele circulava na enunciação dos seus cordéis? E por que, na memória dos que o conheceram, esses lugares ficaram cristalizados, correlacionando sempre o poeta ao lugar e vice-versa? Logo, lembrar de Cuíca é transportar-se imediatamente à Rampa do Mercado, à Baixa dos Sapateiros, ao Elevador Lacerda, Praça Cairu, feira de Água de Meninos, à Estação da Calçada, Ladeira do Taboão e tantos outros lugares que ficaram marcados pela sua presença na cidade ao longo da sua trajetória.

Os percursos escolhidos por Cuíca na enunciação de seus cordéis transformam-se em palcos únicos, nos quais ele se tornou referência e é referenciado pelas pessoas que o assistiam. Esta apropriação de Cuíca do lugar certamente passa pelo seu direito à cidade, o que segundo Lefebvre (1991, p. 135) “se manifesta como forma superior de direitos: direito à liberdade, à individualização, na socialização, ao habitat e ao habitar”, sendo que é a partir dessa apropriação que ele se insere nesse contexto, de tal modo que artista e obra se confundem em uma relação harmoniosa com a cidade do Salvador.

Sabe-se que a cidade é o espaço privilegiado onde se processam as relações sociais, políticas, culturais, religiosas, enfim, o local em que as pessoas interagem a todo o momento na disputa diária pelo lazer, trabalho, cultura, educação, a fim de satisfazer suas necessidades básicas de sobrevivência e da manutenção do seu status social. E uma das suas funções é servir de cenário que possibilite o estabelecimento da consciência socioespacial de seus atores e também como espaço de reivindicações especificas de reprodução de grupos sociais que nele vivem.

Os movimentos sociais urbanos evidenciam-se nos bairros, nos locais de produção e reprodução dos grupos sociais e seus agentes. Grande parte das reivindicações organizadas por esses agentes diz respeito, principalmente à busca por melhores condições de vida, habitação, saneamento, acessibilidade aos meios técnicos, equipamentos coletivos fundamentais às pessoas. Os embates constantes que ocorrem nestes espaços advêm principalmente pela prerrogativa do direito de todos, aos mesmos.

Segundo Carlos (2001, p. 51):

> [...] a existência concreta liga o vivido e percebido àquilo que permite / impede atos e ações pela existência das normas, como parte integrante da prática social, povoa o mundo das representações que as pessoas, que habitam o espaço, criam. Todavia, as formas da cidade têm um código para os habitantes que se estabelece acima das normas. Aqui, a forma está intimamente ligada ao uso, à identidade e à memória.

Nesta perspectiva, a cidade reflete a forma como as pessoas a marcam e a demarcam, expressando as vivências do cotidiano e os conflitos gerados pela ocupação desses espaços pela sociedade. Através de suas ruas, becos, vielas, praças e jardins, retrata uma sociedade, demarca um tempo, expressando a vida

nela existente em toda a sua plenitude. É exatamente através da representatividade de alguns lugares que estes são apropriados por personalidades que se destacam dentro do contexto da cidade, fazendo com que ela se torne, de fato, referência e seja referenciada, plena de significantes e significados, delineando um período, compondo um quadro em que autor e obra se entrelaçam numa perfeita simbiose.

3 O(S) LUGAR(ES) DO POETA NA CIDADE DA BAHIA

> O memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito do lugar. (CERTEAU, 2007, p. 190)

A tessitura dos lugares apresentados nos cordéis de Cuíca de Santo Amaro possibilita ao leitor conhecer a cidade do Salvador e ter uma maior compreensão dos grupos sociais que a habitava, do seu cotidiano e das relações que ai se estabeleceram em meados do século XX, período de atuação do poeta.

Os repentistas elegem os espaços públicos da cidade como *lócus* privilegiado para enunciação dos seus cordéis. Muitas vezes, a simbiose entre alguns cordelistas e os espaços utilizados é tão grande que o seu público leitor consegue associar determinados poetas aos lugares percorridos por estes, bem como revisitar pela imaginação ruas, praças, feiras, citados por esses enunciadores. Carlos (1994, p. 89) ressalta que no "lugar emerge a vida [...] Cada sujeito se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si. Tem a dimensão da vida".

Nesse sentido, a representação da geografia da cidade através da literatura de cordel torna-a mais viva e permite ao leitor estabelecer uma relação entre os textos e os lugares evidenciados nos poemas sempre sob o olhar, a perspectiva do cordelista que escreveu a poesia do cordel, especialmente porque tais lugares, ao serem retratados em seus versos, ficam impregnados da essência do enunciador.

Santos (1985, p. 2) defende que "cada lugar está sempre mudando de significação, graças ao movimento social: a cada instante as frações da sociedade que lhe cabem não são as mesmas". O que se percebe na obra de Cuíca é que o lugar e o personagem se juntam, formam um ser uníssono, redesenham a geografia e conferem a esta um movimento que a dinamiza, fazendo um intercâmbio entre o lugar, o poeta e os diversos agentes sociais que o assistem.

A geografia de Salvador empresta-lhe uma configuração de grande beleza, o que torna alguns lugares especiais por fornecerem ao expectador uma visão privilegiada da cidade. Torres (1950, p.12) assim descreve a cidade:

> Desobedecendo aos princípios comuns do urbanismo das cidades

> construídas somente em superfícies planas, a Bahia fôra edificada sobre montanhas, vales e baixios, fato que concorreu para se lhe surgirem aspectos singulares, sendo por isso a cidade mais original do Brasil. A capital apresenta três planos, o baixo, o alto e o médio, sendo conhecida pela cidade dos três andares. Os três planos formam outras tantas cidades, possuindo comércio e vida próprios e se comunicam por ladeiras, arcos, viadutos, ruas e avenidas.

Essa configuração territorial descrita por Torres era fundamental para que Cuíca de Santo Amaro conseguisse de modo rápido circular entre esses planos, explorando-os largamente na divulgação e venda de seus cordéis.

Cuíca de Santo Amaro é um desses cordelistas que evoca na memória dos seus ouvintes uma associação imediata com os lugares por ele percorridos, como o Mercado Modelo, as feiras, as praças, o Taboão, a Baixa dos Sapateiros, dentre outros. Ao eleger, por exemplo, a Praça Municipal, em frente ao Elevador Lacerda, como um dos seus lugares de enunciação mais freqüentes, o poeta não poderia escolher outro cenário para enunciar seus cordéis, pois possibilitava aos seus ouvintes compartilhar da sua arte emoldurada pela belíssima visão da Baía de Todos os Santos. Veja imagens:

Figura 1 - Vista da Baía de Todos os Santos, Maio 2009.
Fonte - Acervo da autora.

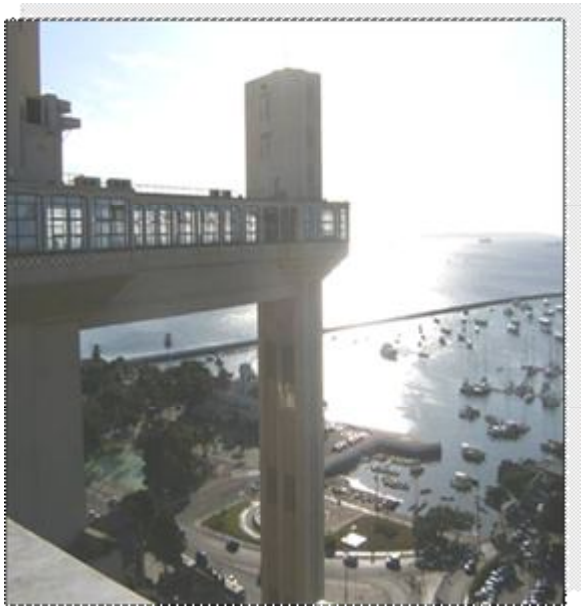

Figura 2 - Vista da Baía de Todos os Santos, Maio 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Esta Baía pode ser observada a partir de diversos pontos da Cidade Alta que se interligam à Cidade Baixa através das inúmeras ladeiras: da Montanha, da

Misericórdia, da Conceição, da Preguiça ou utilizando-se dos meios de transportes mais rápidos: o Elevador Lacerda ou então os Planos Inclinados Gonçalves e Pilar, fazendo com que o momento de enunciação e venda de seus folhetos naturalmente se imiscuíssem naquela paisagem, compondo a geografia humana daquele lugar como um personagem humano que ficaria gravado no imaginário daqueles que paravam para ouvi-lo.

Sobre o Plano Inclinado Gonçalves Torres, em seu livro Bahia Cidade Feitiço (1969, p. 35-36), informa:

Figura 3 - Plano Inclinado Gonçalves, Entrada Cidade Alta. Maio 2009. Acervo da autora.

Antigo Charriot, construído em 1874, na pequena Praça Ramos de Queiroz, na cidade Alta, fazendo comunicação com a rua Francisco Gonçalves, na cidade Baixa. As duas cabines do tamanho de um singular bonde, transportam, cada qual, em questão de segundos, 36 passageiros. Primitivamente fôra movimentado a vapor pelo sistema biela e manivela, tendo em 11 de Junho de 1910, sido eletrificado. O local e o traçado inclinado fôra o mesmo do primitivo Guindaste dos Padres. [...] O projeto do Plano Inclinado foi de autoria do Engº João Ramos de Queiroz.

Figura 4 - Plano Inclinado Gonçalves, Entrada Cidade Baixa. Maio 2009. Acervo da autora.

Com relação ao Plano Inclinado do Pilar, o autor cita que este faz a ligação entre a rua do Pilar, na Cidade Baixa e a do Carmo, na Cidade Alta. Torres (1969, p. 15) também informa que este plano “liga a cidade Baixa, na Rua do Pilar própriamente

dita, ao Largo da Cruz do Pascoal[4], na cidade Alta, parte antiga". Fica explícito que este último plano inclinado tem uma capacidade menor de transporte, pois, de acordo com o pesquisador, "transportava apenas quatorze pessoas em cada balança", conforme se visualiza nas figuras abaixo:

Figura 5 - Plano Inclinado Pilar, entrada no Largo da Cruz do Pascoal. Cidade Alta. Maio 2009.

Figura 6- Balanças do Plano Inclinado Pilar. Maio, 2009.

Figura 7 - Plano Inclinado Pilar, Entrada do na Rua do Pilar, Cidade Baixa. Maio

Para se entender como Cuíca de Santo Amaro conseguia estar em tantos lugares diferentes (em curtas frações de tempo) é essencial conhecer a geografia dessa área da cidade para se ter a percepção de como era possível efetuar esses deslocamentos; observe-se na página seguinte, a partir da planta do Centro da Cidade do Salvador, publicada por Torres (1969) em seu livro Bahia cidade feitiço: roteiro turístico. Tal planta permite a visualização e identificação dos Planos Inclinados Pilar e Gonçalves os Elevadores Lacerda e Taboão, acessos mais usados pelo poeta para se deslocar com rapidez entre estes dois planos da cidade.

[4] Erigido em 1743, por Pascoal Marques de Almeida como ato de fé, em honra a N. S. do Pilar. O monumento dos mais pitorescos da Bahia é tombado pelo Patrimônio Nacional. Fonte: TORRES (1969, p.55-56).

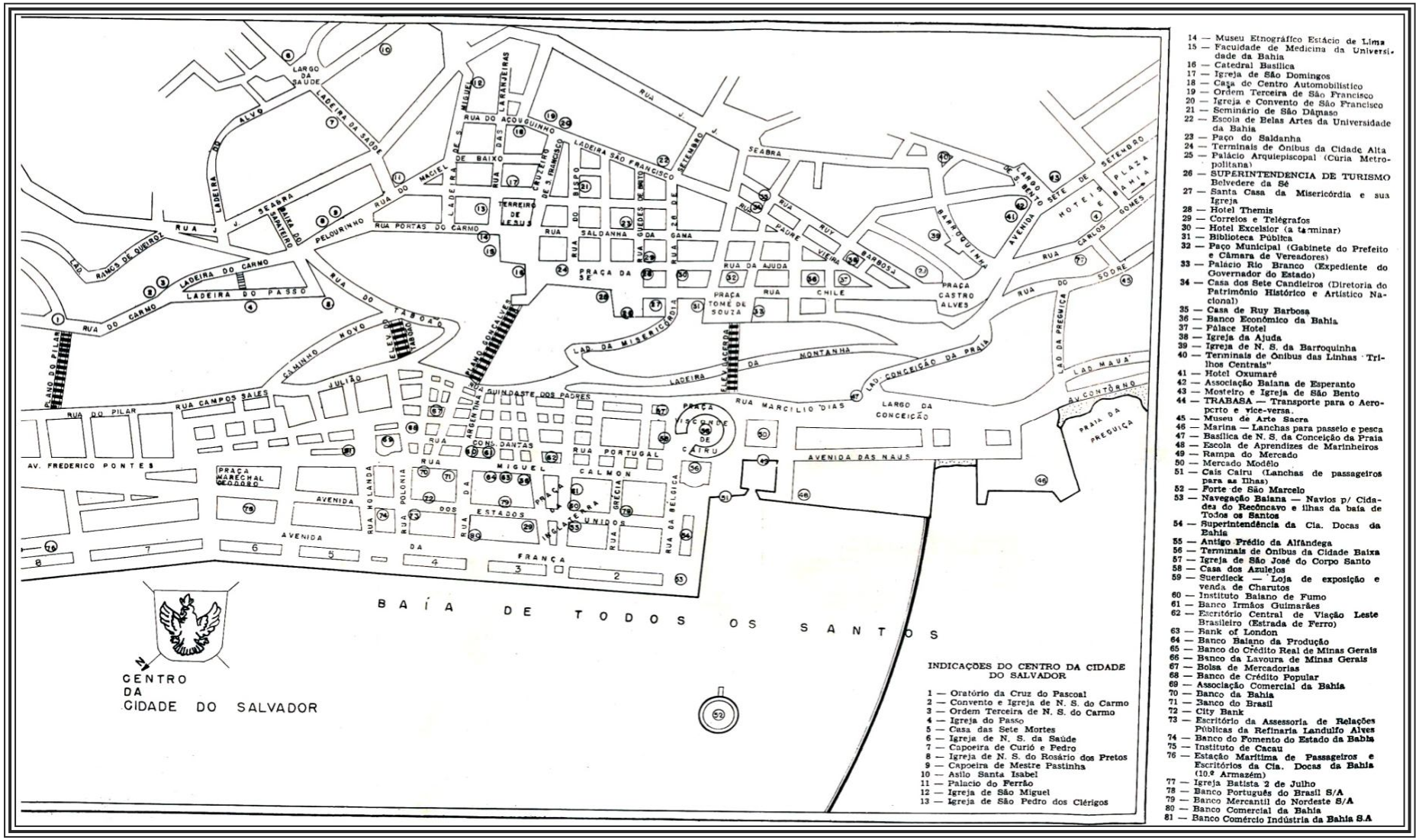

Figura 8 - Planta do Centro da Cidade do Salvador. Fonte: TORRES (1969).

Alguns desses espaços indicados como os lugares do poeta na cidade são citados por Leal (1996, p.162) ao afirmar que Cuíca "tinha lugar garantido no Largo da Estação da Calçada, nos trens suburbanos, no Velho Mercado Modelo, na Praça Cairu e Praça Municipal". Percebe-se, então, que os lugares utilizados por Cuíca na cidade são "apropriados" por ele através de sua arte, expressos através dos seus movimentos corporais e dos seus sentidos. E, desse modo, ganham novos significados, passam a compor uma geografia mais humanizada, reconfigurando-a.

A interação entre Cuíca e o lugar era tão forte que Tavares, ao escrever sobre o falecimento do cordelista, em sua coluna Rosa-dos-Ventos, no Diário de Notícias (24/01/1964 p. 4), esclarece:

> Desde ontem o chão baiano acolhe no seu seio Cuíca de Santo Amaro. É mais um detalhe da paisagem humana de nossa terra que se vai, pois ninguém foi mais pertencente à Bahia, á nossa cidade, do que Cuíca de Santo Amaro. [...] Mais de trinta anos de vida baiana, podem ser encontrados nos folhetos de Cuíca de Santo Amaro. Que se recolha quanto antes, as coleções de seus versos, de sua literatura de cordel. Com ele desaparece o último dos ferinos comentaristas da vida da cidade. Uma admirável figura do povo, admirável personagem da cidade do Salvador.

Fica evidente a íntima relação do cordelista com a cidade e com os lugares que ele se "apropriava" e utilizava diariamente como pontos de comércio. Esses, geralmente, eram locais de grande circulação de pessoas, os possíveis expectadores ou compradores dos seus folhetos, já que seu público era composto por pessoas que transitavam por estes locais.

Esta informação se confirma com a declaração do depoente Sr. Luiz Penna Seara[5], quando este reafirmara a preferência do poeta em divulgar seus folhetos em frente ao Elevador Lacerda, na Praça Municipal. Ele ainda declarou que "[...] ali naquela época era o *point* de Salvador o trecho entre o Elevador Lacerda, A Cubana, a Prefeitura Municipal e o Palácio do Governo." (informação verbal). O depoente ainda explicou que, para as pessoas se deslocarem entre a Cidade Alta e a Baixa, elas faziam esse itinerário, a não ser que preferissem utilizar as ladeiras da Misericórdia e a da Montanha, as quais também interligam essas duas áreas da cidade.

Carlos (1996, p.15) alega que o "lugar abre a perspectiva para se pensar o viver

[5] O senhor Luiz Penna Seara sempre residiu no bairro do Bonfim na Cidade Baixa, Salvador-BA. Relatou conhecer Cuíca de Santo Amaro desde sua adolescência, vendo-o frequentemente já que era um grande admirador do poeta.

e o habitar, o uso e o consumo, os processos de apropriação do espaço". Nota-se que os usos que Cuíca de Santo Amaro fazia desses espaços o colocavam como pertencente a eles, como se estes tivessem sido criados com exclusividade para atender as suas demandas diárias, deixando impregnada ali sua marca pessoal. Carlos (1996, p. 81) explícita que "ao demarcar o lugar, com suas ações, com seu "ir e vir" no uso, para a vida, o homem se identifica com o espaço porque seus traços, suas marcas o transformam".

É perceptível que as relações estabelecidas entre o poeta, a cidade e seus leitores ocorriam através dos encontros diários permitidos a partir dos trajetos realizados por cada um destes. Muitos eram os pontos da cidade que convergiam ou se interligavam com os lugares escolhidos por Cuíca para enunciação dos seus cordéis. Um dos espaços em que o poeta se apresentava com mais constância era a Praça Cairu, na Cidade Baixa. Esta praça era o ponto de encontro dos cordelistas e também de muitos outros artistas que compunham e humanizavam o seu cenário.

Figura 9 - Praça Cairu 1940 – Ao fundo, o Mercado Modelo.
Fonte - TEIXEIRA (2001, L. 7, p.13)

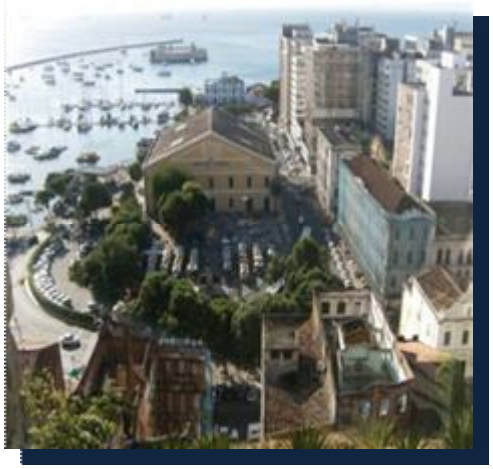

Figura 10 - Praça Cairu, Maio 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Defronte a esta praça, nota-se a sua estratégica escolha, provavelmente porque desse modo ele sempre tinha um público garantido, pois nessa área era grande o fluxo de transeuntes. Sobre a Praça Cairu, Darwin Brandão & Motta e Silva, (1958, p.16) escreveram:

> É uma das mais interessantes da Bahia. Ponto de trânsito forçado para o Elevador, é o pôrto de embarcações para o Recôncavo, ponto de partida de

> bondes com destino à Península de Itapagipe, estação de ônibus para o interior e Estados limítrofes. Localizada a poucos passos da Rampa do Mercado, a praça é limitada por vários edifícios, dentre os quais a Alfândega, construção concluída em 1861; um edifício do meado do século passado que chama a atenção para a fachada de azulejos azuis; o Mercado Modelo, e, olhando o mar, uma fileira de pardieiros. Debaixo das árvores, pela manhã ou à tarde, ficam os poetas populares, que fazem às vezes de bons cronistas da cidade, vendendo, em folhetos, versos que comentam o fato da semana e os famosos abecês sobre os heróis populares. Os mais conhecidos são Rodolfo Cavalcante e Cuíca de Santo Amaro.

Milton Santos também faz referência a esta praça, em seu livro o Centro da Cidade de Salvador (1959, p. 84-85), no capítulo II, ao discutir sobre as funções do Centro de Salvador, no item ligado ao comércio. Segundo ele, neste local ocorria freqüentemente o comércio ambulante: "é comum encontrar, ao ar livre, sôbre os passeios, uma variedade de mercadorias, anunciadas aos gritos pelos camelôs. A Pr. Cairu é uma espécie de quartel general deste gênero de atividade".

Junot Silveira (1955, p. 9) também faz uma descrição da aludida praça. Descreve que "ao redor da estátua, funciona o comércio de bugigangas: camelots com seus maravilhosos medicamentos, vendedores ambulantes [...] fotógrafos, com enormes aparelhos antigos e desajeitados", ele ainda descreve sobre a presença de "homens e crianças que vendem coleções de poesias populares." Diante do exposto, é notória a importância atribuída a essa praça naquele contexto, tornando-a um centro de referência para os que a utilizavam.

Ainda sobre a Praça Cairu, Matos, (1985, p. 33) informa que Rodolfo Cavalcante[6] descreve a referida praça como "um verdadeiro parque de diversões da capital baiana". Ele assim a considerava devido ao imaginário que permeava esse lugar. Matos (1985, p. 32) também divulga a informação sobre "a criação do terminal de ônibus, nesse local, construído na gestão do prefeito Hélio Machado, gerou muitas insatisfações entre os poetas". A pesquisadora ainda traz a notícia do folheto ABC da Praça Cairu, de autoria de Rodolfo Cavalcante, no qual ele retrata as personalidades que compunham o quadro de artistas que se apresentavam e comercializavam seus produtos neste local.

É evidente que a cidade do Salvador, sob a ótica do cordelista Cuíca de Santo Amaro, torna-se mais dinâmica e instigante, na medida em que, ao enunciar seus cordéis, ele emprestava a estes locais parte da sua personalidade que era a sua

[6] Rodolfo Cavalcante – Cordelista e contemporâneo de Cuíca de Santo Amaro

marca, algo que o distinguia dos outros cordelistas, o que faz com que as suas publicações se tornassem mais representativas, ganhassem mais sabor.

Nesse sentido, Carlos (1996, p. 20) diz que “as relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias no modo de uso”. Segundo a autora “é o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo”. E era essa expressividade corpórea de Cuíca que o transformava em uma personalidade singular na cidade de Salvador, ele era o propagador das mazelas e infortúnios das pessoas. E fazia isso de forma mágica, poética, irreverente e quase sempre satírica, trazendo sempre sentimentos contrastantes para os seus ouvintes.

3.1 A CIDADE E O POETA

A cidade é o palco e o cotidiano, fonte inesgotável de matéria-prima na produção de versos. Tudo em sua obra reflete o seu comprometimento em dar informações e, ao mesmo tempo, ser um formador de opiniões. Ao apresentar a cidade, ele não se preocupava em apresentar o seu lado mais paradisíaco. A sua poesia tinha outra função, é consenso entre os depoentes e as fontes pesquisadas que se trata de uma função social. Jorge Amado (1967, p. 233) legitima essa informação ao escrever sobre o poeta: “Homem célere na rampa do cais dos saveiros, a verdade é que Cuíca de Santo Amaro exerce uma importante função social”. O romancista também alerta para o fato de que o cordelista “compõe os seus versos e é por intermédio deles que o mundo do Mercado Modelo toma conhecimento do que vai pelo universo e pelo resto da cidade do Salvador”.

A partir dos relatos dos depoentes e registros de alguns cronistas, sobre o poeta, foram identificados alguns dos lugares onde se poderia encontrá-lo mais frequentemente divulgando os seus folhetos, elaborou-se o mapa temático abaixo, assinalando estes lugares “apropriados” por Cuíca na cidade do Salvador:

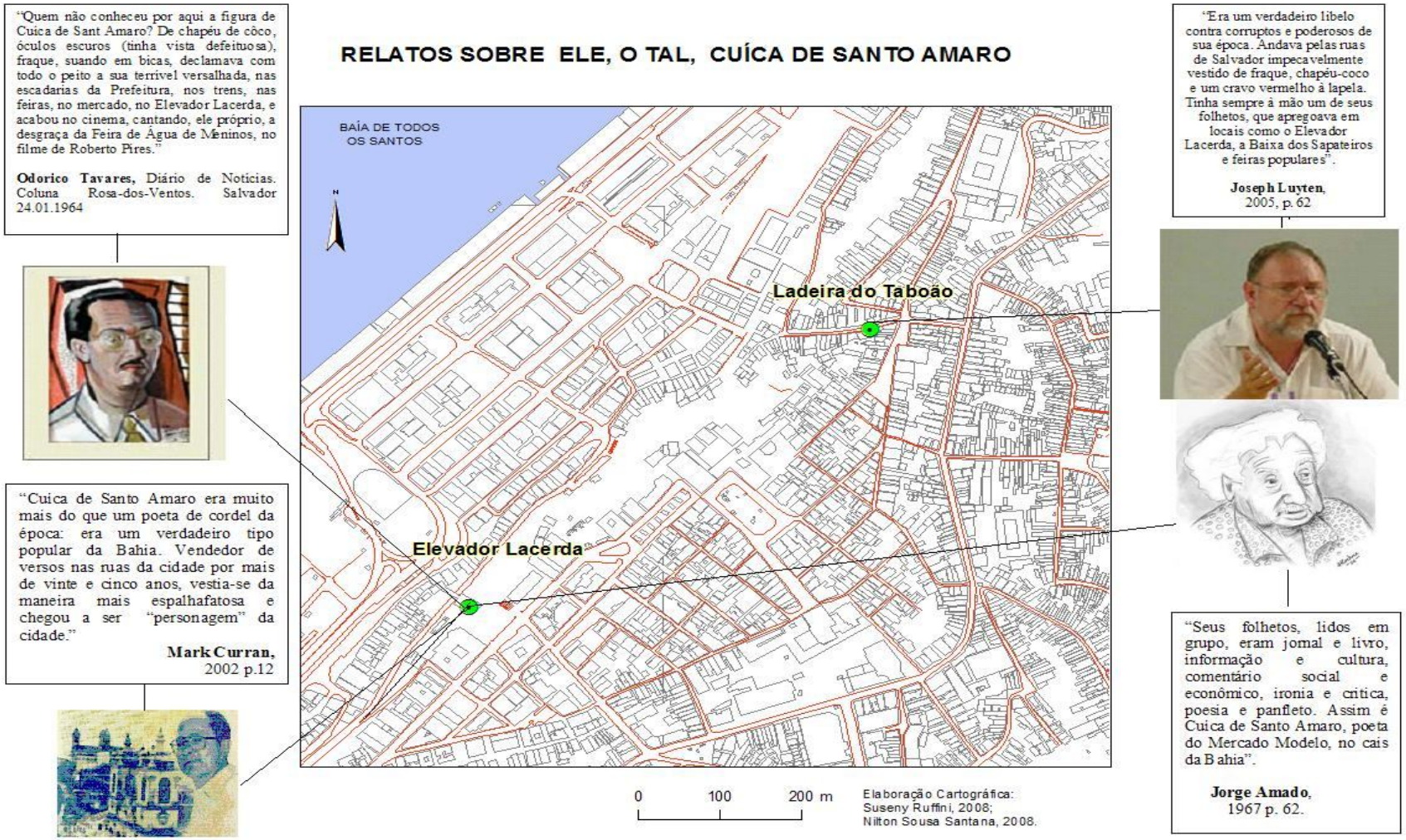

Figura 11 - Mapa Temático, 2008

Fonte – CONDER,1992. Pesquisa de Campo 2008.

Vê-se claramente que o público leitor/ouvinte do poeta era diversificado, como foi citado nos vários depoimentos, por isso a grande preocupação do poeta era noticiar sobre a política local, estadual e até mesmo internacional, sobre os acidentes, as greves, a carestia, enfim, notícias do público e do privado, desde que estas interessassem aos seus expectadores.

Ele não se apegava somente aos fatos mais importantes, mas procurava aqueles mais inusitados e menos explorados pela imprensa, para transformá-los em versos, os quais expunham para a venda. Segundo Tavares (1946, p. 8-16), "Cuíca está sempre pronto a fazer de sua poesia uma crítica dos acontecimentos do dia [...] não há acontecimento de relevo que não tenha a honra de ser cantado nos seus versos", portanto, fica explícita a forma como Cuíca de Santo Amaro conseguia, através dos seus versos, manter seu público/leitor a par sobre o cotidiano da cidade.

O momento da enunciação da sua obra era bastante explorado pelo cordelista, pois ele tinha uma *performance* artística que o tornava único. E era através de sua irreverência e expressividade – gestual, corporal, das suas vestimentas, o timbre de voz – que ele conquistava seu público e possibilitava aos ouvintes tomar conhecimento dos acontecimentos da cidade, do Brasil e do mundo. Na medida em que apresentava os seus cordéis, emitia sua opinião, fomentava discussões e questionamentos e isto fazia com que seu leitor não só saboreasse a notícia dada por ele, como também refletisse sobre ela.

No cordel "O Incêndio no Trapiche Porto"[7], Cuíca de Santo Amaro relata sobre este sinistro, o qual é confirmado por Leal (2000, p. 37-228) que fornece a localização exata do referido trapiche, situado na cidade Baixa, na Preguiça.

Sobre a Ladeira da Preguiça, onde ocorreu este incêndio, Dórea (1999, p. 52) assevera que:

> É uma das denominações mais antigas e curiosas. Origina-se o seu batismo do tempo em que as poucas ladeiras existentes entre as partes baixa e alta da cidade, eram caminhos usados para transportar as mercadorias do porto para abastecimento da população. [...] De maneira irônica foi então batizada pela população e os feitores como Ladeira do Tira Preguiça. Depois, pela "preguiça" comum à língua falada pelo povo, que em muitos casos – como este – ao suprimir uma palavra chega mesmo a desfazer o significado histórico original de um topônimo, ficou sendo apenas a Ladeira da Preguiça.

[7] Autoria D'ele o Tal Cuíca de Santo Amaro, Abril 1946.

Veja na figura abaixo a localização da referida ladeira:

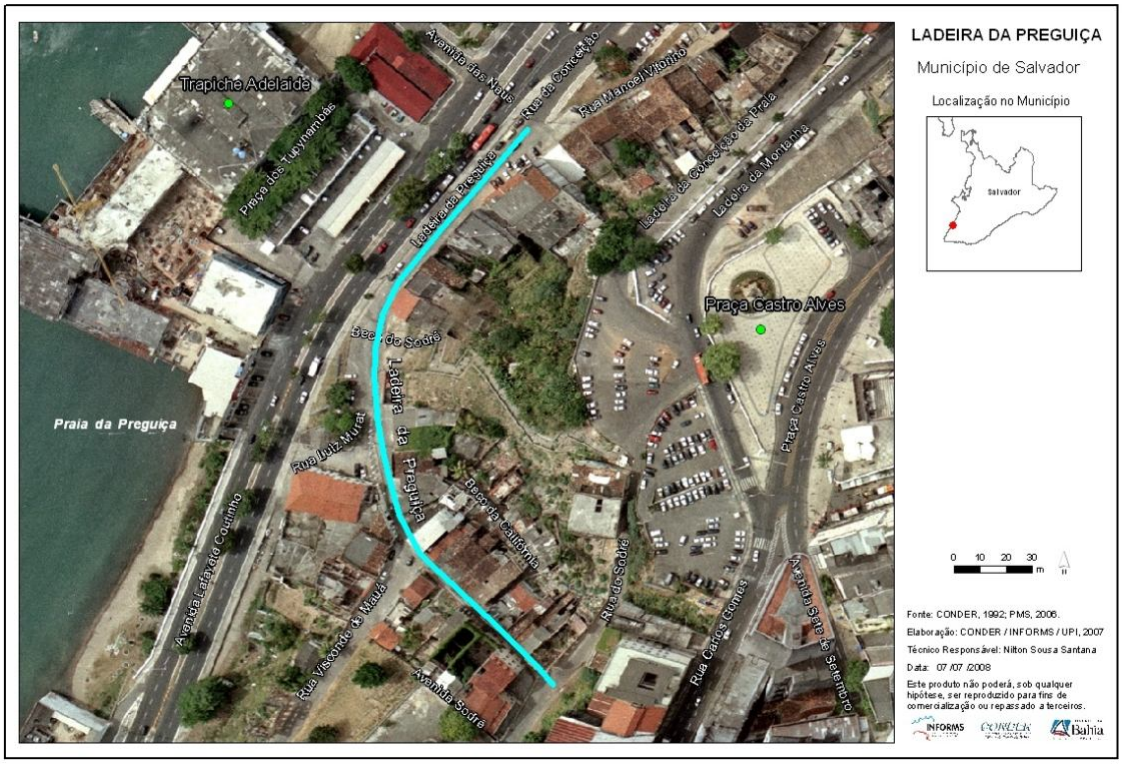

Figura 12 - Localização da Ladeira da Preguiça, Salvador-Ba
Fonte: CONDER, 1992. PMS, 2000.

Leal (2000, p. 37-228) informa que o incêndio ocorreu no dia quatro de abril de 1946. Segundo ele, este incêndio teve grande repercussão na cidade e foi o destaque no jornal Diário de Notícias, em reportagem veiculada na sexta-feira do dia 05 de abril de 1946, nas páginas 1, 2, 3 com as seguintes manchetes: “Ainda arde o Trapiche...”, a continuação da reportagem estava na página 3 sob o titulo – “Ainda Arde espetacularmente o “Trapiche Porto”. Um “curto-circuito” teria dado início ao incêndio”; e na página 2, a conclusão: “Arde espetacularmente...”[8]. Segundo a reportagem:

> A cidade toda tomou logo um ritmo diferente e em pouco tempo só se falava nesse sinistro, [...] fortes estampidos faziam-se ouvir, pelos quatro cantos da cidade, dando a impressão real de que algo de anormal estava acorrendo [...] O que era verdade, era a noticia que o “Trapiche Porto”, o maior da Bahia, estava sendo devorado pelo fogo.

[8] Jornal Diário de Noticias 05/04/1946 p. 3.

Deste modo, Cuíca, sempre atento a todos os acontecimentos da cidade, não poderia deixar de registrar tão grande tragédia. Sendo assim, ia alardeando em seus versos o terrível incêndio que ocorrera na cidade de Salvador:

> Um incendio pavoroso [9]
> De horríveis proporções
> Abalou toda cidade
> Com formidavel explosões
> Foi intenso o fumaceiro
> E enorme as evoluções [...]
>
> Por exemplo, quinta feira
> O dia estava bem morto
> Eu olhei lá pra jaqueira
> Notei bem do lado oposto
> Uma grande fumaceira
> Do grande Trapiche Porto (f.1)

Este episódio também é confirmado pelo jornal Diário de Notícias (05/04/1946 p. 3) que difunde: “O povo não cansa de apreciá-lo, e desde a Ladeira da Preguiça até as Pedreiras, uma multidão enorme presencia absorta o desenrolar da cena”. O jornal ainda confirma a extensão do incêndio ao indicar “rolos de fumaça subindo e grossas labaredas prateadas, parecendo mais estrelinhas luminosas que caem dando verdadeira impressão de “fogo de vista”” e, no decorrer da reportagem, indica: “devido a estas explosões, ninguém pode chegar perto, o calor produzido pelas chamas, que alcançam a uma altura de mais de 200 metros, é intenso e sufocante. Devido ao grande número de produtos lá existentes, a fumaça é intolerável”.

Leal (2000, p. 227) também fez registros sobre este fato: “este incêndio, de mais de 24 horas de duração, foi extinto quando os tambores de combustíveis acabaram impedindo que a Marinha e o Corpo de Bombeiros se aproximassem”. Essas informações são confirmadas no Diário de Notícias do dia 06 de Abril de 1946, na reportagem intitulada: “O incêndio no Trapiche – Rigoroso inquérito na polícia”, dando mais informações sobre o sinistro e suas conseqüências.

Wanke (1983, p. 129 apud TAVARES, 1946, p. 8-16) indica um dos lugares onde este cordel foi enunciado: “na Feira de Água de Meninos, a famosa feira dos pobres da Bahia, outro trovador (ele esta fazendo uma comparação entre Cuíca e Rodolfo Cavalcante), declama seus versos sobre o incêndio no Trapiche Porto”. Cuíca, no seu cordel, teve o cuidado de dar informações detalhadas sobre a localização do evento para, em seguida, tecer comentários sobre o sinistro. E na estrofe seguinte

[9] Versos transcritos conforme o original.

ele faz alguns questionamentos sobre o porquê do ocorrido:

> Aqui dentro da cidade
> Sempre se dá isto
> Muita gente não sabe
> Como se deu o sinistro
> As vezes o proprietario
> É sempre quem paga o Cristo. (f.1)
>
> É um quadro dolorôso
> Compungente de verdade
> Ver o pobre como sofre
> Tanta infelicidade
> Ficando sem agasalho
> Na nossa grande cidade (f.5)

Dessa forma, além de dar a informação, ele levantava hipóteses que porventura pudessem explicar por que os incêndios eram eventos tão corriqueiros aqui na cidade do Salvador. Sempre fica explícita sua preocupação com os menos favorecidos.

Salvador, em meados do século XX, era uma cidade consideravelmente grande, com uma população muito diversa. A organização espacial da cidade contribuía para dificultar as ações de socorro em grandes tragédias. Isto é confirmado por Torres (1950, p. 25) ao relatar que: “em frente ao Elevador Lacerda as ruas eram bastante estreitas [...] o mesmo tipo de ruas se observava na Cidade Alta”, o autor ainda alerta sobre a proximidade entre estas ruas informando que: “eram tão apertadas que ao haver incêndio numa casa o fogo muitas vezes atingia o imóvel fronteiro.”

Cuíca lembra no seu cordel que a cidade ainda não possuía meios mais eficazes de combate a grandes incêndios e para justificar as imensas proporções deste incêndio, descreveu de modo contundente o tipo de mercadorias que era guardado nos trapiches da cidade:

> O referido trapiche
> De tudo estava lotado
> Tinha Breu, Pixe e enxofre,
> Dinamite encaixotado
> Gasolina, soda e oléo
> Também tinha lá guardado
>
> Também tinha salitre
> Muita bala e carburêto
> Rulsargar e striquinino
> Fosforo, Gaz, cianureto
> O céo que estava claro
> De fumaça ficou preto. (f. 2)

Devido aos inflamáveis
No trapiche armazenado
O fogo incontinente
Devorou logo o telhado
Deixando aquele trecho
Completamente ameaçado

Muita gente que ouvira
O inicio da explosão
Começaram a gritar
Vai-se todo o quarteirão !!!
Só ficará intacta
A Igreja da Conceição (f. 3)

Essa apreensão de Cuíca de Santo Amaro também é alertada pelo Diário de Notícias[10] que chama a atenção dos leitores para os produtos que estavam armazenados nos depósitos do referido trapiche: "Naquele casarão vários depósitos estão localizados. Há o fósforo, o ácido acético, carbureto, gasolina, álcool [...] há um depósito de fogos Adrianinos". Adverte que a dificuldade dos bombeiros debelarem as chamas era justamente por causa dos tipos de produtos inflamáveis ali guardados: "a madrugada já aponta no horizonte [...] e o fogo continua com a mesma intensidade, em virtude da falta de elementos que possam combater as chamas de gasolina, querosene, óleo, carbureto, acido acético, e tudo enfim".

A reportagem ainda relata que ocorreram muitas explosões durante o incêndio, informando que "no momento da explosão que se repetiu, pois existia no referido trapiche grande número de caixas de gasolina e dinamite, a imagem de Jesus Crucificado[11] foi arrancada pela violência do abalo". Fato que é confirmado na versão dada por Cuíca, no seu cordel:

E aqui eu finalizo
Esta minha narração
Eu também vi o incendio
Vi também a explosão
Eu corri, que só parei
Na ladeira do Ferrão[12]. (f. 8)

Fica evidente que as mercadorias estocadas no "Trapiche Porto" colocavam em

[10] Jornal Diário de Noticias 05/04/1946 p. 3.
[11] Essa imagem estava afixada na torre do edifício do Seminário da Bahia, que ficava próximo do local do incêndio. Diário de Noticias, 05/04/1946, p. 2.
[12] Segundo Dórea (1999, p. 47), o nome dessa ladeira se origina do sobrenome de família dos proprietários do solar (principal imóvel daquela via), construído no período de 1690-1701, propriedade e residência do coronel Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco. Faz ligação entre o Centro Histórico e a Baixa dos Sapateiros.

risco a segurança das pessoas moradoras nas proximidades deste. Nessa área da cidade, antigo centro da cidade do Salvador, as ruas eram bastante estreitas e os casarões eram edificados muito próximos uns dos outros, compondo um belo cenário, porém, em casos de sinistros, como o acima supracitado, favoreciam a ampliação dos incêndios e dificultavam a ação dos bombeiros na contenção do fogo e no socorro as vítimas.

A cidade do Salvador possui uma geografia particular e esse fato possibilitou aos expectadores ter uma visão privilegiada sobre este desastre. Martínez (1997, p. 194) explica que “toda a Cidade Baixa é melhor entendida do alto. A Preguiça, ladeira dos primórdios pela sua antiguidade, traduz não só a forma de descer, mas o esforço lento de subir”. Deste modo, aproveitando-se da geografia deste lugar a população pode apreciar o “belo” espetáculo sem correr riscos desnecessários.

A Cidade Baixa era o local onde se processavam as relações comerciais de maior fluxo na cidade. Por ser uma área portuária, era o portal de entrada para a maioria das mercadorias vindas de diversas localidades e, por conseguinte, onde o comércio era mais forte. Por isso, os trapiches[13] – grandes armazéns de mercadorias – tinham uma importante função – armazenar e distribuir as mercadorias para os comerciantes da cidade do Salvador.

Ainda hoje é possível ver alguns desses antigos trapiches na Cidade Baixa mais exatamente no Comércio, Calçada e circunvizinhanças não mais tão imponentes como outrora, entretanto, marcam sua presença na área central da cidade como um símbolo da sua importância e funcionalidade na cidade.

3.2 OS LUGARES DE ENUNCIAÇÃO DO CORDEL COMO MARCA DO POETA

Certeau (2007), em “Invenção do Cotidiano”, afirma que a cidade não é aquilo que os urbanistas projetam idealisticamente. Para ele, existem lugares que não são espaços, porque não são carregados de vivências, de memórias. Nessa perspectiva, a cidade é a forma como as pessoas a vivenciam. Como Cuíca de Santo Amaro

[13] Segundo Leal (2000, p. 36) “os trapiches foram “armengues”, “cacetes armados”, de horrível aparência, todavia um mal necessário, afinal eram os depósitos de tudo que abastecia a cidade”; e Santos (1956, p.156),afirma serem “depósitos construídos próximo do pôrto [..] ou então entre o pôrto e a estação da estrada de ferro, à Calçada, ao longo da avenida Jequitaia”.

vivenciou, marcou e demarcou os lugares que percorreu divulgando os seus cordéis, saber quais foram os seus processos de caminhada nesse mapa urbano projetado pelos urbanistas é algo que suscita curiosidade. Responder a essas indagações significa ter que recorrer à memória de indivíduos que viveram na mesma época que o poeta, partilhando com ele de um mesmo espaço geográfico, pois *a* função fundamental da memória "[...] não é preservar o passado, mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente", conforme esclarece Lowenthal (1998, p. 102).

Transitando pelos bairros, ruas, becos e vielas de Salvador, palco do seu existir, Cuíca de Santo Amaro circulou por diferentes espaços, os quais são refeitos pela memória de alguns depoentes. Estes, entre idas e vindas pelas ruas de Salvador, encontravam e se encantavam com este cordelista. Bosi (1994, p.68) destaca que o papel da memória é a "[...] narração da própria vida é o testemunho mais eloqüente dos modos que a pessoa têm de lembrar. É a sua memória".

Um dos depoentes, o Sr. Adauto Antônio Costa[14], 67 anos de idade, nasceu em 12 de junho de 1942, na Península Itapagipana, no bairro do Bonfim, próximo a Estação Ferroviária da Calçada, na capital baiana. Rememora que ainda adolescente, conheceu Cuíca de Santo Amaro no início da década de 1950. Apresenta uma memória muito vívida e consegue traçar um retrato deste, lembrando-se de detalhes mínimos da aparência do poeta. O depoente volta no tempo e informa "tive o prazer de conhecer o poeta. Ele era um folclore. Seus livretos era uma coisa muito especial e ele declamava seus versos muito bonitos." (informação verbal)

Ainda se recorda da fisionomia do poeta: "ele era uma pessoa assim: elétrico, moreno, uma média de altura de 1.60 mais ou menos, óculos bem escuro que não deixava ver a cor dos olhos, cabelo dividido no meio, era uma figura fora de série." (informação verbal). Faz uma descrição minuciosa do poeta. Metaforiza, estabelecendo uma estreita relação entre o poeta e as tradições dos baianos, ao afirmar que "Cuíca de Santo Amaro era um folclore, alguém que expressava bem os costumes e crenças desse povo, mediante seus versos e seu jeito alegre de ser." (informação verbal). Quando indagado sobre os locais onde encontrava o poeta, o

[14] Adauto Antônio Costa, comerciário aposentado, natural de Salvador- BA. Afirmou ter muita admiração pelo poeta e assisti-lo com muita freqüência. Entrevista realizada em 23/09/2005. Depoimento cedido por Sinéia Silveira.

informante relata, com riqueza de detalhes, onde se dava a maioria desses encontros. Segundo ele no “Mercado Modelo, no antigo, bem em frente ao Elevador Lacerda onde tem aquela ‘estátua’[15], ele assegura também que este local era freqüentando por muitas pessoas e ainda relata sobre um bar que funcionava naquela localidade recorda-se que “este funcionava desde às cinco horas da manhã vendendo mocotó.” (informação verbal).

O bar que o informante menciona fica localizado no próprio Mercado Modelo, o qual foi construído em 1861 para abrigar a terceira alfândega do Salvador. Ele comenta que esse bar era muito freqüentado pelas pessoas que circulavam pela Cidade Baixa e que, de manhã bem cedo, passavam lá para comer feijoada, antes de pegar o trabalho pesado. E Cuíca aproveitava-se desse espaço para divulgar os seus cordéis, para lançar a ‘notícia da semana’.

O transitar do poeta, no período pesquisado, é recolhido da memória de outro depoente, o Sr. João Valentim da Silva Júnior[16]. Ao ser indagado se conheceu o poeta, emociona-se, comentando que não só ele, “mas todas as pessoas que passavam principalmente pela porta do Elevador Lacerda, lembram-se de Cuíca.” (informação verbal). O depoente faz um breve relato sobre o poeta sobre sua irreverência, alegria, bom humor, o jeito peculiar dele falar sobre a sociedade, a política, o cotidiano e tudo mais.

O Sr. Antônio França Teixeira[17] corrobora com esta informação ao recordar-se do poeta e o seu poder de manter o seu público atento as suas apresentações e que com a sua vibração ao falar mantinha o seu público sempre concentrado às suas apresentações. Segundo ele, Cuíca ficava, naquilo que chamava “Triângulo das Bermudas”. Praça Municipal (Câmara de Vereadores, Prefeitura, Palácio do Governo) e Guedes Brito (prédio da ABI), Assembléia Legislativa, Rádio Excelsior”. O depoente ainda conta que o poeta “subia e descia várias vezes o Elevador

---

15 Monumento à Cidade do Salvador, autor Mário Cravo. Trata-se do 1º chafariz de concepção moderna, instalado na cidade. [...] Sua volumetria integra a área delimitada pelo Mercado Modelo, Elevador Lacerda e Igreja da Conceição da Praia, local onde antigamente estava localizado o primitivo Mercado Modelo. Fonte: Fundação Gregório de Matos. Monumento - Cidade do Salvador. Disponível em: <http://www.cultura.salvador.ba.gov.br/sitios-mon-cidadesalvador.php> Acesso em 28/07/2009.

16 João Valentim da Silva Júnior nasceu em 15/11/1950 em Salvador-Ba. Exerce a profissão de cabeleireiro. Revelou, na entrevista, uma grande paixão pela figura de Cuíca de Santo Amaro. Depoimento feito em 23/09/2005.

17 Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado da Bahia, atualmente Presidente da 2ª Câmara e Supervisor da 5ª CCE, 65 anos, contemporâneo de Cuíca de Santo Amaro, fala de sua admiração pelo poeta apresentando-o como um gênio da Mitologia Baiana. Entrevista concedida em 28/07/2009.

Lacerda, mas o lugar onde mais ficava era na parte superior do mesmo." (informação verbal).

Rememorar a figura de Cuíca, para os depoentes, é algo que está intimamente associado a uma viagem pelos lugares transitados pelo poeta, ou seja, a lembrança dele materializa esses espaços na memória daqueles que o conheceram, tornando-os legíveis, dando-lhes mobilidade.

Figura 13 - Elevador Lacerda década de 40, séc. XX.
Fonte - Teixeira (2001, p.18).

Figura 14 - Elevador Lacerda, vista da Praça Castro Alves. Maio 2009.
Fonte - Acervo da autora.

O Elevador Lacerda é um dos pontos preferidos pelo poeta. Ponto turístico da capital baiana foi concebido para ligar a Cidade Baixa à Cidade Alta, levando os transeuntes que necessitavam deslocar-se entre os dois ambientes urbanos. Foi criado por Antônio de Lacerda, inicialmente com o nome de Elevador Hidráulico da Conceição, também conhecido como Elevador do Parafuso, o qual estruturou a mobilidade entre a Cidade Alta e Cidade Baixa. Passou a denominar-se Elevador Lacerda em 1896, como até hoje é conhecido, sendo um dos cartões postais de Salvador. Sobre o Elevador Lacerda, Torres (1969, p. 41) informa que era uma:

> Monumental obra de engenharia, com 72 metros de altura, dispondo de quatro balanças luxuosas, transportando o total de 118 passageiros em questão de segundos. São duas as torres: a antiga, conhecida como por “Parafuso”, perfurando a Ladeira da Montanha e a nova à cavaleiro, da mesma ladeira. As torres se comunicam, em cima por uma ponte, à grande altura da Ladeira da Montanha e, em baixo, por um pequeno túnel. Antes do Elevador ser eletrificado era movido a vapor pelo sistema de pressão hidráulica.

Esse Elevador, concebido para unir dois espaços distintos, é também um espaço de diversidade, pois, além de unir a Cidade Baixa à Alta, transporta pessoas de diferentes classes sociais. A heterogeneidade de pessoas que transitavam nesse meio de transporte é rememorada pelo depoente, quando diz: “ele atuava justamente por onde passavam todas as camadas sociais. [...] divulgava a todas as classes sociais no Elevador Lacerda, onde todos subiam e desciam e ele também.” (informação verbal).

Cuíca, sabiamente, transitava por locais que abarcavam a pluralidade de vozes e classes sociais. O informante João Valentim refaz parte desse itinerário, revelando quem era o público do poeta, trazendo à tona algo que marcou a personalidade deste: “o bom humor, um humor escrachado que, aliado a um espírito irreverente e a uma linguagem peculiar, conseguia despertar o olhar dos passantes.” (informação verbal). Não só daqueles homens simples que se dirigiam para o trabalho, mas também dos ricos comerciantes que procuravam, naquele trecho efervescente da cidade, realizar seus negócios e de um público feminino que desfilava riqueza e beleza, como se depreende desse depoimento.

Veja, abaixo, mapa temático elaborado segundo os relatos feitos sobre a atuação do poeta na cidade do Salvador, evidenciando os lugares utilizados por ele na enunciação e venda dos seus folhetos:

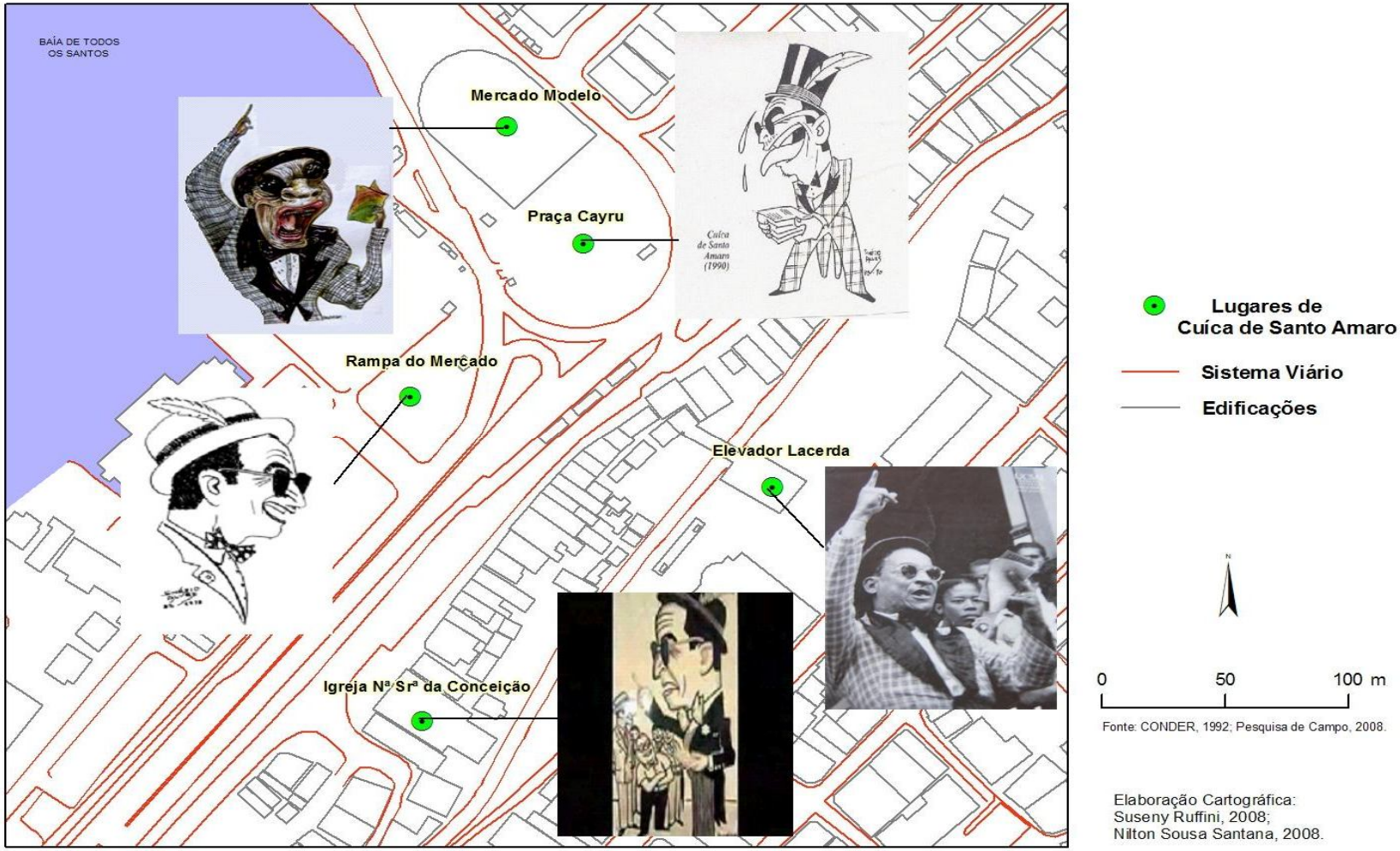

Figura 15 – Os Lugares “Apropriados” por Cuíca de Santo Amaro na Cidade do Salvador.
Fonte – CONDER, 1992. Pesquisa de Campo, 2008.

Cuíca, moldando esse espaço aos seus passos, transgredia a ordem estabelecida e, esse local, concebido para ser um meio de transporte, passava a ser, para o poeta, um quartel general, conforme esclarece Francisco José da Silva Barramedas[18]: “Eu conheci Cuíca de Santo Amaro quando fui mensageiro do Estado, em 1958. Era um homem bastante popular, ele fazia seu Q.G. (Quartel General) no Elevador Lacerda, nas dependências do Elevador Lacerda”. (informação verbal). O entrevistado também conta sobre outros lugares “apropriados” pelo poeta como a passarela e a Estação da Leste na Calçada.

Sobre esta estação, Giesbrecht (2008)[19], informa que:

> A estação de Salvador foi aberta com o nome de Jequitaia em 1860, e era uma estação "central e marítima da estrada", segundo descrição de Cyro Deocleciano, em 1886. A estação foi também chamada de Baía e Estação da Calçada. A estação sempre esteve aonde está hoje,desde a inauguração em 1860. Jequitaia hoje é o nome da avenida que, saindo da região do porto, chega a Calçada, que é o nome do bairro onde se localiza a estação. Entre o porto e a estação a distância é de cerca de 3 a 4 km. [...] Ela é hoje uma estação de trens suburbanos tocados pela CBTU.

Figura 16 - Estação da Calçada em fins de construção, em 1861.
Fonte - Acervo Flavio Cavalcanti.

Figura 17 - Estação da Calçada, Maio, 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Percebe-se que o poeta burlava irreverentemente essa ordem. E, astuciosamente, fugia da prática de espaço disciplinar traçada para espaços

[18] Francisco José da Silva Barramedas tem 63 anos e declarou ter nascido no bairro do Bonfim, em 31 de dezembro de 1946, na cidade do Salvador-Ba. Também informou ser aposentado da Petrobrás. Depoimento concedido em 25 de setembro de 2005.

[19] GIESBRECHT. Ralph Mennucci. SALVADOR (ESTAÇÃO DA CALÇADA) Município de Salvador, BA, disponível em:
<http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/salvador.htm> Acesso em 27/05/2009.

coletivos, beneficiando-se destes em um deslocamento produzido por uma linguagem que se imiscuía nessa geografia teórica, delineando um novo caminhar, que é singular, mas também plural, na medida em que atraía o público para esse espaço, tecendo sua história, inserindo nesta, através dos seus cordéis, a história coletiva.

Essa transgressão ocorria na medida em que o poeta utilizava esse espaço, projetado para ser um meio de transporte, como espaço de enunciação: aproveitando-se do grande afluxo de transeuntes pertencentes a distintas camadas sociais, fazia do elevador, como tão bem define Barramedas, seu quartel general, o espaço preferido para divulgar seus cordéis. Assim, usava o Elevador não para se deslocar, por necessidade, para os dois planos da cidade, mas para enunciar.

Isso é esclarecido por Gercílio Montenegro[20], que conviveu com o poeta desde que veio para morar em Salvador chegava a avistá-lo várias vezes ao dia: “Olhe que eu via Cuíca quase todos os dias. Não era só eu não, ele era da cidade. Ele era um personagem da cidade, todo dia você via, ele não parava, era o dia todo pra lá e pra cá.” (informação verbal). O depoente registra que o itinerário feito por ele diariamente da Calçada[21] até o Elevador Lacerda permitia-lhe ver e ouvir o poeta várias vezes, pois este também transitava nestes lugares.

O entrevistado afirma que: “[...] ele, Cuíca de Santo Amaro, ficava subindo e descendo divulgando os livros que ele fazia.” (informação verbal), ou seja, Cuíca apropriava-se desse meio de transporte, transitando por ele com desenvoltura e, nesse mapa urbano, fazia a sua própria trajetória. E, como diz Certeau (2007), ia tecendo esse lugar, impregnando-o com suas palavras, com versos que desnudam o universo da sociedade baiana.

Versos que, como diz o entrevistado, informavam e divertiam o povo de Salvador e eram declamados com a voz e o corpo, produzindo encantamento, tornando-se um personagem do seu tempo. Mesmo aqueles que pertenciam à classe social elevada eram curiosamente despertados para ler os cordéis de Cuíca de Santo Amaro.

---

[20] Gercílio Montenegro da Silva é natural de Camaçari-Ba , nascido em 09 de abril de 1937. A partir dos dezoito anos, em 1955, passou a residir no subúrbio ferroviário da cidade do Salvador no bairro de Periperi. Entrevista realizada em 22/09/2005. Depoimento cedido por Sinéia Silveira.

[21] Rua da Calçada – assim outrora chamada porque foi sendo conquistada ao mangue e aos alagadiços por calçadas – hoje denominada Barão de Cotegipe – onde está localizada a estação inicial da estrada de ferro que leva ao rio S. Francisco, ao interior da Bahia, ao Estado de Sergipe. (COSTA, 1952)

Conforme Monsenhor Sadoc[22] que, aos oitenta e nove anos, (quando fez este depoimento), ainda trazia viva em sua memória a figura do poeta. Ele afirma que: “Todo mundo conhece, fala de Cuíca, mas pouca gente conhece a alma de Cuíca. E a alma dele eu conheci”. (informação verbal) Sobre o público do poeta, ele faz revelações esclarecedoras: “As camadas populares liam claramente, as outras camadas, ocultamente. O povo simples ficava em derredor dele, rindo, batendo palmas, aplaudindo. Os grandes, os ricos mandavam comprar para ler em casa”. (informação verbal).

Também conta que os folhetos dele eram aguardados pelas pessoas, pois ele fazia “um jornaleco cômico e, ao mesmo tempo forte, azedo.” (informação verbal) Faz revelações bastante interessantes, as quais confirmam o interesse que os versos, a voz e a alma de Cuíca, despertavam nas mais distintas camadas sociais. Ricos e pobres. Negros e brancos. Jovens e idosos. Fica claro que o poeta, tendo esse público composto por pessoas de várias origens, utilizava-se de uma linguagem simples, como ele, para informar, delatar, satirizar, divertir, provocar. Ressalta que as pessoas, àqueles apontados nos cordéis, o escutavam para saber o que estava sendo dito a seu respeito. Ainda, segundo o depoente, “as pessoas que não queriam se expor mandavam seus empregados para comprar os cordéis para saber sobre o seu conteúdo”.

Monsenhor Sadoc diz que os cordéis publicados por Cuíca de Santo Amaro tinham um estilo informativo, chamando a atenção para a popularidade do vate, homem popular que convertia os seus folhetos em chamariz para o seu público sempre em busca de informação e distração. Faz uma comparação entre os folhetos do poeta e uma revista de grande circulação na atualidade, a Revista Veja, de publicação nacional, retratando o lado jornalístico do poeta. Isso é aludido também pelo senhor Adauto, quando comenta que: “o que partia de Cuíca partia com mais sabor, com mais, viu? Ele transformava aquela notícia em coisa bem melhor do que às vezes você ter adquirido no jornal.” (informação verbal).

É interessante como a simples menção ao nome de Cuíca tem o poder de suscitar, na memória da maioria dos entrevistados, uma associação primeira com o

[22] Monsenhor Gaspar Sadoc, nasceu em Santo Amaro da Purificação em 20 de março de 1919. Aos doze anos passou a residir na cidade do Salvador. Declarou ver sempre Cuíca de Santo Amaro e ter realizado o enterro do cordelista no cemitério da Baixa de Quintas. Este depoimento foi feito em 14 de outubro de 2005

Elevador Lacerda. Essa informação é confirmada pelo Sr. Jorge Sampaio Gomes[23] (filho de Cuíca de Santo Amaro). O depoente revela ter apenas doze anos quando seu pai faleceu, mas que tinha lembrança dele exatamente neste lugar e ainda declara ser o "Elevador Lacerda um dos lugares preferidos por seu pai na divulgação dos seus cordéis". (informação verbal). Observe as imagens do referido elevador:

Figura 18 - Elevador Lacerda. Entrada na Cidade Alta. 1932.
Fonte - <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=292604> Acesso em 20/10/2009.

Figura 19: Elevador Lacerda. Entrada na Cidade Alta. Maio. 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Depreende-se, desse depoimento, a astúcia do vate: ao escolher os locais para a divulgação do seu trabalho, estrategicamente, selecionava aqueles que ofereceriam um grande público e, com este, a chance de sobrevivência, mediante uma maior vendagem dos seus cordéis. Ao batalhar pela sobrevivência, o poeta não se submetia aos ditames, ao engendrar estratégias na divulgação dos seus cordéis ele também evidenciava as lutas dos anônimos que passam pelos mesmos lugares e dificuldades como ele. Veja abaixo mapa temático construído a partir das informações dos depoentes sobre o itinerário do poeta nos trens suburbanos da cidade do Salvador:

[23] Jorge Sampaio Gomes, filho de José Gomes (Cuíca de Santo Amaro), servidor público aposentado, 60 anos, residente na Avenida Garcia nº 31, Baixa de Quintas Salvador Bahia. Entrevista concedida em 22/05/2009.

Figura 20 - Mapa Temático,

Fonte – CONDER, 1992. Pesquisa de campo, 2008.

O senhor Adauto Antônio Costa rememora esse percurso engendrado pelo poeta. Ele relata:

> Também era certo encontrá-lo na Estação da Leste, na Estação da Calçada, porque lá, na época, os trens suburbanos era frequentado por muitas pessoas e ele ali ele distribuía seus livretos com muita facilidade. Ele geralmente saía vendendo o livreto de classe em classe do trem. Ele saía da Calçada, via Paripe, de Paripe ele voltava. O trajeto era Lobato, Praia Grande, Itacaranha, Periperi, Coutos e o ponto final que era Paripe. E vice-versa: Paripe, Coutos, Periperi, Praia Grande, Itacaranha, Lobato e Calçada.

Cuíca percorria esses espaços coletivos espalhando a sua arte, a sua sabedoria, ao mesmo tempo em que fazia uso de versos para despertar no seu público leitor uma consciência crítica. Isso é perceptível no folheto Os embromadores do povo, no qual o poeta escancarou os bastidores da política, tecendo uma crítica mordaz e ferina aos políticos corruptos:

> Vou mover uma campanha [24]
> Pra dizer aos meus eleitores
> Principalmente aos meus
> Amigos trabalhadores
> Que abram bem os olhos
> Com os taes embromadores
>
> Cuidado com os candidatos
> E as suas embromações
> Que tudo nos prometem
> Em vésperas de eleições
> E que na realidade
> Não passam de Tubarões
>
> Os embromadores do povo
> Começam a nos dizer
> Vocês se eu fôr eleito
> Vão deixar de sofrer
> Tudo nos prometem
> Para alcançarem o poder
>
> Atravez dos seus comícios
> Começam a nos embromar
> Dizem ao povo analfabeto
> Eu vou lhe ajudar
> Eu tenho um lugarzinho
> Para você trabalhar. (f.1)
>
> Porque se o eleitor tiver
> Vergonha e sentimento
> Toma todo dinheiro
> De todo mau elemento
> E dará o seu voto

[24] Folheto Os embromadores do povo autoria D' ele, o Tal, Cuíca de Santo Amaro. (s.d)

A quem tiver merecimento.[25]

Esse viés do poeta é explicitado pelo depoente, o senhor João Valentim, ao afirmar que “[...] os versos de Cuíca conseguiam revelar situações de denúncias e críticas sociais, especialmente quanto aos desmandos dos poderosos e políticos como da sociedade em geral.” (informação verbal).

O Sr. Valentim tece comentários sobre a irreverência e língua do bardo ao desnudar episódios que não deveriam vir à tona. Desse modo, o informante diz que o poeta: “esquadrinhava a política, os fatos da sociedade, de infidelidade, de caráter político, satírico a toda uma questão política [...] falava em versos de situações da sociedade.” (informação verbal). O poder de sedução do poeta era tão grande que até o timbre da sua voz é lembrado e, até hoje, marca a memória deste e dos outros depoentes. Cuíca transmuta esses espaços geográficos em espaços de enunciação, e esse ato de caminhar, para Certeau (2007, p. 177), parece, portanto, encontrar uma primeira definição como espaço de enunciação.

3.3 O OLHAR DO POETA SOBRE A CIDADE

Buscando superar os limites impostos pela vida difícil, aprendendo a manipular sua língua como instrumento de politização, Cuíca expunha, em seus versos, o lado podre da sociedade. Portanto, ele teve uma grande função social. Monsenhor Gaspar Sadoc confirma essa função social do poeta, trazendo à tona os assuntos mais versejados por este, especialmente aqueles execrados que só os corajosos ousavam enunciar, temas que ele chama de “a cozinha da sociedade”, que retratavam usos, costumes pouco recomendáveis, práticas ilícitas, os quais os praticantes desejavam condenar ao silêncio. Assuntos que, por revelarem o lado escuso da sociedade, feriam os brios daqueles que tinham falsos pudores, isso em pleno meado do século XX, já que a produção do poeta se concentra, basicamente, nas décadas de 1940 a 1960.

Ressalte-se que a prática que Cuíca fazia do espaço é bastante diversificada. Além do Elevador Lacerda, ele transitava por outros caminhos, como as ruas mais

[25] Neste trabalho, os cordéis foram transcritos conforme original.

freqüentadas pela elite, como explica João Valentim: “a Rua Chile que era freqüentada pela elite, pelos fazendeiros, homens poderosos, homens de dinheiro, e as mulheres mais belas que por ali passavam para comprar”, o depoente explica que “ali era o chique da época, o Palácio[26], a rua Chile, Rua da Misericórdia.” (informação verbal). Essa informação sobre a Rua Chile é reiterada pelo Senhor Gercílio Montenegro, que deixa entrever, além dos aspectos relativos ao espaço dessa rua, a simbiose de Cuíca com seus ouvintes: “Como se fosse o Iguatemi hoje, todo mundo desfila à tarde, era desfile de moda na Rua Chile, o comércio muito importante, era o centro do Comércio de Salvador” (informação verbal), e se tinha transeuntes era o lugar apropriado para ele divulgar e vender seus cordéis.

Essa informação do depoente sobre a rua em foco é ratificada por Santos (1959, p. 82-124) ao afirmar que a Rua Chile “constitui uma espécie de vitrine da cidade [...] o simples trottoir elegante dos fins de tarde na rua Chile, atraem uma multidão de pessoas que se sucedem em um vaivém incessante”. Vide imagens:

Figura 21 - Rua Chile 1961.
Fonte: Teixeira (2001, l. 4 p.14).

Figura 22 - Rua Chile, Maio 2009.
Fonte - Acervo da autora

[26] Palácio Rio Branco – Levantado em local escolhido para sede do Govêrno, desde a fundação da Cidade, tendo sido, no século presente, reconstruído com bela fachada, jardim suspenso, escadaria com piso de cristal e ornatos de bronze. [...] Antigamente era chamado Palácio dos Governadores e serviu de residência aos mesmos, até o fim do segundo reinado tendo aí se hospedado D. João VI e a família real, D. Pedro I, a imperatriz e a Princeza D. Maria da Glória, D. Pedro II e a Imperatriz D. Thereza Cristina. (TORRES, 1969, p. 42).

Sobre a Rua Chile, Teixeira (2001, p.14) informa que:

> Entre a Praça cívica que reunia as casas do governo ao seu redor e o largo onde as primeiras feiras trocavam deslumbramentos por produtos da terra, uma rua estreita se estendeu. Nela estavam os comerciantes estabelecidos e dela saíam duas ladeiras para a praia da cidade, e duas transversais que a ligavam a outra rua, esta consagrada a Nossa Senhora da Ajuda. Era por sua distinção a rua **Direita dos Mercadores**. [...] E a rua que começava na esquina passou a se chamar rua **Direita do Palácio**. [...] Lá estavam, nos altos, morando os mais reputados nomes da burguesia baiana e, nas "lojas", vendia-se o que de mais recente a moda européia fornecia às elegâncias locais. [...] Em 1902 a cidade desdobrou-se em cortesias à esquadra chilena que aqui chegava para homenagear o herói de dois oceanos, lord Cochrane. Tal o fervor da recepção, que a principal rua da cidade deixou o seu velho nome colonial para ser denominada, entre festas que marcavam época, **Rua Chile**. (grifos nossos)

Franco (2000, p.15) discute sobre a importância e funcionalidade desta via informando que: "a rua Chile, em Salvador, era o principal ponto de encontro da cidade [...] era o local ideal para fazer footing. Depois a parada obrigatória dava-se em A Cubana[27], sorveteria instalada numa das portas do Elevador Lacerda."

Cuíca também atualizava a ordem espacial estabelecida para os bondes e trens suburbanos, inventando idas e vindas, transmutando em outra coisa cada um desses significantes. Invertia, assim, a ordem espacial projetada para o Elevador Lacerda, como citado, como também valia-se dos meios de transporte como os trens e bondes não para se deslocar, por necessidade meramente espacial, mas para aproveitar-se de um ambiente plural, repleto de ouvidos que captassem sua mensagem, ávidos por ouvirem a notícia do dia, o último escândalo, os cambalachos políticos, dentre outros temas.

Nesse sentido, conforme Certeau (2007, p.176), as motricidades dos pedestres formam um desses "sistemas reais cuja existência faz efetivamente a cidade", mas "não têm nenhum receptáculo físico". O senhor Adauto refaz esses percursos e peculiaridades dos deslocamentos de Cuíca, descrevendo, com riqueza de detalhes, as idas e vindas deste no espaço urbano e suburbano. Rememora pormenorizadamente os bairros percorridos, o *modus operandi* do poeta e a reação do público: "O Cuíca era um freqüentador assíduo do Pelourinho. Ele andava muito

[27] A Cubana, sorveteria fundada em 1930 por Baltazar Moas quando o Elevador Lacerda foi ampliado. Bem localizada A Cubana logo se tornou o "*point*" da cidade. Lá nos finais de tarde, se reuniam políticos, intelectuais artistas e estudantes. O local era o caldeirão político-cultural. Informativo ACOPELÔ-Associação dos Comerciantes do Centro Histórico do Salvador. Edição Setembro/Outubro 2003. Ano I nº 7.

no Pelourinho[28], porque quando ele lançava um livreto, ele partia pro Pelourinho, ou outro lugar para vender seus livros." (informação verbal).

Observe imagens de duas épocas distintas do Pelourinho:

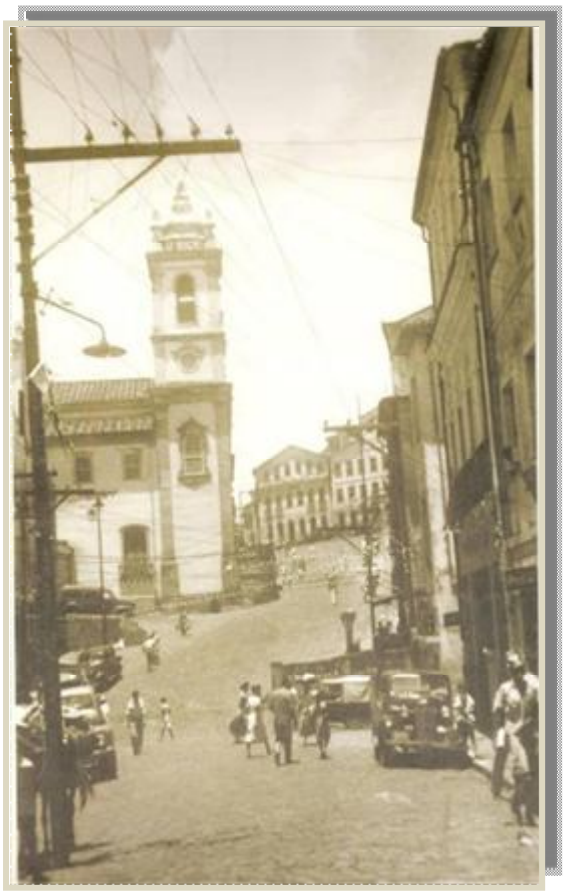

Figura 23 - Ladeira do Pelourinho. Década de 40 séc. XX.
Fonte: Teixeira (2001, l 3, p. 22).

Figura 24 - Ladeira do Pelourinho. Junho, 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Sua trajetória, ratificada é ressignificada pela memória coletiva daqueles que percorrem com ele esses mesmos espaços, "fala" sobre sua vida, revela seu *modus operandi*, delineia a forma como este tecia a sua identidade a partir de urdiduras para mudar sua condição social, delimitando o território que o particularizava,

[28] Segundo Santos (1959, p. 165-166). "Ladeira-praça, de forma irregular, rodeada de edifícios do séc. XVIII e XIX, casas nobres de dois e três andares que serviram de residências às famílias ricas, mas que hoje caíram em ruínas". De acordo com declaração de Teixeira In: Pelo Pelourinho. Anísio Félix (1995, p. 32) o processo de recuperação do Pelourinho teve início no ano de 1966, com a vinda de uma missão da Unesco para a realização de estudos sobre a área. Foi criada a Fundação do Patrimônio Artístico e Cultural do Estado da Bahia – EPAC – hoje IPAC, destinada a preservar e restaurar o patrimônio do Centro Histórico. A recuperação efetiva começou no primeiro governo Antônio Carlos Magalhães 1970-1974, restaurando-se nessa época o Largo do Pelourinho, da Bahia e do Brasil. A Unesco – Organismo da Organização das Nações Unidas, ONU – reconheceu o Centro Histórico como Patrimônio da Humanidade.

abrindo novos rumos, outras direções. Preenchia os lugares com sua presença marcante articulando uma geografia imprevisível. Lembrar Cuíca, para os depoentes, é refazer, pela memória, essa geografia toda própria do poeta.

O Sr Clarindo Silva de Jesus[29], contemporâneo e grande admirador do poeta afirma ter conhecido Cuíca de Santo Amaro na Feira de Água de Meninos local onde ele vendia os cordéis e relembra do poeta alegando que:

> Eu me lembro de Cuíca de Santo Amaro de fraque, de bengala e de chapéu, falando dos fatos corriqueiros da cidade, eu diria até que ele foi o grande cronista dessa cidade, porque o fato acontecia, podia ser um fato policial, podia ser um fato político, podia ser um fato social, cultural se interessasse a ele ligeiramente ele fazia o cordel levava na tipografia São Judas Tadeu ou na tipografia Baiana e editava esse livro que em poucas horas já estava circulando pela cidade.

O Sr. Clarindo relembra com grande precisão alguns dos lugares percorridos por Cuíca de Santo Amaro pelas ruas, feiras e praças da cidade do Salvador na divulgação e venda dos seus cordéis. Segundo ele, "Cuíca tinha o poder de juntar gente, eu o assisti inúmeras vezes, ele parava e com dez, quinze, vinte minutos tinha uma verdadeira multidão para ouvi-lo e assisti-lo e o aplaudiam muitas vezes." (informação verbal).

O depoente ainda observa sobre os lugares em que o poeta fazia suas apresentações "na Feira de São Joaquim, na Baixa dos Sapateiros, no Terreiro de Jesus, Avenida Sete, na Feira do Curtume, fazia isso na Sete Portas, ele na realidade era um grande andarilho, era um andarilho cultural." (informação verbal). Ainda relata outro itinerário do poeta, conta que: "ele pegava o bonde no Largo do Tanque saltava no Retiro, ai pegava outro bonde no Retiro e saltava na Baixa dos Sapateiros" e completa a informação dizendo que "da Baixa dos Sapateiros ele ia para a Barroquinha e de lá para Praça Castro Alves e quando pensava que não estava de novo no Elevador Lacerda." (informação verbal).

A presença de Cuíca na feira do Curtume é confirmada nos depoimentos dos Sr. Eduardo Alves Nazaré[30], 76 anos, atualmente aposentado da Embasa, mas que naquele período tinha o oficio de sapateiro e trabalhava na Baixa dos Sapateiros

[29] Clarindo Silva de Jesus é coordenador do Projeto Cultural Cantina da Lua e proprietário da Cantina da Lua, localizado na Praça 15 de Novembro nº 2, Pelourinho – Centro Histórico, Salvador-Bahia. Entrevista concedida em 20/07/2009.

[30] Eduardo Alves Nazaré, 76 anos, afirmou ser admirador de Cuíca de Santo Amaro e relata que até hoje se lembra de suas histórias, sempre muito divertidas, contadas com muita graça e picardia. Entrevista concedida em 22/07/2009.

onde a presença do poeta era constante e o do Sr. Edson Alves Ferreira[31], 75 anos, ambos moradores do bairro da Liberdade, afirmaram ver sempre Cuíca aos sábados e domingos na feira do Curtume vendendo os seus cordéis e divertindo as pessoas com as suas apresentações, além dos outros dias da semana em que o assistiam na Praça Municipal, em frente ao elevador Lacerda, na Praça Cairu, em frente a Ladeira do Ferrão, na Baixa dos Sapateiros, entre tantos outros lugares em que o poeta se apresentava sempre rodeado de pessoas que o assistiam.

Observa-se então que os trens, as ruas, as feiras, o Elevador Lacerda, o Centro Histórico, entre tantos outros lugares citados, são para Cuíca, espaços de jogo: do jogo com as palavras, do jogo com um público que não esperava chegar, antes, buscava alcançar. E o inverso também se dá: ele era um grande chamariz. Onde o povo estava aglomerado, aí a presença do poeta era certa. E há uma simbiose tão grande entre ele e esses lugares, que os depoentes, quando se lembram dele, fazem-no a partir da associação entre ele, seus versos e esses lugares.

Além desses espaços, haviam outros praticados por Cuíca, de acordo com informações dadas pelo Monsenhor Gaspar Sadoc*:* "Também nas grandes concentrações ele ia, no Bonfim. Na porta das igrejas vendendo cordel. Ficava nas festas da Conceição, na festa do Bonfim." (informação verbal). Para Certeau (2007, p. 202), "o espaço é um lugar praticado". Nesse sentido, Cuíca, enquanto pedestre, agia, como sujeito histórico, transformando as ruas, praças e outros lugares em espaços, a partir de sua vivência de cordelista. Praticando esses espaços, delineava seu próprio percurso. E era um caminhante incansável, como se depreende do depoimento da Sra. Vilma Correia dos Santos[32], que rememora:

> Conheci Cuíca no trem que saía da Leste, na Estação da Calçada, até Paripe. Não sei onde ele morava, sei que ele estava no trem, no horário das dezoito horas, que era o que eu pegava. Ele passava lendo alto, a turma toda se divertia. Versos assim picantes eram muito engraçados. Só lembro desse da mulher de Curva Grande que não casava com homem do Pau Miúdo, os dois bairros que tem aqui. Curva Grande, acho que é no Garcia e Pau Miúdo é aqui no Pau Miúdo mesmo. Quando eu descia, ele continuava no trem.

[31] Edson Alves Ferreira, alfaiate aposentado, 75 anos, declarou conhecer Cuíca de Santo Amaro e gostar muito dos seus cordéis e de suas apresentações, que para ele era diversão e informação já que não lia jornais e sempre se informava dos acontecimentos da cidade através dos cordéis de Cuíca. Entrevista concedida em 23/07/2009.

[32] Dona Vilma Correia dos Santos nasceu em 1937, em Salvador, no bairro de Itapagipe. Diz lembrar nitidamente de Cuíca, o qual, até hoje, arranca largas gargalhadas dela, por sua linguagem bem humorada, por seu tom escrachado.

Após trilhar as ruas da capital baiana, tomava o trem das dezoito horas, conforme Dona Vilma, não para voltar para casa, para descansar de um dia de labuta, como tantos outros viajantes ali presentes, já que este não era o trajeto para a sua residência. Transitando por esse espaço com a desenvoltura de alguém que tem intimidade com o povo, servia-se das passagens entre um vagão e outro como palco para suas enunciações, como cenário vivo para exercer um efeito encantatório em uns, divertindo, de suscitar a raiva em outros. Seus versos davam voz às necessidades dos mais humildes, como ele mesmo afirmou no seu folheto: “Por que candidatei-me a vereador.”

Segundo a informante Vilma Correia dos Santos, ela descia desse trem e o poeta continuava na labuta; seu instrumento de trabalho era a palavra. Incansável, deixava riscadas no chão indelével por onde passava, distintas histórias materializadas nos versos que teciam seu caminhar, pois é a partir desses lugares que os depoentes suscitam, pela memória, a história do poeta e evocam a lembrança dos seus versos.

Cuíca extrapolava os limites da capital baiana, jogando com outros espaços. Vivenciava outras realidades a bordo de trens que o levavam a buscar outros ouvintes que também apreendiam sua melodia. Isto nos informa a Senhora Dagmar Santos Argolo[33], 90 anos, que ainda jovem conheceu Cuíca e, em um mergulho na memória, traça o percurso feito: “Via no trem que ia pra Camaçari. O trem saía de Salvador, passava por Lobato, Almeida Brandão, e Aratu, Água Comprida[34], esses lugares, até Camaçari e ele ia ali dentro conversando ali, mas não era comigo”. (informação verbal). Observe abaixo mapa temático elaborado a partir do relato da depoente:

[33] Dagmar Santos Argolo nasceu em 1918 em Salvador, no bairro de Itapagipe, revelou lembrar-se de Cuíca de Santo Amaro e vê-lo sempre nos trens suburbanos. Depoimento foi concedido no dia 22 de setembro de 2005.

[34] Água Comprida (atual Simões Filho) e Camaçari são cidades que fazem parte da região metropolitana da cidade do Salvador.

Figura 25 - Mapa Temático
Fonte: CONDER, 2000; Pesquisa de Campo, 2009.

A senhora Dagmar S. Argolo primeiro, afirma não ter boa memória, no entanto, aos poucos, evoca as imagens do passado, revisitando, pelos reflexos da memória, os lugares por onde passava o trem que, muitas vezes, compartilhara com Cuíca: “Uma das lembranças mais intensas que tenho de Cuíca é a sua voz. Voz grossa, de homem mesmo. Era meio rouca, mas tinha um efeito de encantar os que passavam fazendo-os parar para ver e ouvir o poeta.” (informação verbal)

Figura 26 - Gare da Estação Calçada, Maio 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Figura 27 - Embarque/desembarque - Estação da Calçada. Maio 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Esse itinerário que foi descrito pela depoente também é citado por Costa (1952), no capítulo em que trata das comunicações, Segundo ele: “Por via férrea, milhares e milhares de viandantes, partindo da “gare” da Calçada, entram no “hinterland” brasileiro, vencendo centenas e centenas de quilômetros, em todos os sentidos”.

O autor apresenta uma lista dos meios de transportes existentes na cidade do Salvador apresentando as rotas marítimas (nacionais e internacionais), aéreas (estaduais, nacionais e internacionais) e as rotas ferroviárias, das quais se ressalta a de Salvador – Alagoinhas, que foi descrita no depoimento da senhora Dagmar Argolo:

SALVADOR – ALAGOINHAS

> Empreza – VIAÇÃO FERREA FEDERAL LESTE BRASILEIRO
> Escalas – Lobato, Almeida Brandão, Itacaranha, Praia Grande,Periperi, Coutos, Paripe, Macacos, Aratú, Mapele, Água Comprida, Muritiba, Parafuso, Camassari, Dias D'Avila, Amado Bahia, Jacuípe, Mata de São João, Pitanga, Pojuca, Central, São Tiago, Catú, Pau Lavrado, Sítio Novo, São Francisco. (COSTA,1952)

Dona Dagmar, diferentemente, deixa claro que "ele declamava, e claro que o povo gostava. Eu não gostava, não dava muita atenção, mas gostava de ver e as pessoas paravam pra olhar. Não gostava de ouvir, mas gostava de ver" (informação verbal), possivelmente porque Cuíca tinha uma língua ferina, produzia, além dos folhetos políticos e sensacionalistas, os licenciosos. Estes, em pleno meado do século vinte, provavelmente não eram "recomendados" para serem ouvidos ou lidos pelo público feminino. Pois, nestes, como bem ilustra o senhor João Valentim: "ele publicava fatos que chocava a sociedade, estupros, adultérios o que viesse ao seu conhecimento, ele falava, principalmente de pessoas conhecidas, os tipos populares, que tinham vida pública. E o povo se divertia." (informação verbal)

E desse modo, entre gracejos e versos, Cuíca fazia uma reconfiguração dos espaços coletivos de Salvador. Criava uma geografia toda própria, introduzindo e mesclando esses lugares com suas memórias, transmutando-os em espaços, na medida em que os impregnou com as suas vivências e as daqueles que faziam esse mesmo itinerário. Até hoje, suscita paixão e admiração de uns, como se vê no depoimento do Monsenhor Sadoc: "No dia da morte, morreu tudo com ele. [...] passou a vida lutando, era um lutador que tinha caráter e queria justiça. Na galeria das pessoas que me fizeram bem está Cuíca de Santo Amaro." (informação verbal).

É dessa forma que o poeta escreveu sua história pelas ruas de Salvador e outras cidades da Bahia. Desafiou os limites impostos por uma geografia idealizada, rompe com a ordem instituída. Teceu o seu caminho, transmutando ruas, feiras, praças e trens em palcos do seu existir, espaços de enunciação, conforme se depreende de trechos do cordel "Quem tem inimigos não dorme"[35]:

> Os olhos já são tantos
> Que botam em mim esta gente
> Só porque eles conhecem
> Que eu sou inteligente
> Estou sempre em dia
> Sempre firme no batente.(f.3)
>
> E eu a muita gente
> Há anos tenho provado

[35] Autoria D'ele o Tal Cuíca de Santo Amaro. (s.d)

Escrevo tudo direito
Sem nunca ter estudado
Isto tem afirmado
O escritor Jorge Amado (f. 4)

O povo é sabedor
Que eu tenho competência
Desafio qualquer um
Porque tenho inteligência
Verso leve, ou pesado
Eu escrevo com cadência.

A minha inteligência
É o meu maior tesouro
Foi o bom Deus que me deu
Em uma caixinha de ouro
E no sonho ele me disse
Pra eu não ouvir desaforo. (f.8)

É assim que Cuíca de Santo Amaro, Ele, o Tal, registrou o seu nome nos lugares por onde passou, deixando nestes a sua marca, expressando, por meio desta, as necessidades de se consagrar socialmente, de constituir e desvendar o mundo.

4 O COTIDIANO DA CIDADE DO SALVADOR EM CORDÉIS DE CUÍCA DE SANTO AMARO

> O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada. (CERTEAU, 2007, p. 38)

A cidade do Salvador, também chamada de cidade da Bahia, designação que Torres (1969, p.13) explica ao afirmar que: “a aludida capital é, entretanto conhecida no Estado, no País e universalmente pelo nome de Bahia”. Em meados do século XX, há algumas personalidades populares que se destacam, dentre elas, Cuíca de Santo Amaro, certamente, uma das que são lembradas pelas pessoas que lhe foram contemporâneas, haja vista sua forma peculiar de ganhar a vida, propagando e vendendo folhetos de cordel de sua autoria.

Suas produções literárias reportam-se àquele período e através de sua obra, pode-se visualizar a trajetória de muitos políticos e de outras personalidades de destaque na época, bem como o cotidiano da cidade do Salvador, pois, como afirma Curran (2000, p. 23), “Cuíca documentava da maneira mais completa a vida cotidiana baiana: a carestia na vida do povo (com dezenas de variantes), os usos, os costumes e a moral vigentes na cidade de Salvador”.

Desta forma, o desprendimento do trovador em publicar fatos, escândalos na sociedade, noticiar também as questões sociais expressas na cidade muitas vezes o colocava em apuros, chegando a sofrer agressões físicas, sendo que algumas dessas resultavam em prisão, por conta das retaliações das pessoas que se sentiam ofendidas ou injustiçadas pelas suas publicações. Segundo monsenhor Sadoc: “ele deve ter sido preso várias vezes, mas prisão não era para ficar não! [...] pegavam ele, botavam na cadeia e ele no outro dia saía e fazia a mesma coisa. Acho até que ele compunha na cadeia mesmo. Ele não perdia tempo.” (informação verbal).

Diante dessa afirmativa, fica explícito que, mesmo sofrendo represálias de algumas pessoas, o poeta não se deixava abater e usava a sua pena para responder àqueles que o destratavam ou o agrediam.

Em vários depoimentos, nas entrevistas realizadas com contemporâneos do cordelista, fica bem claro que ele era uma pessoa que tinha o dom de anunciar o

que ocorria na cidade, no cotidiano de pessoas daquela época. Matos (2004, p. 44-45) assim descreve o conteúdo das publicações do poeta:

> Os cordéis de Cuíca abrangiam a reportagem do dia-a-dia, a notícia sensacionalista, a crítica política e de pessoas e / ou instituições, em linguagem satírica e violenta, empenhada em ridicularizar a realidade baiana de sua época, afora os "livros de encomenda", que denunciavam o esforço do autor por se libertar, pela irreverência, de uma linguagem bem-comportada, deixando patente o vocabulário da praça pública, das feiras periódicas e ruas de comércio, marcado pela plasticidade e corporalidade da comunicação oral, e distanciado das regras de gramática e dos conceitos formais que caracterizam a língua escrita e culta.

Assistir suas apresentações certamente era um grande privilégio, pois a sua arte em narrar os acontecimentos permitia ao ouvinte/leitor participar do que ele contava.

Benjamin (1994, p. 201) afirma que: "o narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes". O autor chama a atenção para a dimensão utilitária da narrativa. Observa-se que Cuíca consegue imprimir nos seus versos a sua marca, assim como o vaso fica marcado pelas mãos do oleiro que o produziu, transformando-o em lindas peças, ele tece os seus versos brincando com as palavras que a todos encanta e seduz.

Rezende (2006, p. 10) afirma que "o narrar e o viver são cartografias sem fronteiras, onde o humano constitui suas mais diversas expressões, onde suas histórias se constroem com suas mais astuciosas artimanhas". Partindo-se do pressuposto de que não existe neutralidade na narrativa, tem-se uma percepção dos registros da memória daqueles que tiveram o prazer de ver, ouvir e poder contar o que era enunciado pelo poeta nesses espaços através do entrelaçamento dessas lembranças associadas às suas experiências de vida. Esta era uma marca do poeta, transformava os episódios em deliciosas narrativas que envolviam o público. Ao fazer essas apresentações públicas, nas quais ele declamava seus versos, Cuíca exerceu um papel importante, o papel de comunicador.

Lefebvre (1973, p. 85) afirma que: "na vida cotidiana entramos em contato com o mundo já realizado, com inúmeros objetos produzidos em lugares distantes ou escondidos que se convertem em bens", o estudioso também observa que "o conjunto destes bens estimula as ambições e os desejos; e alguns deles nos escapam ou são inacessíveis". Pode-se então compreender que é justamente na apropriação e divulgação dos eventos que se processavam no cotidiano que Cuíca

de Santo Amaro produzia seus versos e se inseria no cotidiano das pessoas que cruzavam seu caminho.

4.1 A CIDADE DA BAHIA ENTRE TRILHOS E RODAS

Muitos foram os folhetos produzidos por Cuíca de Santo Amaro sobre os problemas viários da cidade do Salvador. Acidentes, greves, falta de manutenção dos automóveis, bondes, trens, enfim, ele dedicou muitos dos seus folhetos para denunciar a situação precária dos transportes coletivos da cidade.

Sobre o sistema de transportes urbanos da cidade, Santos (1959, p.122), em seu livro O Centro da Cidade do Salvador, nos apresenta algumas informações sobre quais eram os sistemas de transportes coletivos existentes na cidade da capital baiana e tece algumas considerações sobre os mesmos. Segundo ele, existiam quatro: “o primeiro deles serve a península de Itapagipe e aos bairros novos que acompanhavam a rodovia Bahia-Feira de Santana-Rio de Janeiro”. Ele explica que os veículos tinham como ponto de partida a Praça Cairu em frente à saída do Elevador Lacerda. Menciona também mais dois sistemas que serviam as linhas chamadas “de cima” e “de baixo”.

A respeito dessas linhas, Leal (2002, p. 50-51) informa que “os bondes da linha de baixo eram os que serviam aos bairros proletários: Cabula, Calçada, Retiro, Quintas, Rio Vermelho de Baixo, Vila América”. Ele ainda indica outro trajeto que cruzava pela Baixa dos Sapateiros: “subiam a ladeira da Barroquinha, Praça Castro Alves, Rua Chile, Liberdade, Soledade, Quintas, Cemitério, Brotas, Pitangueiras, Barbalho, Lapinha, Ajuda, desviavam no Café das Meninas e retornavam da Praça Municipal”.

Quanto aos itinerários dos bondes na Cidade Alta, o estudioso esclarece que se dividiam em dois grupos: “os da linha de cima e os da linha de baixo”. Os que atendiam a linha de cima “chegavam pela Avenida Sete de Setembro, tinham final em frente ao Plano Inclinado”. E os que eram da linha de baixo “atravessavam a Baixa dos Sapateiros, nos dois sentidos”, finalizando seu percurso “no Barracão das Hortas (Barroquinha)”.

Santos (1959, p. 118) alerta a respeito da proximidade entre as linhas citadas. Também aponta os Elevadores Lacerda e o Taboão, e os Planos Inclinados Gonçalves e Pilar, que ligam a Cidade Alta à Cidade Baixa dando maior fluidez nos deslocamentos dos transeuntes. Sobre o elevador do Taboão, Sampaio (2005 p.199) explica que este "interligaria duas zonas muito movimentadas, animando as atividades comerciais naquele setor da cidade, onde o pequeno comércio já era bastante desenvolvido". Esta informação é ratificada por Torres (1969, p. 50-51) ao alegar que:

> A rua do Taboão, onde hoje se encontra a Fonte dos Padres, vai desembocar no comércio da cidade baixa. No meio do trajeto o Elevador do Taboão ligando a referida cidade baixa, na rua do Bêco da Carne Sêca, hoje Fernão Cardim, à média, na mencionada artéria do Taboão.[...] as balanças transportam, cada uma, 16 e 20 passageiros.

Observe abaixo as imagens do referido Elevador em fins do século XIX e na atualidade:

Figura 28 - Elevador do Taboão fins do século XIX.
Fonte - SAMPAIO (2005, p. 200).

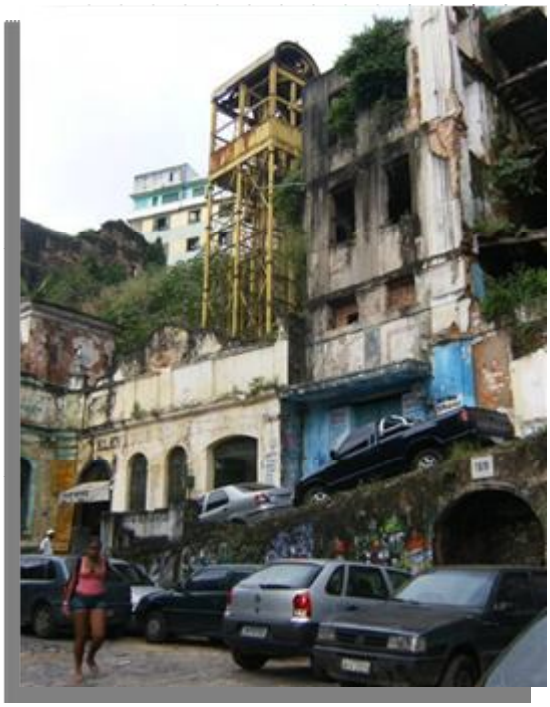

Figura 29 - Elevador do Taboão, Cidade Baixa. Maio, 2009.
Fonte - Acervo da autora.

Pode-se, então, ter a percepção da grande movimentação de transeuntes nesses lugares que serviam de ponto de embarque e desembarque de pessoas que

se deslocavam diariamente na cidade do Salvador. Santos (1959,p.119) chama a atenção para a duração de cada viagem executada pelo Elevador Lacerda: “apenas quinze segundos”. Segundo ele, “em 1957 esse sistema foi utilizado por 3,7 milhões de passageiros; 105 mil passageiros diários mais ou menos dos quais a metade utilizou o Elevador Lacerda”.

Com relação ao Café das Meninas citado por Leal (2002, p. 50-51), o depoente Luís Edmundo Ribeiro[36] afirma ter conhecido Cuíca de Santo Amaro e alega que o via constantemente, já que os locais por onde transitava eram os mesmos em que o poeta se apresentava diariamente na cidade, informa que este ficava na esquina da Rua da Ajuda com a do Tira Chapéu[37], no prédio da Associação dos Empregados do Comércio na Bahia. (Vide figura ao lado). Era um Café bem freqüentado pelos profissionais liberais, políticos, que trabalhavam naquela área especialmente por homens. O senhor Edmundo, que também exercia a função de músico, tocava à noite em cabarés e na orquestra do Cassino Tabaris, onde, segundo o informante, “Cuíca de Santo Amaro ficava, às vezes, na frente do cassino, vendendo seus cordéis.” (informação verbal).

Figura 30 - Prédio da Associação dos Empregados do Comércio na Bahia. Junho 2009. Acervo da autora.

Quanto ao café especificado pelos depoentes Leal (2000, p. 233) informa: “foram muitos os cafés como o América, Pirangi, o Portugal, do Faria (no comércio) e o famoso Café das Meninas, na Ajuda, onde os fregueses poderiam permanecer sentados para maiores “bate-papos”.” Com base nessas informações, pode-se,

[36] Luís Edmundo Ribeiro nasceu em 24/10/1934, comerciário e músico aposentado, trabalhava como representante de laboratório e sua área de atuação era o antigo Centro da cidade de Salvador, lugar onde também residia naquele período. Entrevista concedida em 15/06/09.

[37] Segundo Doréa (1999, p.101), o nome dessa via registra de um curioso costume da época em que o Brasil ainda estava subordinado política e administrativamente a Portugal. Naquele tempo, os homens ao passar por aquela via descobriam suas cabeças em sinal de respeito aos governadores, que ocupavam a sede do governo ali localizada e eram, àquele período, legítimos representantes dos reis de Portugal.

então, entender o porquê destes lugares visitados, diariamente, pelo cordelista terem-se cristalizado na memória dos passantes, os quais, ao relembrarem do poeta, invariavelmente o associam a estes.

Luiz Menezes Monteiro da Costa (1952), no seu livro Roteiro turístico da cidade do Salvador, apresenta alguns mapas, em folha complementar, contendo informações sobre os transportes coletivos além de informações de utilidade pública da cidade. Conforme se visualiza nos mapas (apresentados na próxima página) no primeiro, pode-se ter uma maior compreensão da diversidade de transportes e de linhas e pontos de partidas e itinerários dos bondes, ônibus e lotações que serviam à população baiana naquele período. No segundo mapa, pode-se identificar a localização de igrejas, hospitais e casas de saúde, repartições públicas, mercados e feiras, bancos e grandes empresas, cinemas, hotéis, obras de arte, estacionamentos de carros de aluguel e jornais existentes na cidade. Observe os mapas:

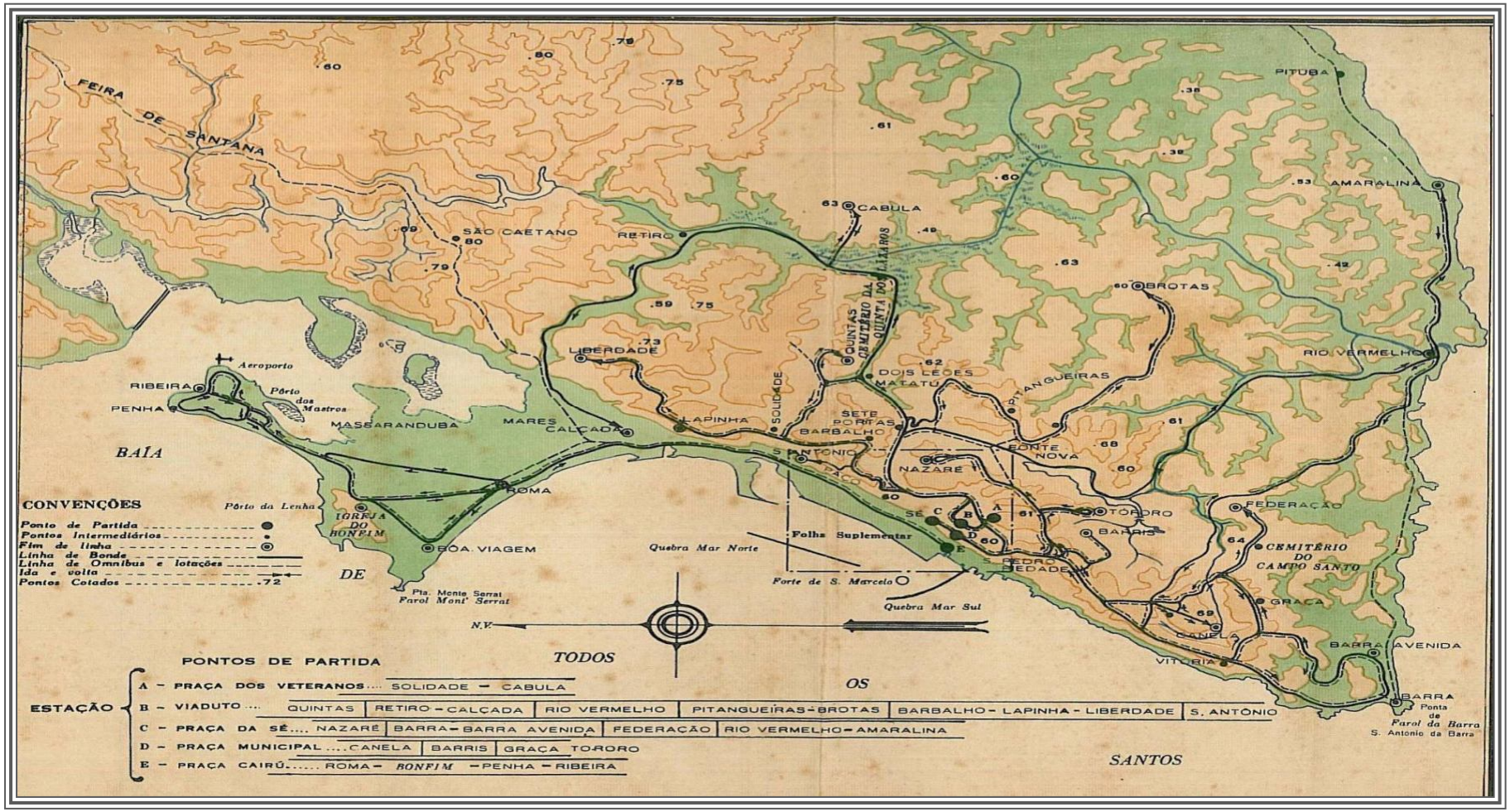

Figura 31: Transportes Coletivos, Fonte: COSTA. 1952.

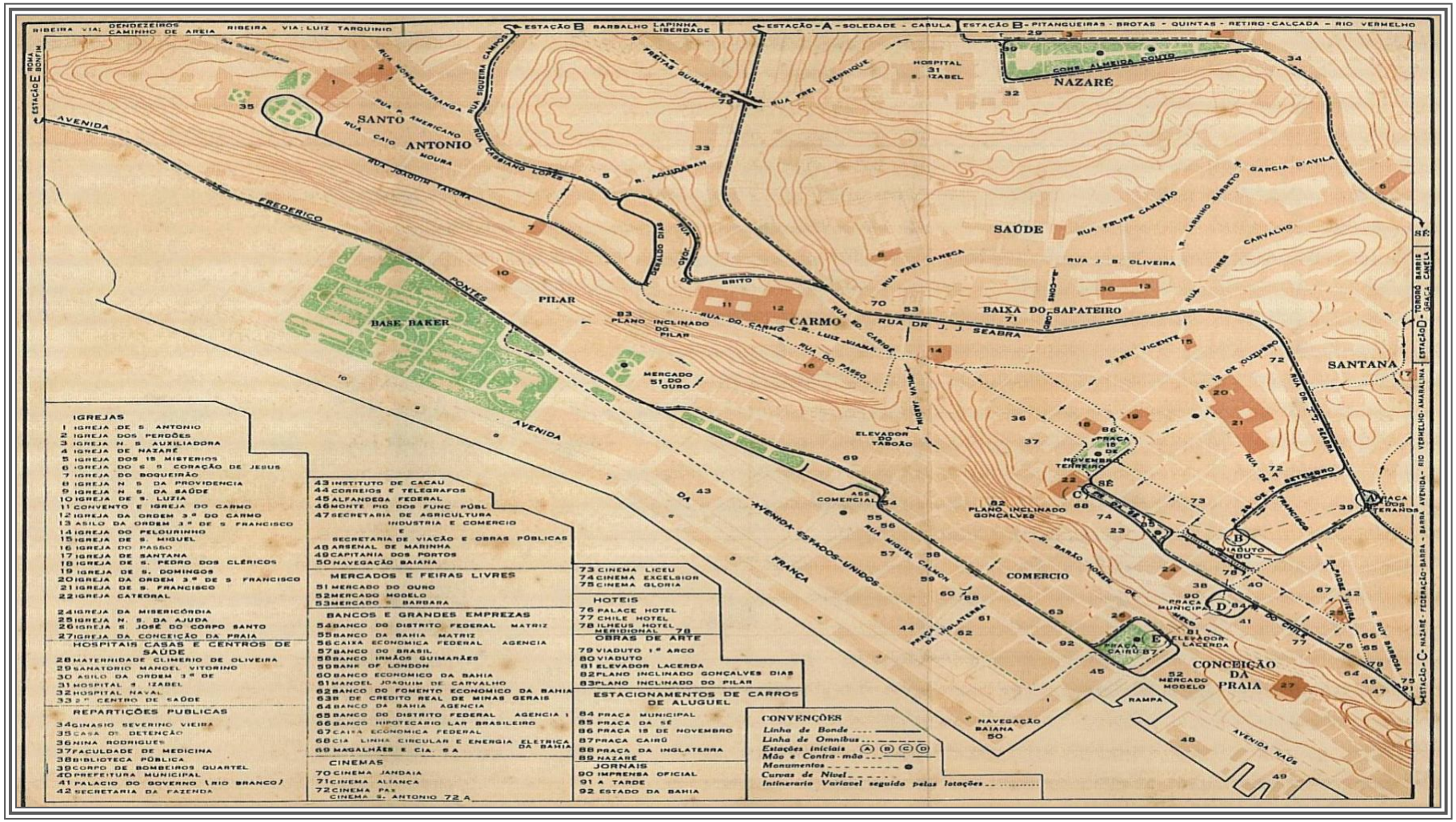

Figura 32 - Transportes Coletivos. Fonte - COSTA. 1952.

A cidade do Salvador, em meados do século XX, sofreu algumas modificações geradas pelo aumento do tráfego entre os dois planos da cidade. Santos (1959, p.119-120) explica que:

> O crescimento da cidade, a ampliação de suas funções de relação e íntimas, o alargamento do espaço reservado ao comércio, o aumento da população tornaram angustiosa a passagem de veículos pelas ruas comerciais, sobretudo as mais antigas.

Desse modo, tornou-se imprescindível que houvesse algumas modificações nas vias da cidade, de modo a contemplar esse novo momento, exigindo que se tomassem providências no sentido de dar maior fluidez a toda essa movimentação. Para tanto, novas ruas foram abertas e buscou-se também suavizar os declives existentes, tornando-os menos fatigantes para os pedestres, bem como para o trânsito de veículos.

Sabe-se que, inicialmente, a cidade do Salvador foi articulada para atender veículos de tração animal, porém, com o avanço das tecnologias e o surgimento dos veículos a motor, observou-se que esses espaços não estavam devidamente adequados para esses novos modelos de transporte, o que acarretou sérios problemas de circulação. Santos (1959, p.120) esclarece que algumas modificações, na década de trinta, foram necessárias para atender a essa nova demanda da circulação de transportes da cidade. Dentre elas, o pesquisador aponta “o alargamento das ruas Chile e da Ajuda e da Avenida Sete de Setembro, no começo do século”, também menciona “o alargamento das ruas Carlos Gomes e Visconde do Rio Branco, a construção de grande praça central após a demolição da Sé e a Rua da Ajuda”.

Estas obras, de acordo com o autor, foram “feitas com o objetivo de readaptar o centro antigo da cidade à intensidade do tráfego que diariamente a anima”. A cidade, então, ganha novas formas através das reformas urbanas impostas pelas necessidades que se impunham. Esses espaços atendiam aos diferentes transportes coletivos e privados que serviam à população. Vasconcelos (2002, p. 311) citando Carvalho (1957, p. 88), informa que a cidade do Salvador em 1948 ainda tinha ares de província, na qual circulavam apenas 2.044 automóveis particulares. Em 1956, esse número aumenta consideravelmente, ampliando-se para 5.183 automóveis, 398 ônibus e 140 bondes.

Franco (2000, p. 42) confirma essa afirmação ao alegar que “no início da década de 50, Salvador era uma localidade provinciana cujos limites se estendiam até o Rio Vermelho”. Ele ainda cita que foi “a partir de 1950 que Machado decidiu criar o SMTC – Serviço Municipal de Transportes Coletivo”, o que, segundo o autor, foi uma decisão acertada, já que a “Companhia Circular de Carris da Bahia não acompanhava o pique da cidade”.

Leal (2002, p. 50-51) afiança que “os bondes foram extintos entre os anos de 1955 a 1958, na administração do prefeito Hélio Machado. Contudo, ainda rodaram por mais algum tempo”. Esta informação é ratificada por Vasconcelos (2002, p. 311) ao assegurar que “em 1961 foi extinto o serviço de bondes em Salvador”. O Antigo Centro da cidade era o local onde se concentrava o maior número de transportes. Estes partiam para as diversas localidades: os bairros centrais, os periféricos e também circulavam entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa. Leal (2002, p. 50-51) discute sobre a distribuição de linhas de bondes. Segundo ele, “na Cidade Baixa havia os ramais que tinham seu ponto inicial na Praça Cairu. Eram eles: os três da linha Ribeira. [...] Saíam também os carros de Roma, Bonfim, Madragoa e Bom Gosto da Calçada”.[38]

Diante do exposto e lembrando que esses são apenas alguns dos itinerários dos coletivos do período, fica explícito que a maioria da população da cidade que dependia desses transportes passava algumas horas em seus deslocamentos diários. Era exatamente nesses momentos que Cuíca, invertendo a ordem natural dos transportes, utilizava-os para a divulgação dos seus cordéis, entretendo os passageiros com sua *performance,* usando sua arte para garantir o sustento da sua família.

Costa (1952), em seu livro Roteiro Turístico da Cidade do Salvador, no capítulo intitulado “informações úteis”, fornece ao leitor uma tabela completa dos pontos iniciais e finais além de mencionar todas as paradas realizadas em cada percurso feito pelos bondes na cidade do Salvador. Ver tabela próxima página:

[38] Sobre o Largo da Madragoa, Doréa informa que é uma palavra de origem tupi, que significa viveiro de crustáceos, do tipo gaiamum. Está localizado na Cidade Baixa, no bairro da Ribeira.

TABELA 1: TRANSPORTES COLETIVOS		PONTOS DE PARTIDA		
INICIAIS			TERMINAIS	INTINERÁRIOS
BONDES	A	PRAÇA DOS VETERANOS	Soledade N.º 10…… Cabula N.º 13 …… Rio Vermelho N.º 15…. Quintas N.º 33……	Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio - Conego Pereira – General Argolo- J. E. Silva Lisbôa – Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio - José Barros Reis – Cristiano Buys Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio - Djalma Dutra – Vasco da Gama Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio - Conego Pereira – General Argolo – Quinta dos Lázaros
	B	VIADUTO DA SÉ	Liberdade N.º 8…… S. Antonio N.º 9……. Brotas N.º 11…… Calçada N.º 12…… Rio Vermelho N.º12….. Barbalho N.º24……. Lapinha N.º 25…… Vila América N.º 29….. Pitangueiras N.º 30….. Quintas N.º 33…… Retiro N.º 35……	Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio – João de Brito – Cassiano Lopes – Sirqueira Campos – Praça do Barbalho- Emidio Santos Augusto Guimarães – Praça da Liberdade. Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio – Praça João de Brito – Deraldo Dias – Joaquim Távora. Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio – Praça 1º de Maio (Sete Portas) – Bandeirantes – Barros Falcão – Agripino Dorea – Pitangueiros - Amaral Muniz – Frederico Costa – D. João VI. Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio (Sete Portas) – José Barros Ramos Reis – Rua San Martin Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros - Praça 1º de Maio (Sete Portas) – Djalma Dutra – Vasco da Gama. Rua Dr. Seabra - Baixa dos Sapateiros – João de Brito – Cassiano Lopes – Sirqueira Campos – Praça do Barbalho O mesmo itinerário da linha **N.º 8 Liberdade** volta da Praça da Liberdade. O mesmo itinerário da linha **N.º 15 Rio Vermelho** O mesmo itinerário da linha **N.º 11 Brotas** volta de Pitangueiros. O mesmo itinerário da linha **N.º 33 Quintas** O mesmo itinerário da linha **N.º 12 Calçada**
	C	PRAÇA DA SÉ	Nazaré N.º 1…… Barra N.º 2…… Barra Avenida N.º4…. Federação N.º 7…… Rio Vermelho N.º 14…. Amaralina N 16…… Farol N.º 34……	Rua Chile – Praça Castro Alves –Avenida Sete de Setembro – Avenida Joana Angélica – Praça Almeida Couto Rua Chile – Praça Castro Alves –Avenida Sete de Setembro – Avenida Joana Angélica – Praça Almeida Couto – **VOLTANDO: -** Almirante Marques Leão – Marques de Caravela – A. Antunes – Princesa Isabel – R. da Graça – Av. Sete de Setembro Campo Grande. Rua Chile – Praça Castro Alves –Avenida Sete de Setembro – Visconde de São Lourenço – Praça 2 de Julho – (Campo Grande) – Avenida Sete de Setembro- Rua da Graça – Princeza Leopoldina – Princeza Isabel - A. Antunes – Marques de Caravelas – Almirante Marques de Leão – **VOLTANDO**: - seguindo o mesmo itinerário da linha **N.º 2 Barra** Rua Chile – Praça Castro Alves – Avenida Sete de Setembro – Visconde de São Lourenço – Praça 2 de Julho – (Campo Grande) – Av. Araújo Pinho – João das Botas – Padre Feijó – Bento Gonçalves – Caetano Moura. Rua Chile – Praça Castro Alves – Avenida Sete de Setembro – Visconde de São Lourenço – Praça 2 de Julho – (Campo Grande) – Av. Leovigildo Filgueiras – Garibaldi. O mesmo itinerário da linha **N.º 14 Rio Vermelho** O mesmo itinerário da linha **N.º 2 Barra**
	D	PRAÇA MUNICIPAL	Canela N.º 3…… Barris N.º 5…… Graça N.º 6…… Tororó N.º 17…….	Rua Chile – Praça Castro Alves – Avenida Sete de Setembro – Visconde de São Lourenço – Praça 2 de Julho – (Campo Grande) – Av. Araújo Pinho Rua Chile – Praça Castro Alves – Avenida Sete de Setembro – Adreliano Leal – General Labatut Rua Chile – Praça Castro Alves – Avenida Sete de Setembro – R. da Graça – av. Euclides da Cunha – Padre Feijó Rua Chile – Praça Castro Alves – Avenida Sete de Setembro – Avenida Joana Angélica – José Duarte.
	E	PRAÇA CAIRÚ	Ribeira N.º 18…… Ribeira N.º 19…… Ribeira N.º 20…… Roma N.º 21…… Bomfim N.º 22……	**(VIA LUIZ TARQUINIO)** – Av. Frederico Pontes – Barão de Cotegipe – Av. Luiz Tarquinio – Imperatriz – Bomfim – Visconde da Pedra Branca – Visconde de Caravelas – Dr. Freire de Carvalho –Lelis Piedade – João David – Av. Mem de Sá. **(VIA DENDEZEIROS) –** O mesmo itinerário da linha **18** até Roma seguindo pela Av. Bomfim. **(VIA Caminho de Areia) –** O mesmo itinerário da linha **18** até Roma seguindo pela Av. Tiradentes **–** O mesmo itinerário da linha 18 até Roma _____ _____ **–** O mesmo itinerário da linha 18 até Bomfim _____

Fonte: COSTA, 1952.

4.2 CUÍCA DE SANTO AMARO: CRONISTA DA CIDADE

Os meios de transportes coletivos da cidade do Salvador sempre foram alvos de críticas pela forma como eram operacionalizados no âmbito da cidade. Como utilizava os mesmos, tanto para deslocamento como para comercialização de seus folhetos, Cuíca de Santo Amaro tinha a vantagem de observar *in loco* todos os problemas oriundos desse sistema de transporte, bondes, ônibus, trens. Essas observações geraram alguns folhetos como veículo de denúncia e, ao mesmo tempo, reivindicações por melhorias dos mesmos.

Dessa forma, o poeta, ao relatar sobre o que ocorria na cidade, expunha os transtornos causados pela má qualidade de serviços prestados especialmente os da Companhia Circular de Carris na Bahia[39], já que conhecia o funcionamento deste sistema de transporte coletivo. Sabe-se que um dos poucos empregos que ele teve durante sua vida foi como cobrador de bondes. Sobre esta ocupação do poeta, Matos (2004, p. 23) esclarece que: "aos 20 anos, [...] sentiu-se importante no ofício de cobrador de bondes da Companhia Linha Circular de Carris na Bahia, onde seu poder de comunicação foi logo notado".

Sendo assim, a partir dos seus conhecimentos sobre o funcionamento desse sistema, em 1943 escreveu um cordel intitulado: "Bonde?... é manga de colete". Este cordel teve uma grande repercussão, no qual, segundo a reportagem do jornal O Imparcial[40]: "Cuíca "espinafra" os péssimos serviços de bondes da Circular, apontando fatos que não se verificavam no tempo em que ele foi empregado da Companhia". Sobre este cordel, Matos (2004, p. 23) explica que: "nele Cuíca expõe as diferenças entre os bondes das décadas de 1920 e de 1940, denunciando a decadência da Linha Circular".

Veja, abaixo, figura, publicada em um jornal de grande circulação na cidade, sobre este referido cordel de Cuíca de Santo Amaro, no qual ele apresentou uma visão sobre o tráfego de bondes na cidade do Salvador.

---

[39] Sobre este tema ver: SAMPAIO, Consuelo Novais. 50 anos de Urbanização. Salvador da Bahia no Século XIX . Rio de Janeiro: Versal, 2005.

[40] "Bonde?... é manga de colête", O Imparcial, sábado 11 de novembro de 1943, p. 08.

Figura 33 - Bonde é manga de colête.
Fonte: O Imparcial 11 de Nov. de 1943. Ilustração de Sinézio Alves

Contrastando com o período em que ele era funcionário da Companhia, garante que o serviço prestado tinha perdido a qualidade. Portanto, as críticas eram, principalmente, pela falta de manutenção dos bondes, nos trilhos, pela falta de cumprimento de horários, a superlotação, o aumento no preço das passagens, fatores geradores de insatisfação para os usuários deste meio de transporte. Segundo o poeta:

> Era assim antigamente [41]
> Tudo enfim, era barato
> Bonde era u'a maravilha
> Fazia até desacato
> Ninguém não se consumia
> Porque transporte era mato.
>
> Mas hoje meu amigo!...
> As coisa todas mudaram
> Os bondes da Circular
> Todos se eclipisaram
> Até as marinetes
> Quarenta centavos passaram.

A reportagem ainda assinala que: "como "camelot" de propaganda não há quem o vença [...] na defesa dos interesses imediatamente ligados às classes humildes [...]

[41] Fragmento do cordel "Bonde?... é manga de colête", de autoria de Cuíca de Santo Amaro, transcrito do jornal O Imparcial, sábado 11 de novembro de 1943, p. 8.

e não resta dúvida, é o autor mais lido da Bahia". Compreende-se então o grande potencial de comunicação do "poeta-repórter", qualidade que o torna um verdadeiro cronista do cotidiano da cidade.

Esses problemas citados suscitavam reclamações sobre os transportes coletivos constantemente na cidade. A falta de manutenção era um dos problemas sempre apontado e esta, muitas vezes, ocasionava acidentes e atrasos, provocando muitos transtornos para os usuários do sistema, o que gerava a insatisfação da população que dele fazia uso.

Um dos meios utilizados para fazer reclamações sobre os serviços de transportes eram os jornais, como por exemplo, a notícia veiculada no Diário de Notícias[42] intitulada: O prefeito e as filas. Nesta, o repórter Antônio Sérgio discorre sobre o tempo gasto pelas pessoas nas filas dos ônibus com destino os bairros de Amaralina e Rio Vermelho. Com isso, ele levava as apelações dos passageiros ao conhecimento do público, no sentido de que o prefeito, Sr. Aristóteles Gois, tomasse providências com relação ao número reduzido de ônibus ou lotações que se deslocavam para estas áreas, o que causava muitos transtornos para os moradores daquelas localidades. Reclamavam, ainda, das filas que se formavam nos horários de retorno para casa as 18 e 19 horas, formando os chamados "piolhos de cobra"[43] como eram denominadas, gerando muita confusão.

O aumento nas tarifas de ônibus foi outra questão que começou a ser muito discutida na cidade do Salvador. A justificativa utilizada pelos donos das empresas de transportes para pleitear tais aumentos era o acúmulo de prejuízos em decorrência da tarifa cobrada naquela ocasião. Essa pretendida majoração nos preços das passagens dos ônibus gerou muitos desentendimentos entre o governador Régis Pacheco e o prefeito Sr. Aristóteles Gois, resultando no pedido de demissão deste último. Tal episódio repercutiu em vários jornais, a exemplo do Jornal Estado da Bahia[44], veiculado com a seguinte manchete: "Desentendendo-se com o governador o Sr. Aristóteles Góis deixou a prefeitura. Pivô: aumento nas passagens de ônibus".

---

[42] Diário de Notícias, sexta-feira, 04 de Março de 1955 p. 03.

[43] Era assim denominada pelo tamanho e formato semelhantes com o deste animal. Os piolhos-de-cobra ou gongolos são membros característicos da classe dos diplópodes, animais de corpo cilíndrico. Fonte: Piolho de cobra. Disponível em: <http://www.pragasonline.com.br/pragas/geral/piolhocobra.php> Acesso em: 12 jun. 2009.

[44] Estado da Bahia, sexta-feira, 11 de Março de 1955, p. 3.

Com a demissão do prefeito, o cargo foi assumido interinamente pelo secretário da prefeitura, o Sr. Aloísio Brasil, que governou a cidade durante vinte e cinco dias até quando o prefeito eleito, Hélio Machado assumiu o cargo. As negociações foram acompanhadas de perto, pelos jornais do período.

Ao assumir a prefeitura Aloísio Brasil manteve o mesmo posicionamento do prefeito anterior, no sentido de não aceitar a imposição dos empresários. Durante o mês de março do ano de 1955, muitas reportagens foram divulgadas pelos jornais da cidade, trazendo informações sobre a má qualidade de serviços prestados pelos transportes coletivos, bem como sobre o aumento pretendido pelos empresários dos transportes urbanos para passagens de ônibus. Dentre essas informações, destacam-se algumas manchetes: “Reação da Câmara Municipal: os ônibus não podem aumentar os preços”[45]; “Os ônibus desaparecerão logo que a gasolina seja aumentada”[46].

Nesta última reportagem, são expostos vários comentários quanto às negociações que estavam ocorrendo entre os proprietários da empresas de ônibus que circulavam pela capital baiana, trazendo a público suas imposições quanto ao aumento das passagens, assim como a posição do representante da prefeitura da cidade. Abaixo um fragmento da reportagem do Diário de Notícias, quinta-feira, 31/03/1955:

> O movimento de aumento das passagens dos ônibus que até o momento não foi concedido, parece que vai culminar com a paralisação total das empresas de ônibus da Capital. A Sociedade dos Proprietários de Ônibus da Cidade declara que logo que seja aumentado o preço da gasolina, os donos das emprêsas cessarão suas atividades. A resolução vem ameaçar a população de Salvador de ficar sem transportes coletivos, pois, como se sabe, atualmente são os ônibus que mantêm linhas para todos os bairros da cidade. Uma vez paralisados os ônibus a população dos bairros mais afastados como, Amaralina, Rio Vermelho, Liberdade, Cabula, Itapagipe, sofrerá com a falta de transporte, sendo obrigadas a recorrerem ao bonde, que apesar do serviço constante, não são suficientes para cobrir o movimento.

Como o prefeito se negou a atender às exigências, os donos dos transportes contra-atacaram com a ameaça de greve. O prefeito, então, pronunciou-se, tentando resolver a questão, conforme noticiado no Diário de Noticias[47], com a seguinte

[45] Estado da Bahia, 15/03/1955, p. 3.
[46] Diário de Notícias, 31/03/1955, p. 1.
[47] Diário de Noticias, 01-04-1955, p.1.

manchete: “Prorrogada por 24 horas a paralisação total dos ônibus”, explicando para a população qual a postura da prefeitura diante do impasse sucedido.

Cuíca de Santo Amaro, sempre estava atento a todo processo de negociações estabelecidas entre a prefeitura e os empresários, escreveu um cordel no qual apontava os problemas dos coletivos da cidade utilizada pela grande massa de trabalhadores. No folheto intitulado: “A greve dos ônibus” [48], o poeta delineou toda a negociação entre o prefeito da época, o Sr. Aloísio Brasil e os proprietários das empresas de ônibus, quando estes queriam majorar o valor da passagem. E como não podia deixar de ser apregoou:

> Viu caro leitor
> O que é estratégia?
> O Homem prá ser Prefeito
> Precisa ter energia
> Como o Sr Aloísio Brasil
> O Atual da Bahia
>
> Porque ele o Aloísio
> Eu digo aqui prá vós
> Resolveu defender
> O interesse de nós
> Garantindo a palavra
> Do grande Aristóteles Góes
>
> Isto porque o Aloísio
> Que é Homem de sentimento
> Vendo o povo baiano
> O seu atroz sofrimento
> Fêz como o Aristóteles
> Não assinou o aumento. (f. 1)

Os empresários, em contrapartida, resolveram fazer uma greve, retirando os coletivos das ruas, deixando a cidade sem transportes. A possibilidade da greve foi largamente divulgada pela mídia impressa. Os jornais publicavam diariamente os acontecimentos em grandes manchetes: “Deflagrada à “0” hora de hoje a greve dos ônibus – O prefeito Aloísio Brasil apelou, em vão, para os proprietários das emprezas[49], no sentido de aguardarem por mais alguns dias, uma solução”[50]; “Exige a população: ônibus na rua a $ 1,50”[51].

---

[48] A Greve dos Ônibus. Escrito pôr ele o tal! Cuíca de Santo Amaro. [Este cordel foi escrito entre o final do mês de março ou inicio de abril de 1955, período em que houve a greve dos donos das empresas de ônibus urbanos em Salvador-Bahia]
[49] Transcrito conforme original
[50] Diário de Notícias, sábado, 02/04/1955, p. 8
[51] O Momento, Salvador, 03 de Abril de 1955, p.1

Cuíca também divulgava minuciosamente as negociações nos seus versos, contando detalhadamente aos seus leitores/ouvintes todos os fatos:

> Porém o Prefeito
> O qual está na gestão
> Disse não assino
> Porque isto é exploração
> Não submete o povo
> A outra grande humilhação
>
> Então os gananciosos
> Onde muito se atreve
> Onde diz o Hélio Machado
> Vae se acabar muito em breve
> Com o néga do prefeito
> Resolveram fazer greve
>
> Como nesta Terra
> A lei é do mais forte
> Eles ... os proprietários
> Que para nós são de Morte
> Em lugar ignorado
> Esconderam os seus transportes. (f. 3)

A cidade amanheceu efetivamente sem a circulação dos ônibus, dificultando ainda mais a vida dos trabalhadores, donas de casa, estudantes, enfim, de todos os que utilizavam esse meio de transporte para seus deslocamentos. A partir do posicionamento dos donos das empresas dos ônibus urbanos, foi deflagrada a greve. E a ruas da cidade, segundo o cordelista, viraram uma verdadeira procissão, com pessoas de deslocando a pé, de caminhão, bondes, carros de bombeiros, para todos os lados. Segundo ele:

> Não durou muito
> Esta grande indecencia
> Pois contra a força
> Nunca existiu resistencia
> E logo na Bahia
> Alguém tomou providencia
>
> Logo apareceram
> Sem demora Caminhões
> Também cedeu o Estado
> As suas lotações
> Para fazer sanar
> A sêde dos Tubarões
>
> Até o Corpo de Bombeiros
> Onde mora a educação
> Ao ter conhecimento
> Da maldita exploração
> Também prestou ao povo

A sua colaboração

E assim em pouco tempo
Havia transportes em toda linha
Brotas, Calçada,
Rio Vermelho e Lapinha
Era o povo transportado
Até mesmo na Carrocinha. (f. 4)

Muitos andavam a pé
Lá de Ondina ao Salete
Ninguém se lembrava
Se existia Marinete
Esta é a verdade
Como eu disse ao Lafaiete

Aqui dentro da Bahia
Era grande a animação
A cidade transformou-se
Em uma grande procissão
Vendo o povo! Nosso povo!
Em cima do Caminhão. (f. 5)

A partir daí a prefeitura começa a elaborar estratégias no sentido de enfraquecer a greve dos proprietários de ônibus. As pessoas também se organizam no intuito de conseguir fazer com que os donos dos ônibus tivessem prejuízos e colocassem novamente suas frotas em circulação. Para normatizar os transportes alternativos no período da greve, para que não houvesse práticas de preços abusivos nas lotações e caminhões, a prefeitura divulga uma tabela[52] abaixo descrita para que a população tomasse conhecimento do valor que seria cobrado pela passagem:

Tabela de emergência para lotação e caminhões:

Em data de hoje o Sr. Iomar Ribeiro, diretor da Inspetoria, baixou a seguinte portaria:
O Diretor de Inspetoria Geral do Transito, tendo em vista o impatriótico movimento grevista dos proprietários de Empresas de Onibus determinando a paralisação de seus veículos, nesta capital, e compreendendo o prejuízo que importará tal situação à coletividade RESOLVE, em caráter de emergência e enquanto perdurar a greve patronal permitir que se transformem em auto-lotações os veículos automóveis de aluguel, fixando as seguintes tarifas para os seus percursos por passageiro:

Da Praça da Sé para:

Amaralina.....	20,00
Rio Vermelho	15,00
Barra.....	10,00
Campo Santo.....	6,00
Fazenda Garcia.....	5,00

[52] Estado da Bahia, 07/04/1955, p.9

Brotas.....	10,00
Matatú.....	6,00
Santo Antônio.....	6,00
Barbalho.....	6,00
Lapinha.....	8,00
Pau Miúdo.....	10,00
Cidade Nova.....	10,00
Estrada da Liberdade (fim de linha).....	15,00
Sete Portas.....	5,00
Campo Grande.....	5,00
Graça.....	10,00
Barra Avenida.....	10,00
Nazaré.....	8,00
Tororó.....	5,00
Barris.....	5,00

Do Elevador para:

Ribeira.....	15,00
Roma.....	8,00
Calada.....	6,00
São Caetano	15,00
Largo do Tanque.....	10,00

Percebe-se que a cidade se organiza, dentro da desorganização presente, para dar suporte aos seus moradores nos deslocamentos realizados entre casa, trabalho, escola, entre outras atividades de cada cidadão. O jornal O Momento[53] divulga: “os bondes não conseguem atender à grande multidão que necessita de transporte. Por isso, vários caminhões particulares estão ajudando na locomoção das pessoas.”, o jornalista alerta para o fato de que “trata-se de uma medida simpática e que alivia a situação criada esta manhã”. É uma rede de solidariedade que se estabelece na cidade para não permitir que a população ficasse sem condições de deslocar-se durante o período de greve. O “poeta-repórter” ainda fez denúncias sobre a péssima conservação dos transportes:

Com os Proprietários
Que fez tanta estrilhação
Não concertam seus calhambeques
Que estão largando os pedaços
E pelas ribanceiras
Andam subindo no aço?

Quem falar nisto
Perdeu o campanheiro
Porque o Proprietario
Alvorado a marreteiro
Pois o que lhe interessa

[53] O Momento 05 de abril de 1955, p.3

É exclusivamente o dinheiro.

Pôr isto o Prefeito
Que é Homem cem por cento
Conhecendo de perto
Todo nosso sofrimento
Fêz com como o Aristoteles
Não assinou o aumento.

Manteve o Aloisio
A sua autonomia
Demonstrou que de fato
Tem fibra e energia
Defendendo os interesses
Do povo da Bahia. (f. 6)

No desenrolar dos versos, Cuíca pôs a população a par de toda a negociação, narrando os fatos e enaltecendo a postura do prefeito que, segundo ele, era "o grande prefeito macho". Diante das dificuldades em chegar a um acordo com a prefeitura sobre o preço das passagens de ônibus, os proprietários, que já estavam tendo prejuízos pelos dias parados, resolveram colocar os carros novamente para rodar. O Diário de Noticias[54] publicou em grande manchete: "Vão aumentar por conta própria, as tarifas de ônibus – os proprietários resolveram majorar o preço – o Prefeito declara que ignora o assunto". A seguir, um trecho da reportagem[55]:

> Segundo apuramos, a Polícia bahiana, ciente da atitude que vão tomar os proprietários das empresas de ônibus, tomou todas as providencias necessárias a fim de evitar que os mesmos levem a cabo o seu intento. [...] Assim é que tanto os elementos da Guarda Civil, como os do Grupamento Metropolitano, bem como os investigadores serão espalhados por todos os cantos da Cidade, impedindo assim que sejam majoradas as passagens. Todos aqueles que insistirem em cobrar 2 cruzeiros serão detidos e processados.

Este desfecho foi alvo de gracejos de Cuíca de Santo Amaro, que não perdeu a oportunidade em registrar, minuciosamente, cada passo desse acordo, principalmente porque ele, como usuário desse meio de transporte, não gostaria de pagar mais caro pela passagem de ônibus. Desta forma, ele finaliza seu cordel:

Aloisio, ao Tubaronato
Não aquicedêu
A todo Emprezario
O Aloisio respondeu
Dentro da Prefeitura
Aqui quem manda sou eu.

[54] Diário de Notícias, 06/04/1955, p. 8 e conclusão da reportagem na p. 7.
[55] Diário de Notícias, quarta-feira, 06 de Abril de 1955, p. 07.

A seguir o Prefeito
Para acabar com as proezas
De taes proprietários
Que só arrotam grandezas
Calçou as concessões
Que tinha com as Emprezas

Feito isto o Aloisio
Prefeito da Capital
Deu direito as lotações
Carros, etc e tal
Que rodassem a vontade
Para qualquer ramal

Daria ele o direito
Dentro da sua gestão
Até a própria Policia
Estava de prontidão
Bem juntinho com a borracha
A tal de Cosme e Damião.[56] (f. 7)

E assim foi aos poucos
A nossa velha cidade
Graças a energia
De um Prefeito de verdade
Voltando lentamente
A sua normalidade

Ficaram os proprietários
Todos se maldizendo
Sustentando os Choufers
Muito dinheiro perdendo
Pois a maldita da greve
Nada estava resolvendo

As suas pretensões
Foram por água abaixo
A usura do dinheiro
Correra para o riacho
Graças ao Aloísio Brasil
O grande Prefeito macho. (f. 8)

Nesse embate formado pelos empresários, prefeitura e população da cidade, num verdadeiro campo de forças, os primeiros não conseguiram seus objetivos e a greve teve um desfecho favorável aos órgãos públicos e a população. É importante ressaltar que algumas estratégias foram articuladas no intuito de quebrar com a hegemonia dos donos das empresas de transportes da cidade que acumularam prejuízos ao longo dos dias parados.

Diante da postura inflexível da prefeitura em não ceder às exigências, os donos das empresas ficaram sem alternativa e resolveram, aos poucos, retornar as suas

[56] O poeta refere-se as duplas de policiais que faziam a ronda na cidade. Eram assim chamados fazendo alusão aos santos católicos S. Cosme e S. Damião.

atividades. Os jornais publicam o fim da greve: “Fracassou a greve dos ônibus. Às 9 horas de hoje em vários ramais as ”Marinetes” resolveram trafegar”[57]; “Vitória do povo – Voltaram os ônibus a circular ontem”[58]; “Abortado o novo movimento de aumento dos ônibus”[59]. Desse modo, com o fracasso da greve, a cidade voltou à normalidade, as escolas que tiveram suas aulas suspensas pela Secretaria de Educação, face aos transtornos na cidade em decorrência da greve, retornaram as suas atividades.

4.3 TRAGÉDIAS QUE MODIFICAM A ROTINA DA CIDADE

Ainda tratando da mesma temática, denunciando os descasos das autoridades e das empresas de transportes, o poeta faz alguns questionamentos sobre a situação precária dos trens da Leste. Apontou os problemas que tanto prejudicavam os trabalhadores, estudantes, donas de casa em seus deslocamentos diários no folheto intitulado: “A grande Tragédia de Peripiri”[60]:

Não é só a imprudencia
Causadôra das tragedias
Digo com inteligencia
E tudo dentro da media
Leia com muita atenção
Como começa a comedia

Na Bahia por exemplo
Vive tudo abandonando
Os transportes coletivos
Já estão deteriorado
Enfim na nossa terra
Já anda tudo quebrado

Bondes e Automoveis
Já não existem mais freios
Andam largando os pedaços
Outros quebrados ao meio
Esta é a pura verdade
Que eu digo sem receio.

Enfim na nossa Bahia
A coisa esta muito séria

[57] Estado da Bahia, terça-feira, 5 de abril de 1955, p. 8.
[58] O Momento, Salvador, 6 de Abril de 1955 p. 1
[59] Diário de Notícias, quinta-feira, 7 de Abril de 1955, p. 12, conclusão p.9
[60] A Grande Tragédia em Periperi. Autoria D’ele o Tal Cuíca de Santo Amaro [s.d.]

> Não há ninguém! ninguém
> Que resolva esta matéria
> Cada dia que se passa
> O povo passa misérias. (f. 2)

Ao descrever os problemas gerados, o trovador constituiu-se veículo de denúncias e, ao mesmo tempo, de cobranças para a resolução dos entraves viários da cidade, já que estes também o afetavam, pois os utilizava diariamente para deslocar-se, inclusive na venda de seus folhetos de cordel. No entanto, ao denunciar, colocou-se em situação de confronto com as pessoas envolvidas na questão e, segundo ele:

> Lá na Leste Brasileiro
> Hoje em dia é um perigo
> O seu velho diretor
> Tornou-se meu inimigo
> Só porque falo a verdade
> Também sustento o que digo.
>
> O fato é que os trens
> Lá na Leste Brasileiro
> Não sei se por desleixo
> Ou usura por dinheiro
> Sempre, sempre põe em jogo
> A vida dos passageiros. (f. 3)

Nos versos seguintes, ele discorreu sobre a falta de conforto e energia além da falta de segurança dentro dos trens. Pontuou, ainda, a insatisfação dos ferroviários com as condições de trabalho, bem como relatou que, como conseqüência de tantos descasos, ocorriam muitos acidentes como um bastante grave no bairro de Periperi. Este bairro, de acordo com informações da Fundação Gregório de Matos[61]:

> Está localizado entre os bairros de Coutos e Praia Grande no Subúrbio Ferroviário, assim como boa parte dos bairros antigos de Salvador e pode ser considerado como um símbolo do Subúrbio. Até a década de 1960, a região era freqüentada por veranistas que buscavam um refúgio pacato para descansar. Seu nome é de origem indígena e está associado à multiplicação da planta junco em planície alagada.

Sobre a origem de Periperi:

> Surgida como uma fazenda em meados do século XIX, Periperi deu início a seu crescimento desenfreado a partir da construção do trecho Calçada - Paripe. Alguns empregados da ferrovia arrendaram terrenos e construíram

[61]Periperi. Disponível em: <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=14>. Acesso em: 3 nov. 2008.

> suas casas; assim surgiram os primeiros aglomerados. Na década de 40, o crescimento da população do subúrbio aumentou. Em 1948, Periperi já tinha cerca de 6 mil habitantes. Com a instalação de complexos industriais na região, o número de moradores cresceu ainda mais e, no ano de 1960, já havia em Periperi cerca de 30 mil moradores. Até antes da implantação da Suburbana, o bairro se destacava pela qualidade de vida. Naquela época, havia opções de lazer, como shows e até uma sala de cinema, o cine Plaza.[62]

Ainda sobre o significado do nome do dado ao bairro, Dórea (2006, p. 207) esclarece: “a grafia primitiva era Peripery que significa, para uns, capim-capim ou capinzal, e, para outros, junco, arbusto encontrado perto de lagoas”.

Cuíca de Santo Amaro fez um relato sobre um acidente ocorrido no bairro em questão, Periperi, e assinalou sobre quais foram as possíveis causas do sinistro: más condições de conservação das linhas férreas, além do abandono e descaso que são dispensados aos transportes coletivos da cidade. O referido acidente, segundo o poeta, teve como consequência mortos, feridos e mutilados. E o trovador foi em busca de mais informações que transformou em versos, publicando uma reportagem completa sobre este ocorrido no folheto já citado. Ele informa:

> Está mesmo um desleixo
> Como igual eu nunca vi
> A Leste transformou-se
> Em um grande abacaxi
> Como vimos no desastre
> Que houve em Piripiri.(f. 4)
>
> Lá em Piripiri
> Que quadro desoladôr
> Quantos corpos mutilados
> Cheios de lágrimas e de dôr
> Nunca houve em nossa história
> Coisa de meter pavôr
>
> Gritos dilacerantes
> De vozes angustiadas
> Das quaes tiveram dos corpos
> Suas pernas arrancadas
> Que dágora pro futuro
> Foram elas amputadas
>
> Veja só que agonia
> Veja só que aflição
> Na hora da tragédia
> Veja só que confuzão
> Foi uma coisa horrorosa
> Que fez cortar coração

[62]Periperi. Curiosidades. Disponível em: <http://www.culturatododia.salvador.ba.gov.br/vivendo-polo.php?cod_area=6&cod_polo=14>. Acesso em: 3 nov. 2008.

Gemidos e mais gemidos
Partiam de todo lado
Corpos e mais corpos
Muitos estavam misturados
Dos próprios passageiros
Pobres desventurados. (f. 6)

Quantos desesperos...
Reinam hoje pôr aqui
Como lá na Estação
Muitas vezes eu assisti
Muita gente lamentando
O Desastre de Piripiri. (f. 7)

Agora me responda
Se tiverdes inteligencia
Quem tem culpa nos desastres
É somente a imprudencia
Ou desleixo de alguem
Que perdeu a competencia?

Deixo aqui esta pergunta
Para a sua apreciação
Se sois Homem de cultura
Faça a sua concluzão
E depois para o Cuíca
Dê a sua opinião. (f. 8)

Os transtornos provocados pelos transportes, segundo Cuíca, ocorriam principalmente, pela falta de políticas públicas voltadas para resolução dos problemas viários da cidade, para melhorar a qualidade de vida da população pobre, trabalhadora. Estas questões também foram tratadas pela imprensa da cidade, a exemplo a matéria: “Ausência de conforto e higiene nos trens da Leste” (A TARDE, 20/03/58, p. 2) e depois de dois dias outra noticia sobre o assunto, “Agrava-se a situação da ferrovia” (A TARDE, 22/03/58 p. 2).

A situação dos transportes da cidade era alvo de críticas e apelos da população que os utilizava em suas demandas diárias, em busca do apoio das autoridades competentes para solucionar os problemas existentes. Cuíca, com sua imensa qualidade de comunicador, alertava as autoridades para solucionar os problemas que afligiam o povo. Segundo o depoente, Monsenhor Gaspar Sadoc, “Cuíca conscientizava o povo e, dessa forma, alertava a população para pressionar as autoridades competentes.” O depoente ainda afirma que “o poeta sentia-se como advogado do povo, abraçava suas causas, defendendo-os dos “tubarões.” (informação verbal)

A arte de contar passa necessariamente pela sedução de quem conta para atrair as atenções para si. Essa era uma das qualidades de Cuíca de Santo Amaro: seduzir e encantar o seu público para ouvi-lo narrar histórias imaginárias ou acontecimentos reais do cotidiano da cidade. As narrativas do poeta encantavam e, ao mesmo tempo, convidavam o ouvinte para uma viagem imaginária, encantatória, nas quais ele, com seus personagens fictícios ou não, expunha de modo peculiar fatos e fotos da sociedade baiana.

Para tanto, revestia-o com as lentes do imaginário para descrever o real. Sua arte ressignificava os acontecimentos mais banais. O personagem era, ao mesmo tempo, espetáculo e ator, sempre aliado aos lugares, dinâmicos, movimentados, com um público diferenciado a cada momento, superando-se em contar várias vezes o mesmo evento, de forma diferenciada, seduzindo o seu público para comprar os seus folhetos.

As estratégias do poeta para seduzir seu público eram engendradas com muita inventividade para que através destas, ele conquistasse a atenção do mesmo, especialmente porque grande parte das pessoas que transitava nos lugares utilizados por ele estava sempre apressada no ir e vir de suas atividades diárias; entretanto, com sua *performance,* ele consegue transformar um lugar de circulação e passagem em lugar de encontro e diversão.

Todavia, saber os fatos narrados pelo poeta era privilégio de todos que se dispunham a escutá-lo e as suas narrativas eram tão especiais que certamente estes, sempre que passassem pelos lugares do poeta na cidade, parariam para vê-lo, pois o mesmo compunha a paisagem humana da cidade como um personagem que animava estes lugares.

5 RETRATOS DA CIDADE DA BAHIA EM CORDÉIS DE CUÍCA DE SANTO AMARO

> A vida não dispensa a narrativa, a narrativa não dispensa a vida. Não há exceções. Todos navegamos pelos mares do contar e do viver. [...] As narrativas mudam quando mudam as dimensões da vida, as relações sociais que as alimentam. [...] A narrativa dialoga com sua memória, os seus sonhos e os seus desejos. (REZENDE, 2006, p. 9 - 10)

Salvador, a cidade da Bahia, terra de grandes belezas, inspiração de muitos poetas, autores, compositores que cantam em verso e prosa seus encantos, seus mistérios, revelando o invisível, ouve seus sons, seu cheiro, seus sabores, seus odores... Cidade que seduz quem a visita e se revela através dos nomes de suas ruas, das avenidas, dos bairros, das praças, dos becos, das vielas. Cada rua, casa, quarteirão, bairro, praça, avenida conta uma história que nos remete a um passado próximo, expondo no presente emoções distantes, vividas e sentidas pelos que transitam na cidade.

Fraga (2000, p. 12), discutindo sobre a obra amadiana no Ciclo de Palestras, A Bahia de Jorge Amado (1995), explica: “[...] por todo canto do mundo, traduzida em língua sem conta, a beleza desta cidade atrai visitantes, seduzidos pela imagem, pelas estórias, pelos mistérios que sussurram entre as páginas de seus livros”, nota-se que essa sinestesia que envolve a cidade a torna exclusiva, inesquecível, permitindo um entrelaçamento entre ela e seus habitantes ou visitantes, criando um elo entre estes e a cidade através dos fios da memória.

Rezende (2006, p. 9) assevera que "a história se revela e se esconde na arte de contar". Arte esta sabiamente realizada por Cuíca de Santo Amaro, que tinha um dom especial de revelar segredos, histórias mirabolantes em versos sobre a cidade e seus atores. Essa prerrogativa do poeta torna-se explícita quando o senhor Luís Edmundo Ribeiro recorda o poeta e afirma que “ele (o Cuíca) cantou a cidade e seus problemas em versos como ninguém o fez, reafirmando sobre o seu dom, a sua arte.” (informação verbal)

Os relatos diários sobre a cidade e o seu cotidiano nos versos de Cuíca de Santo Amaro trazem particularidades que só o poeta, através de suas vivências na cidade, conseguia visualizar. Rezende (2006, p.9) declara que "cada narrador tem

seus traços, seus ritmos, sua linguagem em sintonia com o vivido e com o que está vivendo". Certamente que a experiência do vate em transformar fatos corriqueiros em versos, faz com que estes dialoguem com as suas vivências e com a das pessoas que vivem na cidade e cruzam seu caminho, trazendo à tona singularidades expressas em sua arte de contar e aguçar em seus ouvintes o desejo de querer saber mais.

Sobre as pessoas que se interessavam pelos cordéis de Cuíca o Sr. Lúcio Nery[63] conta sobre quem o ouvia, ele afirma que geralmente todos tinham interesse, "tanto o público dito elite, chamado burguês da época, como a massa popular que era sempre atraída e que divulga, tem interesse na relação de cordel porque fala a língua do povo fala a língua do cotidiano." (informação verbal).

Foi assim que este poeta da cidade desvendou o cotidiano nos seus cordéis, apresentando ao seu público/leitor toda sorte de notícias, narrando-as com maestria, apresentando-se como um grande comunicador. Matos (2004, p.116), declara que:

> Seus cordéis, como um todo, configuram-se como um espaço polifônico onde a voz da multidão, que circula pelas ruas, praças, becos, mercados, bares e botecos da Bahia, bem como aquela que habita os casarões senhoriais, "os castelos" ou miseráveis casebres e barracos, se faz ouvir como um coro altissonante, que iconiza o burburinho da vida e da cultura em contínuo processo de engendramento e criação.

O depoente Massimo Ricardo de Benedictis[64], jornalista/escritor e contemporâneo do poeta, é congruente com a afirmação de Matos ao declarar que "Cuíca de Santo Amaro era uma espécie de cronista da cidade e qualquer fato importante que acontecesse era tratado imediatamente com sua verve de poeta em seus livretos". (informação verbal). Fica registrada na fala do depoente a importância desse bardo como "repórter-poeta" que faz dos seus poemas utilidade, informação, diversão e lazer dos soteropolitanos.

A senhora Áurea Alves dos Santos[65] técnica de enfermagem aposentada,

---

[63] Engenheiro Eletricista, 62 anos, afirmou ter conhecido Cuíca de Santo Amaro ainda garoto e gostar muito de suas apresentações nos espaços da cidade por onde este circulava. Entrevista concedida em 16/07/2009.

[64] Massimo Ricardo de Benedictis jornalista/escritor declarou ter conhecido Cuíca de Santo Amaro quando veio morar em Salvador em 1952. Nasceu em 30/10/39 na cidade de Poções, atualmente, reside em Vitória da Conquista - Bahia. Entrevista concedida em 08/12/2008.

[65] Áurea Alves dos Santos, técnica de enfermagem aposentada, nasceu em 25/07/1936, residente na cidade do Salvador, no bairro Uruguai, Salvador- Bahia. Relatou que apreciava muito as apresentações do poeta em frente ao Elevador Lacerda. Entrevista concedida em 17/06/09.

explica que trabalhava na Imprensa Oficial localizada na Cidade Alta, esta ficava ao lado da Biblioteca Pública, próximo ao Palácio do Governo e do Elevador Lacerda. Rememora as apresentações do poeta e refere-se ao contentamento das pessoas que, ao ouvi-lo, "davam risada, levavam a coisa na pândega, na brincadeira, e riam com os livros dele, com as histórias, o modo como ele se expressava, já que ele tinha um modo muito interessante de se apresentar." (informação verbal).

5.1 TRANSFORMAÇÕES NA FISIONOMIA DA CIDADE

Morar nesta cidade dos cantos, contos e encantos, como afirmou Geraldo da Costa Leal (2000), com tantos segredos e histórias guardadas em seus casarões a sete chaves ou revelando-se naturalmente em suas ruas, esquinas, quarteirões, enfim, sempre foi um privilégio. Carlos (2001, p. 56) destaca que, através da rua, pode-se ler "a vida cotidiana: seu ritmo, seus conflitos, os sentimentos de estranhamento, o modo como a solidão desponta, a arte da sobrevivência, [...] comandando os passos, os usos e as cores". Percebe-se que, em Salvador, essa leitura da cidade, através das suas ruas e do seu cotidiano, instiga, seduz, desperta um novo olhar sobre a mesma.

Os que aqui viveram em outras décadas viajam no tempo e trazem à lembrança fragmentos da cidade de outrora, como as do Sr. Massimo Ricardo de Benedictis, ao relembrar:

> Salvador em 1952, quando lá cheguei, era uma cidade encantada. Os bondes desfilavam pelos bairros nobres, dotados de poltronas acolchoadas de cor verde, sempre bem limpas, enquanto os bondes que serviam aos bairros mais pobres (Liberdade, Pau Miúdo, etc) eram menos luxuosos, mas limpos e confortáveis. O centro comercial da cidade era a Rua Chile, Avenida Sete de Setembro, Baixa dos Sapateiros e adjacências. De Comércio era denominada a parte da cidade Baixa, entre o Elevador Lacerda (Mercado Modelo) e Mercado do Ouro, na Praça Deodoro, onde havia os atacadistas. O lazer dos soteropolitanos limitava-se às praias de Roma, Mont Serrat e Ribeira, na Cidade Baixa e as praias de Barra, Ondina, Rio Vermelho e Amaralina, onde se dava o final de linha de bondes e ônibus. Daí até Itapoan não havia transporte coletivo por falta de infraestrutura. (informação verbal).

Nota-se um ar saudosista nos depoimentos, no entanto, essa cidade que sempre foi apontada como uma cidade singular, também apresenta outra face com muitos

problemas. Dentre estes, a limpeza urbana, que sempre foi um grande entrave para aqueles que trabalhavam na administração da cidade. Os jornais discorriam sobre este assunto, apontando a sujeira da cidade como uma das causas que impedia o crescimento dos setores ligados principalmente ao turismo.

Por exemplo, em um jornal de grande circulação, A Tarde (25/02/1958 p. 4), foi publicada a seguinte manchete: "Salvador, cidade aberta", nesta reportagem foi sendo delineado o aspecto da cidade:

> As ruas de Salvador estão se transformando num vasto monturo, entregue a proliferação de moscas e de moléstias conseqüentes de tanta negligencia. Não existem veículos necessários à coleta. Muito menos fornos crematórios. Por isso o lixo é atirado em locais impróprios transforma-se em "restaurantes da miséria". [...] Outros locais estão relegados ao abandono como os mercador e feiras, que eram pontos turísticos da cidade e, no entanto, passaram a ser um retrato vivo da sujeira e refugio da malandragem e da exploração.

O repórter conclui seu artigo referindo-se a má qualidade dos serviços oferecidos à população. Ele ainda aborda outras questões como *"*problemas graves como a péssima qualidade do serviço telefônico, da má distribuição de alimentos, sobretudo o leite, do calçamento das ruas, da falta de policiamento do trânsito*"* enfim, além destes assuntos muitas outras falhas são apontadas e reservam a Salvador o título pouco honroso de "uma das mais abandonadas cidades do mundo".

Nota-se que a falta de limpeza estava prejudicando a imagem da cidade que sempre foi retratada por suas belezas e encantos. A "sujeira" da cidade do Salvador foi amplamente divulgada e também utilizada por alguns candidatos como *slogan* de suas campanhas políticas nas eleições de 1958[66], para angariarem votos. Por exemplo, o candidato ao governo do Estado, Josafá Borges, promete em sua campanha, de acordo com o Jornal da Bahia, (10/03/1958, p. 2) que se eleito "Salvador será a cidade mais limpa do Brasil".

Como todo cidadão, Cuíca de Santo Amaro teve suas predileções por alguns políticos no âmbito estadual. A política estava entranhada em suas veias, o que o leva a se candidatar, pelo PTB em 1958, a vereador. Sua propaganda eleitoral foi

[66] Eleições para prefeito, vice-prefeito e governador nos locais onde os mandatos terminaram entre 31-01-1959 e 31-01-1961, na forma da Resolução n.º 5.720, do Tribunal Superior Eleitoral, de 11-06-1958, combinado com a Resolução n.º 5.874, do Tribunal Superior Eleitoral, de 14-08-1958. Disponível em: http://www.tse.gov.br/internet/eleicoes/notas/nota8.htm. Acesso em 25/06/2009.

articulada através de seus folhetos de cordel reservando a contracapa destes para sua campanha. Matos (2004, p.116) informa que "além da sua própria candidatura, Cuíca também divulgou candidaturas alheias, como a de Josafá Borges, para o governo do Estado". Fez um folheto especial explicando à população o porquê de sua candidatura, o qual foi amplamente divulgado em Salvador:

> É da minha obrigação
> Explicar ao eleitor
> E ao povo humilde
> Honesto... trabalhador
> Porque candidatei-me
> Para vereador. (f. 1)
>
> Como trovador
> Cumpro o meu dever
> Ao povo massacrado
> Eu hei de defender
> Goste quem gostar
> Doa em quem doer. (f. 4)
>
> Agora... se os meus amigos
> Quiserem me eleger
> Na Câmara Municipal
> Muita gente há de ver
> Que a pamonha
> Ali tem de endurecer. (f. 5)
>
> Portanto muito cuidado
> Cuidado trabalhadores
> Andem acordados
> Para os tais embromadores
> Os que querem subir
> Com os votos dos eleitores.
>
> Lembre-se que Getúlio
> Dizia ao trabalhador
> Se eu estiver com saúde
> Irei a Salvador
> Fazer JOSÉ GOMES
> "Cuíca vereador".[67] (f. 8)

Entretanto, apesar da popularidade, o poeta não conseguiu eleger-se e, segundo Matos (2007, p. 28), "foi o penúltimo colocado com apenas 39 votos". A derrota nas urnas não o abateu e ele continuou exercendo seu papel de grande comunicador, pois, para ele, um dos pontos chave de sua profissão era a defesa dos direitos da população humilde, tornando públicas muitas arbitrariedades impostas ao povo. Sentia-se um verdadeiro defensor dos pobres e necessitados, abordava sempre temas relativos à carestia, transportes coletivos de qualidade, acidentes, como pode

[67] Escrito por Cuíca de Santo Amaro. Porque candidatei-me a vereador. Salvador, 1958, 8 f.

ser observado a partir de alguns dos títulos de cordel, por exemplo: A discussão do feijão com a carne verde; O mergulho Fatal; A Grande Feira; Dívida de funcionário nunca termina; Sururu na prefeitura; ABC da Carestia, dentre outros. Este último, segundo Matos (2007, p. 54), resultou em sua prisão por dois dias.

Os jornais constantemente noticiavam a situação desagradável que os soteropolitanos enfrentavam diariamente como a falta de coleta do lixo. Veja-se o título de algumas reportagens que abordam esse tema: A Tarde (20/03/1958, p.2), "Cidade – lixo irremovível"; A Tarde (10/03/1958, p. 2), "A falta de asseio nos mercados da cidade: o da Sete Portas é um "modelo" de sujeira"; A Tarde (17/03/1958, p. 3) "Que há com a limpeza pública?"; Jornal da Bahia (07/10/1958, p.5), "Das duzentas e cinqüenta toneladas de lixo apenas 120 são coletadas", nesta última, chama-se atenção da população para a má impressão que os turistas tinham da cidade por causa do acúmulo de lixo espalhado em todos os lugares.

Cuíca de Santo Amaro, direta ou indiretamente, também discutia sobre esta temática, a falta de limpeza pública e, fazia críticas ao descaso dos poderes públicos em solucionar os problemas relativos à higiene que tanto incomodavam moradores e visitantes da capital baiana. Escreveu um cordel intitulado: Virgildasio e a limpeza da cidade[68], produzido durante a gestão de Virgildasio Sena[69] na prefeitura de Salvador. Neste cordel, ele registrou a competência deste prefeito ao gerenciar um dos grandes problemas da cidade de Salvador - a sujeira. Ele iniciou seus versos chamando a atenção do público para as medidas implantadas pelo governo municipal na tentativa de sanar o problema do acúmulo de lixo nas artérias da cidade. Segundo ele:

> Na gestão de Virgildasio
> Nota-se uma grande novidade
> É que nesta terra
> Berço da Nacionalidade
> Vê-se presentemente
> A Limpeza da cidade

[68] Autoria d'Ele o Tal, Cuíca de Santo Amaro s.d. (esse folheto provavelmente foi escrito no ano de 1963, período da gestão municipal de Virgildasio Sena).

[69] Para Prefeito da capital é eleito Virgildásio Sena, do PTB. Em 1964, com a instalação do regime militar, Virgildásio é deposto pela Câmara de Vereadores, que para seu lugar elege o engenheiro Nelson Oliveira para o cargo, ficando este até o final de 1966. Fonte: FERNANDES. Antônio Sérgio Araújo. A Democratização da Gestão Urbana em Recife e Salvador: Um Problema Capital. *Disponível em: <www.politicahoje.com/ojs/include/getdoc.php?id=287...85.> Acesso em 16/07/09.*

A quatro anos viveu
A cidade na nojêra
A quatro anos viveu
A cidade na porquêra
Isto para a nossa saúde
Não era de brincadeira

A Bahia que conservava
O seu porte varonil
A quatro anos atráz
Neste Céu da cor de anil
Transformou-se na cidade
Mais imunda do Brasil. (f. 1)

Esses fatos expostos pelo poeta são amplamente noticiados, a exemplo: Jornal Estado da Bahia (21/03/1963, p.5), “Lixo toma conta da cidade” e no dia seguinte: (22/03/1963, p.5) “Lixo e alimentação”, esta reportagem trata da sujeira das feiras livres de Salvador, alertando ao leitor sobre a falta de higiene dos alimentos ali vendidos, sem que os feirantes tivessem nenhum tipo de preocupação com a saúde dos consumidores desses produtos e com a sua própria.

Observa-se que esse problema traz muitos transtornos aos soteropolitanos, que exigem providências das autoridades competentes para saná-los, e dar à cidade um aspecto mais agradável, condizente com a importância da capital baiana. O poeta garantiu, em seus versos, que o prefeito anterior não tinha os recursos necessários para tornar Salvador uma cidade mais limpa, entretanto, ele não retirou do povo a sua parcela de culpa pela situação e responsabilizou à população pela sujeira e pela falta de higiene, alegando que os mesmos não colaboravam para mantê-la limpa. Dessa forma, ele situa o leitor/ouvinte a par da situação:

O Prefeito anterior
Lutou com dificuldade
Não havia material
De primeira necessidade
Que fosse suficiente
Para a limpeza da cidade. (f.1)

Cada dia que passava
Mais a coisa se agravava
Porque material limpeza?
O que havia não chegava
E além disto o povo
Não cooperava

Talvéz por ignorância
Ou então perversidade
O povo derramava
Em grande quantidade

Lixo, e mais lixo
Pelas artérias da cidade

Outros mais ignorantes
Com seu instinto cruel
Para dificultar o asseio
Faziam um triste papel
Para as suas residências
Levavam até o tonel. (f. 2)

Ao assumir a prefeitura, o prefeito eleito, Virgildasio de Sena, começa a trabalhar no sentido de reorganizar a cidade. Busca, para tanto, sanar a questão do lixo acumulado nas artérias da mesma. Várias ações são empreendidas pela prefeitura na tentativa de dar uma nova fisionomia à cidade: a limpeza pública urbana, a organização do comércio informal, oferecimento de incentivos fiscais para que os moradores façam reformas nas fachadas das suas residências.

A limpeza pública foi a primeira ação a ser efetivamente colocada em prática. Os jornais propagam as medidas da prefeitura. Segundo o jornal A Tarde (11/04/1963, p.3), “Limpeza da cidade começará pelos pontos de atração turística”. Nesta reportagem, o diretor da Limpeza Pública, o arquiteto Afonso Baqueiro, reporta-se às providências que estão sendo adotadas para cumprir o prazo estipulado de noventa dias para deixar a cidade limpa. Ele ainda dá explicações sobre como será realizada esta difícil tarefa: “descentralizará a coleta do lixo, utilizando-se de uma área do Vale do Camorogipe para depósito”, citando ainda onde será depositado o restante do lixo: “será levada para o aterro de uma faixa de mar entre o ancoradouro de São Joaquim e o Cais de Dez Metros, onde se localizará a Feira de Água de Meninos”, alega ainda que “nesse atêrro a prefeitura colocará o lixo e a Cia. Docas da Bahia o saibro para o atêrro”.

Sobre essas obras o Superintendente das Docas afirmou a reportagem do jornal a Tarde (11/04/1963, p. 3) que: “as obras do atêrro do ancoradouro de São Joaquim prosseguem em ritmo bem acelerado já tendo sido acrescido ao mar cerca de 40 mil metros quadrados onde será localizada a nova feira”. Ainda tratando do mesmo assunto, foi noticiado no jornal A Tarde (18/04/1963, p. 16) que uma equipe de reportagem foi a Água de Meninos conferir sobre o aterro que estava sendo realizado e “constatou o aterro na área que a Cia. Docas da Bahia está conquistando ao mar, está recebendo cargas e mais cargas do material que sujava a cidade”, citando ainda o nome de algumas ruas em que havia muito lixo: “destacamos as artérias situadas no Chame-Chame [...] especialmente as ruas

Plínio Moscoso, Ary Barroso e outras. Ruas novas, onde por falta de depósitos o lixo é atirado em qualquer ponto".

Cuíca ratificou a informação sobre o destino final do lixo e descreve o que estava sendo feito com este:

> Lixo e atritos
> Que vão sendo retirados
> Das artérias da cidade
> Em caminhões são levados
> Para facilitar
> As obras dos alagados (f. 6)
>
> São colocados em Valas
> E em lugares apropriados
> Em enormes buraqueiras
> Também são espalhados
> Graças ao Baquêro
> E homens dedicados
>
> Entrementes o Virgildásio
> Com a sua autoridade
> Com a sua persistência
> Com a sua capacidade
> Vai paulatinamente
> Arrumando a cidade. (f. 7)

Desse modo, o cordelista alertava a população para sua postura inconsequente, que certamente, não contribuía em nada para melhorar a qualidade de vida da coletividade.

As denúncias se multiplicavam, a exemplo, a matéria veiculada no jornal A Tarde (18/04/1963, p.16), na coluna "A cidade em negativo", que divulga a carta do cidadão José Andrade sob o titulo: "Cidade limpa é cidade civilizada":

> Ao Sr. Governador, ao Sr. Prefeito: O povo que os elegeu com tão grande e significativa maioria, acaba de empossá-los.[...] tome um automóvel particular, sem aviso prévio a quem quer que seja e visite bairros menos afastados do centro (já não digo os mais porque a cousa aí é ainda pior) e vá pessoalmente constatar o estado em que se encontram as ruas da Cidade onde o lixo é depositado aos montões por falta de coleta. Morador que sou da Rua Gaspar Lemos, na Liberdade, para poder alcançar a minha residência, que – diga-se de passagem – é na entrada da rua, tenho que atravessar cerca de vinte metros de lixo, depósito natural dos resíduos de uma feira diária impropriamente localizada na Rua Gonçalo Coelho, que é a de acesso àquela rua e de inúmeras outras que lhe ficam além. Aliás, não é só ai que existe tal imundície, mas em quase toda a cidade, porque nunca se faz\ a coleta do lixo. Naturalmente o ex-prefeito achava que era luxo e luxo só é permitido nos bairros ricos... [...] Sr. Governador, hoje, mais do que nunca, nos vale a velha quadrinha: Cidade do Salvador, / Terra de Todos os Santos, / Bêco por todos os lados, / Lixo por todos os cantos.[...]

Fica evidente que toda a comunidade soteropolitana estava incomodada com o estado de abandono em que se encontrava a capital do Estado. Essa carta expressa o que a população esperava do novo governo.

O jornal Estado da Bahia em (15/04/1963, p. 3) anuncia em uma reportagem sob o título: “insenção para limpeza de fachadas e ‘piquetes’ nos passeios vão sair”, esta dá informações a população sobre uma nova medida da prefeitura para melhorar o aspecto da cidade: “a Prefeitura resolveu isentar de pagamentos de emolumentos aos proprietários de residências para a limpeza de fachadas”. Certamente ao dar essas garantias aos proprietários, o prefeito intencionava dar uma nova imagem à cidade, para que a mesma se tornasse mais limpa, bonita e agradável.

A prefeitura também toma a iniciativa de comprar tonéis para colocar nas ruas onde o problema de armazenamento do lixo era precário, como cita a matéria intitulada “Mil tonéis nos locais de maior concentração do lixo é plano da Limpeza Pública” no jornal Estado da Bahia (02/05/1963, p.3). Nesta reportagem, é informada a imprensa, pelo diretor da Limpeza Pública “que já está sendo providenciado junto à direção da Petrobrás, neste Estado, a compra de mil tonéis para colocá-los nos pontos de maior concentração de lixo, como feiras e mercados”.

Cuíca fez uma verdadeira apologia à administração desse prefeito, especialmente sobre a atuação dele em buscar soluções para o problema do lixo e suas implicações, como por exemplo, o roubo dos tonéis utilizados no armazenamento do lixo nas vias públicas, além de discutir outra atitude da prefeitura no sentido de reorganizar o comércio informal nas ruas da cidade. Segundo ele:

> Enquanto o lixo das ruas
> Vão sendo retirado
> Resolveu o Virgildásio
> Num gesto muito acertado
> Colocar os Camelots
> Em lugar apropriado
>
> E assim o Virgildásio
> Nesta sua gestão
> Vai dando a Bahia
> Uma nova feição
> Com todo o carinho
> Com toda a dedicação (f.7)
>
> Isto é!... Caro leitor
> Diga-se de passagem
> Depois que a prefeitura
> Adquiriu nova engrenagem
> Tonéis... Caminhões

E nova aparelhagem.

Como precaução
Todos os tonéis são furados
Para durante a noite
Os mesmos não serem roubados
E nos seus lugares
Os mesmos serem conservados.

Agora compete ao povo
Que gosta de tudo direito
Como cooperação
Ajudar nosso prefeito
Para que o turista
Não nos bote defeito. (f. 8)

É deste modo que o poeta propagava os fatos do cotidiano, manejando muito bem as palavras. Versejando com muita habilidade, ele conscientizava as pessoas sobre a importância da colaboração de todos para a manutenção da limpeza da cidade, ressaltando um novo tempo para Salvador, com ares melhores que antes.

Em entrevista ao jornal A Tarde (16/05/1963, p. 2) o Sr. Afonso Baqueiro – diretor da Limpeza Pública – faz um relato sobre as medidas tomadas com relação à limpeza pública, explicando as dificuldades da tarefa que se dispôs a enfrentar. Ele faz um comparativo entre dois períodos distintos da cidade do Salvador, afirmando que:

> Quando Salvador era a cidade mais limpa do Brasil, em 1935, a Limpeza Pública contava com 50 veículos e 833 trabalhadores para uma população de 150 mil habitantes. Hoje em dia, com 750 habitantes espalhados numa área muito mais extensa, possue 18 veículos e 438 trabalhadores, dos quais cerca de 30 homens estão diariamente incapacitados para o trabalho devido ao surto epidêmico de gripe, a subnutrição e à fome. A despeito de todas essas dificuldades o nosso serviço tem melhorado as condições de higiene da cidade. [...] Se não mais fizemos – conclue o diretor da Limpeza – decorre da situação econômica do nosso município. [...].

O desenvolvimento territorial urbano citado pelo diretor da Limpeza Pública é confirmado por Vasconcelos (2002, p. 319) ao mencionar que “entre 1940 e 1950 a população de Salvador teve um acréscimo de 127.000 habitantes [...] e, no mesmo período, cerca de 14.000 casas foram levantadas sem licença da prefeitura.” Vasconcelos (idem, p. 324) também informa que em 1960 esses números sofrem alterações passando para “655.735 habitantes”. O pesquisador alerta que nessa mesma década “deram entrada 47 projetos de loteamento na Prefeitura (PMS, 1977), 10 loteamentos populares foram implantados, além de dois clandestinos, e

ocorreram 10 invasões das quais três foram erradicadas (CPE, 1980).” Observa-se que nesse período há um grande salto populacional na cidade do Salvador, corroborando para a necessidade de implantar políticas públicas necessárias com medidas básicas indispensáveis para atender às demandas da população.

Uma das maneiras de “forçar” a população a contribuir mais eficazmente com a limpeza urbana foi à instituição de multas para os que transgredissem as normas instituídas. Estas regras foram veiculadas nos jornais da cidade, como foi anunciado no jornal A Tarde (16/04/1963, p.3): “Quem jogar lixo na rua pagará multa”, na qual o repórter divulga sobre o “comando de limpeza” que iria fazer a fiscalização a respeito das exigências da prefeitura: “uso de recipientes apropriados; proibição de lavar casas residenciais ou comerciais jogando-se na rua as sujeiras decorrentes”. Portanto, quem não observasse as novas regras, a “prefeitura poderá e vai multar a quem jogar lixo na rua, multa que varia entre 200 a 20 mil cruzeiros”. Dessa forma, a cidade modifica sua fisionomia, ganha novos ares com uma aparência condizente a sua importância e beleza.

5.2 COMÉRCIO INFORMAL EM FOCO: DESORGANIZAR PARA ORGANIZAR

O comércio informal sempre foi um grande entrave para os que administraram a cidade, tanto naquela época como na atualidade. Muitos conflitos são gerados pelo confronto entre os poderes públicos e as pessoas que desempenham esse tipo de atividade. Com relação ao comércio de rua, Santos (1959, p. 84) afirma que este “ocupa um lugar relativamente importante. É representado quer pelas feiras livres, onde são vendidos produtos de alimentação e caseiros, quer pelos camelôs e vendedores ambulantes”. Como ainda se pode observar nas diversas áreas da cidade onde há fluxo de transeuntes, constata-se a existência desse tipo de atividade.

Na gestão do Virgildasio de Sena esse, também, foi um dos pontos que o prefeito busca regularizar na tentativa de liberar alguns espaços ocupados cotidianamente por esse comércio informal. Toma a iniciativa de reorganizá-los e colocá-los em um “lugar mais apropriado”. Para tanto, em conjunto com a Marinha, começa os trabalhos pelas barracas que estão estabelecidas na Rampa do

Mercado. Esta sempre teve grande importância na cidade por ser o portal de entrada dos gêneros que a abasteciam.

Sobre a organização deste espaço portuário, Santos (1959, p. 73) informa que o porto tinha duas funções: exportação da produção da economia regional e a importação de alimentos e produtos manufaturados bem como receber os produtos de subsistência. Segundo o estudioso, esses produtos eram em grande parte oriundos do Recôncavo, trazidos pelos saveiros, embarcações que sempre embelezaram a nossa baía com suas belíssimas velas ao sabor dos ventos. Santos (1959, p.73), afirma que "ao lado da extensão do cais, construída especialmente para os grandes navios, há as "rampas" onde podem abordar os saveiros". Ele explica que são duas: "a "Rampa do Mercado", logo ao lado da Praça Cairu e a de Água de Meninos, no final da Av. Frederico Pontes, ambas, muito pitorescas e ricas de côr local. Recebem uma multiplicidade de produtos agrícolas: farinha, frutas e legumes".

Leal (1996) confirma sobre a importância dos saveiros e reafirma serem estes essenciais para o transporte de produtos trazidos do Recôncavo e do interior, afirmando que estes "vinham nos grandes saveiros com suas gigantescas velas que cruzavam a Baía de Todos os Santos". Ratifica, assim, o seu valor naquele contexto e ainda ressalta a sua beleza: "eram muitos os saveiros que enfeitavam o mar".

É a partir da principal função das rampas, receberem produtos de subsistência que abastece a cidade do Salvador, que surgem em sua borda as feiras livres. Santos (1959, p. 73) informa que estas eram uma "espécie de feira grossista", com a finalidade de "abastecer os comerciantes de outras feiras, os proprietários de armazéns, vendas e barracas, os restaurantes e hotéis, vendedores ambulantes e donas de casa previdentes". Sobre a Rampa do Mercado o professor Cid Teixeira (2001, p.19) informa:

> O Mercado Modelo e sua "rampa" eram o elo fundamental entre a Cidade e os inúmeros portos do Recôncavo. Cerâmica de barro, gêneros alimentícios de todas as qualidades e passageiros tinham ali a sua chegada obrigatória. Trinta e quatro saveiros ali chegavam e dali saíam como transporte único e obrigatório antes que a exploração do petróleo determinasse a implantação da rede rodoviária ao redor da Baía de Todos os Santos.

Veja, abaixo, imagem da Rampa do Mercado (1949) com vista para a Cidade Alta. Pode-se, ainda, visualizar próximo ao Elevador Lacerda (à esquerda) os antigos prédios da Biblioteca Pública e da Imprensa Oficial do Estado.

Figura 34 - Rampa do Mercado, 1949. Fonte - Teixeira (2001, l. 8, p. 19)

Jorge Amado (1967) também faz menção à Rampa do Mercado e ainda cita uma das personalidades que tinha o seu lugar garantido nesse espaço da cidade, informa:

Figura 35 - Rampa do Mercado Modelo com barcos, 1950.
Fonte - Correio da Bahia

> O Mercado Modelo é o começo de um mundo à parte; o mundo do cais, dos marinheiros, dos pescadores, dos vendedores e de animais, macacos e raposas, tatus e coelhos, pássaros de variada espécie. È o mundo das baianas com seus manuês e seus beijus, seus torsos de sêda e seus panos da costa. Poucas vêzes se pode sentir aquêle ar de rainha de que falam os cronistas sociais como ao lado dessas baianas, negras velhas e solenes, de rosto afável e alegre, graves e suaves ao mesmo tempo. Nesse mundo é que se movimenta o poeta Cuíca de Santo Amaro. [...] Homem célere na rampa do cais dos saveiros [...] compõe Cuíca os seus versos e é por intermédio deles que o mundo do Mercado Modêlo toma conhecimento do que vai pelo universo e pelo resto a cidade do Salvador. (AMADO, 1967, p. 229-233)

O Sr. Edvaldo Corrêa Santos[70], pintor publicitário, nascido na cidade do Salvador em 1947, conta que ainda menino, trabalhava em uma lanchonete na Praça Conde dos Arcos, na Cidade Baixa. Lembra que "o seu patrão o mandava sempre ir à rampa do mercado comprar frutas para fazer suco: laranja, lima. Lá vendia todo tipo de frutas.". Dona Áurea também se reporta a rampa do Mercado e diz que "quando ia trabalhar aos sábados, na Imprensa Oficial, descia o Elevador Lacerda para comprar farinha de copioba na rampa do mercado"; já o Sr. Luis Edmundo, outro depoente, afirma que "lá vendia peixe, verduras, frutas. Eu ia sempre a rampa para comprar peixe, vermelho de rabo aberto, comprava sempre na mão do mesmo freguês, o Sr. Buru." Ele ainda citou que "ali era um local muito movimentado com muitas barracas que vendiam de tudo um pouco." (informação verbal).

É exatamente este lugar, a rampa do Mercado, que sempre teve uma importante funcionalidade na cidade do Salvador durante muito tempo, fazendo parte das feições da cidade, que a Marinha, em conjunto com o prefeito Virgildasio Sena, decidem retirar as barracas e os feirantes, que sempre estiveram neste local, compondo a geografia daquele lugar.

Carlos (2007, p. 27) explica: "o desenvolvimento das forças produtivas produz mudanças constantes e com estas, a modificação do espaço urbano." ela ainda indica que "estas mudanças são hoje cada vez mais rápidas e profundas, gerando novas formas e configurações espaciais, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas, novos valores." Percebe-se então como essas ações engendradas pela administração pública, de certo modo, desorganiza a vida das pessoas que usufruem desse espaço da cidade.

A transferência dos barraqueiros da Rampa do Mercado foi amplamente divulgada por causa de todas as implicações da ação em relação aos donos de barracas ali instaladas, ignorando as relações estabelecidas pelos cidadãos com este lugar que, muitas vezes, transformou-se em lugar de encontro para os que sempre estavam ali mercando, comprando, passeando, ou lugar de passagem, para os que transitavam no ir e vir diário ou aqueles que tinham o sentimento de pertencimento por terem estabelecido laços com o mesmo, demarcando-o como o seu lugar na cidade do Salvador.

[70] Edvaldo Corrêa Santos, 2º grau completo. Residente a Rua Santa Rita, 221, no bairro Sete de Abril, alegou ter conhecido Cuíca de Santo Amaro e que gostava muito dos seus cordéis. Afirmou que suas apresentações eram muito divertidas. Entrevista concedida em 08/05/2009.

Nesse sentido, Carlos (2007, p. 73) afirma: “as relações com o lugar são determinadas no cotidiano, para além do convencional. O espaço é o lugar do encontro e o produto do próprio encontro”. Compreende-se que no planejamento da retirada dos barraqueiros e suas barracas não se ponderou sobre o impacto destas ações sobre as pessoas que animavam e davam vida a esse lugar.

No jornal Estado da Bahia (02/04/1963, p. 3) foi publicada uma matéria com o título: “capitania dos Portos limpa rampa: Mercado”, segundo essa reportagem “a partir das 24 horas de hoje, toda a faixa da rampa do Mercado Modêlo, cais Cairú e a feira livre ali existente serão interditadas por determinação da Capitania dos Portos”, a matéria continua dando a versão da Capitania para tal atitude que, segundo informação, seria para “limpeza da área, a restauração da rampa do mercado e da amurada do cais”. Começa deste modo, um grande conflito, já que o prazo dado pela capitania é muito pequeno e os donos de barracas se recusam a atender às ordens de retirada.

Cuíca de Santo Amaro, também escreveu sobre este evento. No folheto intitulado “A demolição das barracas e o fechamento do jogo do bicho”[71], ele narrou como foi realizada essa “Operação Limpeza” na cidade e também sobre o fechamento do jogo do bicho. Segundo ele, o embate formado entre o Governo Municipal, a Marinha e os barraqueiros que estavam instalados na Rampa do Mercado foi um verdadeiro campo de forças. Ele então espalhou:

> Enquanto isso o Capitão
> Dos Portos em nosso Estado
> Fizera os Barraqueiros
> Depois de os ter avisado
> Remover as barracas
> Lá na Rampa do Mercado (f.4)
>
> Porque a nossa
> Segundo a informação
> Junto a Prefeitura
> Mandaram-lhes intimação
> Aos donos da barraca
> Para sua demolição

Os donos das barracas se organizam e através do Sindicato dos Feirantes tentam reverter a situação, evidenciando a possibilidade de sua manutenção naquele espaço. É noticiado no Estado da Bahia (18/04/1963, p. 3) que o Sindicato dos Feirantes “já entrou com uma ação visando conseguir condições para que

[71] Autoria d’Ele o Tal, Cuíca de Santo Amaro s.d.[provavelmente escrito em abril de 1963].

aqueles que ocupam o local agora desobstruído possam ter condições de subsistência, com o desaparecimento da rampa do Mercado". Segundo Cuíca:

> Os donos das barracas
> Não arredavam uma linha
> Arranjaram advogados
> Contavam uma ladainha
> Zombavam da Prefeitura
> E muito mais da Marinha (f.5)
>
> Alegavam os Barraqueiros
> Dizendo todos os dias
> Que não tinham lugar
> Nem sequer nas rodovias
> Para colocarem
> As suas mercadorias
>
> Um Comandante dos Portos
> Que não gostou da fanfarra
> Homem pequeno
> Porém de muita garra
> Todas as barracas
> Mandô-as tirar na marra
>
> Para tal finalidade
> O referido Capitão
> Pediu ao Virgildásio
> O qual está na gestão
> Para que o mesmo o desse
> A sua cooperação
>
> Para os Barraqueiros
> A parada fôra dura
> Sim! Meu cara leitor!
> Pois até aquele altura
> A Marinha... a Polícia
> Faziam a cobertura. (f.6)

A partir das negociações entre representantes do Sindicato dos barraqueiros, Capitão dos Portos, o Sr. Mauricio Dantas Tôrres e o prefeito Virgildasio Sena entram em acordo que é noticiado pelo jornal A Tarde (04/04/1963, p. 3) "ficou acertado que todos os feirantes localizados na rampa bem como no cais Cairú, serão retirados no sábado, dia 13 para permitir o inicio das obras de recuperação do local". Ainda declara que "as barracas foram reabertas, porém, não receberão novos estoques de mercadorias, vendendo apenas os produtos já existentes". Para garantir o cumprimento das novas medidas, a Polícia Militar e a Marinha ficaram de guarda.

O "poeta-repórter" esclareceu que apesar das apelações, todos os recursos contra a Marinha e à Prefeitura, foram derrotados, dessa forma, não houve acordo, sendo mantida a ordem de demolição, que foi realizada com todo aparato repressor

para impedir qualquer tipo de reação dos donos das barracas. Entretanto, é garantido aos feirantes lugar em feiras livres de outros bairros como Chame-Chame, Pau Miúdo, Taboão e na Feira Livre de Água de Meninos, dentre outros, conforme a capacidade desses espaços para receber essa nova demanda de feirantes. Cuíca continuou sua narrativa, dando a sua versão aos fatos:

Sindicato dos Barraqueiros
Foram encomodados
Varios Advogados
Foram contratados
Pelo Comandante dos Portos
Todos foram derrotados. (f.6)

Vou dizer ao meu povo
Que mora na Capital
Sabe porque prá esta gente
Isto caiu muito mal?
É porque a nossa Marinha
Tem uma área Federal

Porem muitos barraqueiros
Da nossa velha Bahia
Aquele que ganha
O pão de cada dia
Desta particularidade
Meu amigo... não sabia (f.7)

Porque meu caro leitor
Tenha santa paciencia
De fato aquilo era
Uma grande imprudencia
Barracas na frente
Daquela residencia

Muito negociante
Aqui no nosso Estado
Quando acontece
Ser desalojado
Ele exclusivamente
É o único culpado

Alguns menos esclarecidos
Se queixam dos poderosos
Dos homens do poder
Dos gananciosos
Porém a culpa são d'êles
Daqueles que são teimosos

Foi o que aconteceu
Aqui no nosso Estado
De muito barraqueiro
Ficar desalojado
De uma noite para o dia
Lá na Rampa do Mercado (f.8)

Esse evento teve grandes repercussões na cidade e foi acompanhado de perto pelos jornais, gerando várias matérias: “Rampa do Mercado e Cáis Cairu foram interditadas a partir da “0” hora”, Estado da Bahia, (03/04/1963, p. 3); “Barracas interditadas na Rampa do Mercado – sairão para o Chame-Chame”. Estado da Bahia (09/04/1964, p. 3); “Capitão dos Portos disse que demolirá barracas que não cumprirem a lei”. Estado da Bahia (10/04/1963); “Desocupada a rampa a Docas a reconstruirá”. A Tarde (11/04/1963, p. 3), nesta última é apresentado para o leitor que: “a Capitania dos Portos iniciou em termos definitivos, a limpeza da rampa do Mercado Modêlo assim como a área do cais Cairu. As barracas e casas de negócios que se encontram edificadas na área do Mercado Modêlo estão sendo demolidas”.

Conforme a reportagem, os trabalhos de demolição ocorreram sem nenhuma reação dos feirantes, já que esta contou todo o aparato da Policia Militar com o apoio também da Marinha, e ainda anuncia que “a mudança está se processando para a feira livre do Chame-Chame, onde a prefeitura reservou grande área para abrigar as barracas da rampa do Mercado”.

A apreciação de Cuíca sobre a demolição das barracas na rampa do Mercado é delineada nos seus versos ao lembrar que aquela situação seria desnecessária se os barraqueiros não tivessem se instalado em uma área federal. Ele relata como se deu o final desta querela e concluiu seu cordel emitindo sua opinião sobre o evento:

> Disse cristo que no Mundo
> Hoje a lei é do mais forte
> Tanto das bandas do Sul
> Como dos lados do Norte
> Enquanto o pequeno vive
> Entregue a sua própria sorte
>
> Hoje a rampa do Mercado
> Vive limpa... sobre arame
> Enquanto os barraqueiros
> Com sua sorte infame
> Hoje chora as suas mágoas
> Dos lados do Chame-chame. (f. 8)

Benjamim (1994, p. 200) esclarece sobre a natureza da verdadeira narrativa, dizendo que “ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida”. O autor ainda complementa “de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar

conselhos". Isso fica evidenciado nos versos do poeta ao emitir sempre a sua opinião e conselhos sobre o que narrava nos seus folhetos.

Nesse mesmo período, já que essas ações apontadas ocorreram simultaneamente, a Avenida da França também passou por esse mesmo "processo de limpeza". Teve suas barracas demolidas, modificando sua forma e função. De acordo com as informações dos jornais: Estado da Bahia (16/04/1963, p.3): "Barracas da Avenida da França com prazo fatal até as 18 horas: saída."; A Tarde (17/04/1963, p.3): "foi concluída, na manhã de hoje, a transferências das barracas localizadas na Avenida França, para uma área reservada na Feira de Água de Meninos"; nesta última reportagem, o povo é informado do novo local onde foram instalados os barraqueiros desse lugar e cientificado das medidas que seriam tomadas para aquela localidade: "A Prefeitura de Salvador entregará, nessas próximas horas a planta da nova amurada da rampa do Mercado Modêlo, que será edificada pela Companhia Docas".

E assim terminou esta contenda entre prefeitura, Marinha e barraqueiros, sendo que esta foi mais uma das ações do governo municipal para mudar a imagem da capital baiana, atribuindo-lhe novos usos. Entretanto, ao tomar estas decisões, o mesmo entra em choque com os feirantes estabelecidos na área, sem levar em consideração o sentimento de pertencimento destas pessoas por aquele lugar e também com os moradores das outras localidades que iriam receber essa nova demanda de barracas e feirantes, que invadem literalmente o seu espaço, o que resultou certamente em um novo embate com governo municipal.

Essas altercações são amplamente propaladas pelos jornais em reportagens, como: A Tarde (11/04/1963, p. 2) sob o titulo "Duas pragas no Chame-Chame: sujeira e aumento de criminalidade", ou "Moradores do Chame-Chame vão protestar junto a SVOP contra barracas da Rampa". Estado da Bahia, (18/04/1963 p.3) que esclarece a insatisfação dos moradores do Chame-Chame com o deslocamento dos feirantes da rampa do Mercado para este bairro. Outra noticia publicada na coluna Cidade em Negativo do jornal A Tarde (17/04/1963, p.12) sob o título "Descalçar um santo..." anuncia:

> Quem costuma ir a cidade baixa, ou quem há 15 dias não vai a praça Cairu, deverá fazê-lo já. A operação limpeza efetuada nos últimos dias dá gosto [...] Mas enquanto a cidade ganhou quem perdeu foi o Chame-Chame. Para lá às pressas foram transferidas as barracas que atualmente se espalham

> por todo aquele bairro, ocupando até os passeios fazendo com que os moradores daquele local maldigam as autoridades. [...]

Com respeito às reivindicações dos moradores do Chame-Chame, a prefeitura faz uma declaração ao jornal A Tarde (18/04/1963 p.1), dando informações de que "dentro de oito a dez a prefeitura pretende transferir, para uma área situada a margem da rua Marquês de Maricá, (Pau Miúdo) os excedentes de barracas da feira do Chame-Chame", ainda alega que " a prefeitura decidiu ainda exigir dos feirantes completa restauração das barracas, para que se enquadrem nas exigências do Código Sanitário", com isso, busca contemplar as exigências dos moradores desse bairro.

Cuíca de Santo Amaro foi um homem de seu tempo e, como todo ser humano, estava sujeito às convenções da sociedade. Por quebrar muitas regras, falar abertamente o que pensava, muitas vezes sofria represálias, mas como bom cronista estava sempre pronto a narrar com intrepidez todos os episódios que sucediam na cidade. Ele tinha consciência do seu papel e de como era percebido pelas pessoas da cidade. Tinha muitos amigos, mas também tinha um bom número de pessoas que não nutria simpatia por ele por causa do seu oficio de comunicador das massas.

Esse era o diferencial dele. Muitas pessoas que lhe foram contemporâneas não o esquecem e demonstram grande admiração pelo homem, poeta e cidadão que de uma forma muito peculiar contribuiu para tornar a história dessa cidade mais alegre e cheia de vida. Seu colega de profissão, Rodolfo Coelho Cavalcante, versejou sobre a história do poeta (um acordo feito entre os dois quem falecesse primeiro teria sua história contada em versos pelo outro), no cordel: "Cuíca de Santo Amaro: o poeta popular que conheci":

> Toda obra de Cuíca
> Chamava o povo a atenção
> Já tinha fregueses certos
> Do "Lacerda" ao "Taboão"
> Do "Terreiro" à "Barroquinha"
> De Salvador a Serrinha
> E em todo nosso sertão. (p. 04)
>
> Era um Gregório de Matos
> Que em Salvador vivia
> Versando todos os fatos
> Do Estado da Bahia,
> Vivia de inteligência

Não temia a conseqüência
Quando o folheto saía. (p. 06)

Outro cordelista, Antônio Vieira, baiano, nascido em Santo Amaro, cidade que está no coração e pseudônimo de poeta, também lhe dedicou uma homenagem com o cordel, “A poesia esculachada D’Ele, o Tal, Cuíca de Santo Amaro”[72], no qual revela:

O apelido, Cuíca
Pode ter explicação
Na sua capacidade
De numa apresentação
Às vezes, por um momento
Imitar esse instrumento
Nas cordas do violão (f.3)

Naquele tempo o jornal
Ou mesmo a televisão
Ainda não existiam
Como agora, em profusão
As notícias circulavam
Nos cordéis que recitavam
Os repórteres do povão. (f.5)

Os seus pontos prediletos
Para vender os folhetos
Era o Elevador Lacerda
Onde usava o fraque preto
Ou em Água de Meninos
Vendia versos ferinos
Lá no Mercado Modelo (f.6)

Seus folhetos, hoje, estão
Do Atlântico para lá
Na França, estudiosos
Resolveram lhe estudar
Na Bahia, Jorge Amado
Fala dele, um bocado
Não pára de elogiar (f.7)

1907
Ano que ele nasceu
Morreu em 64
Ao enterro compareceu
Pessoas de toda idade
Foi até autoridade
Lhe dar o último adeus. (f.8)

Dele, Cuíca de Santo Amaro – O Tal, com se auto-intitulava, ficou as marcas deixadas pelas ruas, praças, feiras, bares, mercados, trens, ônibus entre outros lugares por onde circulou e se apresentava diariamente na cidade. Seus folhetos

[72] Cordel registrado no EDA – Escritório de Direitos Autorais, Rio de Janeiro - Brasil [s.d]

relatam sobre a cidade, seus atores e suas questões, convertendo-se em documentos, de valor inestimável, reveladores de sua geografia, belezas, encantos, mistérios em suas múltiplas faces, além de dar mais vida e cor ao cotidiano de Salvador.

6 CONCLUSÃO

> Cada cidade tem sua escritura, caligrafia inscrita nos muros, nas esquinas, na pátina que o tempo vai depositando aos poucos nos telhados. E os seus decifradores.
>
> Mirian Fraga (2000, p.11)

As histórias que se passaram nos quatro cantos de Salvador, capital baiana encantada, misteriosa, paradisíaca, histórica, geograficamente abençoada com um relevo que só a favorece, foi cantada em versos por Cuíca de Santo Amaro, que a revelou por todos os planos, ângulos e sentidos. Cidade que canta, pulsa, contagia, embala sentimentos diversos, controversos, num eterno vai e vem entre subidas e descidas de ladeiras, ruas e becos que convidam a vibrar no embalo dos seus sons e silêncios a verdadeira cidade do Salvador.

E Cuíca de Santo Amaro certamente foi um dos seus decifradores. Sua literatura de cordel é um rico instrumento que delineia os cenários da cidade do Salvador e do seu cotidiano, na medida em que ele, através de seus versos, vai montando os cenários da cidade, como um mosaico, povoando a imaginação dos que lêem seus cordéis, permitindo a sua visualização através do olhar do vate. Esse mosaico imaginário da cidade, exposto por Cuíca em seus versos, permite vislumbrar em sua arte uma geografia viva que emociona e fica guardada na memória das pessoas em toda a sua essência.

E é nessa cidade do Salvador que o poeta inscreveu seu nome e história em suas idas e vindas pelas ruas da cidade, palcos do seu existir, fazendo aquilo que sabia: contar em versos o cotidiano da cidade, em um tempo em que as velas dos saveiros ainda cruzavam as águas da Baía de Todos os Santos, levando e trazendo os produtos da terra tão necessários à subsistência dos baianos. Nas rampas, nas feiras livres, nos mercados, bares, botecos, festas da Conceição ao Senhor do Bonfim, sua presença era certa, divulgando seus folhetins.

Ao nomear alguns lugares da cidade como lugares de apresentação, demarcou-os como “seus lugares”, entrelaçando seu nome, sua personalidade a esses espaços coletivos, muitas vezes transmudando sua ordem natural, de espaços de circulação dos transeuntes da cidade, em seus palcos de enunciação. E foi através das suas apresentações diárias que ele, com sua plasticidade,

corporeidade, movimentos e teatralidade, mesclou-se naturalmente aos lugares, tornando-se parte do cenário. Era exatamente nas ruas da cidade que aflorava sua arte, narrando suas histórias, tornando-se espetáculo para uma platéia ávida por querer saber mais.

A investigação procurou prioritariamente revelar o cotidiano, as questões urbanas tão bem fomentadas nos textos de Cuíca, ressaltando com riqueza de detalhes o dia-a-dia desta cidade em suas minúcias, trazendo em seu bojo as relações ai estabelecidas. Nesse sentido, esquadrinhar os cordéis de Cuíca de Santo Amaro foi muito instigante pelas revelações ali encontradas, por suas narrativas singulares dos eventos da cidade, pela ousadia muitas vezes em dizer o que não se podia, o que estava escondido na cozinha da sociedade baiana, como afirmou o depoente Monsenhor Sadoc.

Os conteúdos geográficos apresentados na literatura de cordel comportam uma imagem do real e, ao mesmo tempo, fictícia, enriquecendo a compreensão dos mesmos. O diálogo entre a Geografia e a Literatura de Cordel de Cuíca de Santo Amaro permite apreender que é possível fazer inúmeras leituras sobre o espaço urbano, o cotidiano, o lugar, a depender do ângulo em que estes são observados, trazendo em contíguo uma geografia dinâmica, instigante.

Ao examinar os cordéis de Cuíca de Santo Amaro percebe-se que ele, através desses, consegue ressignificar os fatos, apresentar o cotidiano da cidade, documentando-o minuciosamente, incitando a curiosidade cientifica que frutificou a pesquisa apresentada. Nesse viés, a análise do *corpus* viabilizou novos olhares a lugares já conhecidos, que ganharam novos significados a partir da presença do poeta, permitindo novas leituras sobre o espaço urbano, o lugar e o cotidiano, identificados nos cordéis analisados, reveladores das múltiplas faces da cidade.

As questões urbanas e as relações sociais praticadas nestes espaços são reveladas nos versos do poeta, que as apresentou de forma diferenciada, segundo um dos depoentes, com “mais sabor”. Ele não se preocupava apenas em dar notícias, mas em narrar os acontecimentos, contando-os sempre com grande precisão de detalhes, transformando a aparente informação em belíssimas narrativas que prendiam a atenção dos ouvintes, independente do tema abordado como os conchavos políticos, a carestia, as greves, o desemprego, as lutas de classes, meios de transportes, meios de comunicação, o futebol, dentre tantos outros.

A hipótese que suscitou a pesquisa foi confirmada, pois ficou claro que os cordéis de Cuíca de Santo Amaro são caracterizadores de aspectos políticos e socioculturais de Salvador em meados do século XX. A partir de tais folhetos, também foi possível identificar os problemas urbanos da época e a percepção do poeta do seu espaço vivido. Apreendeu-se, ainda, o cotidiano e a dinâmica urbana vislumbradas em suas narrativas minuciosas que descortinam e deixam transparecer a geografia da cidade, bem como as relações processadas em seus espaços.

Os objetivos propostos foram alcançados, na medida em que foi possível caracterizar o cenário socioespacial de Salvador retratado na literatura de cordel de Cuíca de Santo Amaro, identificando e analisando os problemas urbanos daquela época e a percepção do poeta do seu espaço vivido. Isso fica explícito no corpo da pesquisa, pois escrever sobre a literatura deste cordelista e resgatar sua identidade trás de volta uma Salvador impregnada de histórias, palco de muitas lutas em um contexto social excludente e preconceituoso.

Observa-se que os temas retratados nos cordéis de Cuíca de Santo Amaro foram relevantes por permitirem entrever os cenários urbanos, os modos de produção, as questões urbanas tão bem fomentadas pelo poeta, bem como perceber as relações sociais naquele contexto, permitindo novas leituras sobre a cidade do Salvador e o seu cotidiano em meado do século XX.

Cumprem-se, portanto, os objetivos específicos delineados inicialmente, na medida em que, através das falas dos depoentes, mapeou-se a trajetória desse poeta nos espaços da cidade, muitos destes apresentados como os “lugares do poeta”, por ele ter tatuado nestes a sua presença, tornando-se uma referência para todos os que foram seus contemporâneos, que deixam transparecer em suas falas a personalidade forte de Cuíca de Santo Amaro, desde a sua aparência, criada para chamar a atenção, à linguagem irreverente e ambígua que eram a sua marca.

Torna-se evidente a geografia da cidade nos cordéis analisados como também a partir dos percursos diários do poeta na “apropriação dos lugares” na cidade bem como nos temas abordados por ele. Através dos seus folhetos, Cuíca ressignifica os fatos, apresenta o cotidiano da cidade, documentando-o minuciosamente, instigando a curiosidade cientifica que frutificou a pesquisa apresentada.

Através da “apropriação” desses lugares como palcos de enunciação, Cuíca marca-os com sua presença constante, dá-lhes uma nova feição e passa a ser uma referência destes. Os depoentes, quando questionados sobre quais eram os

“lugares” de Cuíca de Santo Amaro na cidade do Salvador, são unânimes em apontar alguns destes como: Elevador Lacerda; Mercado Modelo; Rampa do Mercado; Taboão; Baixa dos Sapateiros, Estação da Calçada, Feira de Água de Meninos, Feira do Curtume, Praça Cairu, entre muitos outros. No entanto, foi consenso entre eles que o lugar demarcado, apropriado e ressignificado com a presença do poeta, sem dúvida, foi a entrada do Elevador Lacerda na Praça Municipal, seu “quartel general”. Esse lugar, até hoje, para os contemporâneos do trovador, perdeu na sua geografia humana, com a morte do poeta.

A investigação da cidade através dos textos cordelísticos de Cuíca de Santo Amaro foi extremamente instigante e procurou revelar dados significativos para os estudos geográficos, bem como contribuir para o entendimento do espaço urbano, do lugar e do cotidiano com a riqueza do olhar de um poeta que conseguiu ir além do seu tempo, na medida em que ele extrapola os limites temporais e espaciais, discute questões pertinentes tanto para aquele contexto como para o atual. Percebe-se, portanto, como a literatura de cordel pode contribuir de forma interdisciplinar para compreensão de contextos diferentes, de forma lúdica, permitindo uma multiplicidade de olhares sobre uma cidade e seus habitantes.

Essa interdisciplinaridade apresenta-se claramente nos textos cordelísticos do poeta, pois estes, com muito humor, sátira e picardia apresentam os modos de vida, de produção, lazer, costumes e preconceitos ao documentar e apresentar os eventos da sociedade baiana em tempos de outrora, contribuindo para se repensar a mediação entre a ciência e a arte e como estas podem dialogar em vários campos do conhecimento.

A memória oral foi um dos recursos metodológicos utilizados de inestimável valor. Uma grande aliada para o entendimento do espaço urbano da cidade e das relações entre Cuíca de Santo Amaro e as pessoas que moravam em Salvador. Foi exatamente através dos depoimentos dos entrevistados, atrelados à análise dos cordéis, que se pode constatar como um indivíduo sem muitos recursos financeiros e com pouca instrução conseguiu se impor a uma sociedade excludente, imiscuindo-se aos lugares, vivendo de suas produções literárias e de seu ofício de propagandista.

É nesse sentido que os cordéis de Cuíca de Santo Amaro, a partir da realidade concreta, recriam e transformam através da arte a concretude, transformando-a em abstração, indo para além da aparência dos lugares, permitindo novos olhares a

locais já conhecidos, onde o invisível torna-se perceptível, modificando-os, dando-lhes vida, atribuindo-lhes novos significados, identificando-os a partir de uma nova ótica. Enfim, esse entrelaçamento entre as lentes da literatura de cordel e a Geografia abre um leque de possibilidades para os estudos geográficos do espaço urbano, do lugar, do cotidiano.

O resultado desta pesquisa também é relevante para a Associação dos Cordelistas, na medida em que contribuirá como registro e memória da literatura de cordel e a sua importância na cidade do Salvador, tendo na figura de Cuíca de Santo Amaro um representante dos valores destas tradições. É a partir do seu trabalho como cordelista que ele produziu uma arte a serviço do povo, na medida em que trabalhou com o cotidiano e o local, retratou o perfil geográfico e social da cidade do Salvador. Espera-se, desta forma, que esta pesquisa se configure como um atrativo para que outros estudiosos se debrucem sobre o tema em discussão.

REFERÊNCIAS

A GRANDE feira. Direção: Roberto Pires. Produção: Rex Schindler; Braga Neto. Produção executiva: Glauber Rocha. Elenco: Geraldo Del Rey, Helena Ignes, Luíza Maranhão, Antônio Sampaio, Milton Gaúcho, Roberto Ferreira, Cuíca de Santo Amaro, David Singer. 1961. 1 videocassete (94 min.),VHS, son, P & B.

ARGOLO. Dagmar Santos. **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira.

AMADO, Jorge. O Poeta. In:_____. **Bahia de Todos os Santos**: guia das ruas e dos mistérios. 13. ed. São Paulo: Martins, [1967].

BARRAMEDAS. Francisco José da Silva, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira.

BENEDICTIS. Massimo Ricardo de. **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 08/12/08. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Darwin; SILVA, Motta. **Cidade do Salvador**: caminho do encantamento. Prefácio: Jorge Amado: Companhia Editora Nacional 1958.

BREAN, Denis. (comp.) VELOSO, Caetano. (interp.). **Bahia com H**. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/caetano-veloso/915360/>. Acesso em 12/10/2009

CAYMMI, Dorival. **São Salvador**. Álbum Raízes do Samba. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/dorival-caymmi/356576/>. Acesso em12/10/2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O Lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

_____. **A (Re)produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

_____. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

_____. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2004.

_____. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

CARNEY George O. Música e lugar. In: CORRÊA. Roberto Lobato. ROSENDAHL, Zeny. (orgs). **Literatura música e espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007, p. 123-150.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Cuíca de Santo Amaro**: o poeta popular que conheci. Literatura de cordel Nº 1503, Salvador-Bahia, 1964, 8 f.

CERTEAU, M. de. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis. RJ: Vozes, 2007.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço urbano**. São Paulo: Ática, 2003.

COSGROVE, Denis E. Em direção a uma geografia cultural Radical: problemas de teoria. In.: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (orgs). **Em direção a geografia cultural.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

COSTA. Adauto Antônio, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 23/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira.

COSTA. Luiz Menezes Monteiro da. **Roteiro turístico da cidade do Salvador**. Prefeitura Municipal do Salvador. Salvador: Liceu de Artes e Ofícios,1952.

CURRAN, Mark J. Influência da literatura de cordel na literatura brasileira. **Revista Brasileira de Folclore**. Rio de Janeiro. (24); 111-123, maio, ago, 1969.

_____. **Cuíca de Santo Amaro**: poeta-repórter da Bahia. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1990.

_____. **Cuíca de Santo Amaro, Controvérsia no Cordel**. São Paulo: Hedra, 2002.

DÓREA, Luiz Eduardo. **Os nomes das ruas contam histórias.** Salvador. BA: Câmara Municipal de Salvador, 1999.

FERREIRA. Edson Alves, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/07/2009. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

FÉLIX, Anísio. **Pelo Pelourinho**. Salvador: EGBA, 1995.

FERNANDES. Antônio Sérgio Araújo. **A Democratização da Gestão Urbana em Recife e Salvador**: um problema capital. Disponível em: <www.politicahoje.com/ojs/include/getdoc.php?id=287...85... >. Acesso em: 16 jul. 2009.

FRAGA, M. **Ciclo de palestras**: a Bahia de Jorge Amado. Salvador: FCJA/Museu Carlos Costa Pinto, 2000.

FRANCO, Tasso. **A cidade da Bahia:** crônicas. Salvador: FCJA, 2000.

GOMES. Jorge Sampaio, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/05/2009. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

HOLANDA. Virgínia Célia Cavalcante de; MEDEIROS. Antônio Heleonarde Dantas de. Geografia e literatura de cordel: trilhando práticas e possibilidades em sala de aula. **Caminhos de Geografia.** Uberlândia v. 9, n. 28 Dez/2008 p. 134 - 145 p. 134. Disponível em: <http://www.ig.ufu.br/revista/caminhos.html1>. Acesso em: 29 ago. 2009.

JACOB, Adriana. **Cuíca de Santo Amaro**: o clamor do povo. Jornal Correio da Bahia, Salvador, V. 2, dez. 2003, p. 6-31.

JESUS. Clarindo Silva, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 20/07/2009. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

JÚNIOR. João Valentim da Silva, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 23/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira

LEAL Geraldo da Costa. **Pergunte ao seu avô**: histórias de Salvador, Cidade da Bahia. Salvador: Gráfica Universitária da Bahia, 1996.

_____. **História de Salvador**: cidade da Bahia. Salvador: [s.n], 1996.

_____. **Salvador dos contos, cantos e encantos.** Salvador: Gráfica Santa Helena, 2000.

_____. **Perfis urbanos da Bahia**: os bondes, a demolição da Sé, o futebol e os gallegos. Salvador: Gráfica Santa Helena, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **De lo rural a lo urbano**. 2. ed. Barcelona: Ediciones 62, 1973.

_____. **O direito à cidade.** São Paulo: Editora Moraes, 1991.

LITERATURA DE CORDEL In: **Laboratório de Poéticas, nº. 1 (Antenas & Raízes) - Ponto de Cultura do Imaginário &. da Diversidade**. Diadema, inverno de 2007, p. 22-25. Disponível em: <http://www.labpoeticas.org/format_pdf/LiteraturaCordel.pdf.> Acesso em 16/10/2009

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História**, São Paulo, nº 17, p. 63-181, nov. 1998.

LUYTEN. Joseph M. **O que é literatura de Cordel**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MAIOR, Mário Souto. Literatura popular em verso, literatura popular Nordestina, literatura de cordel: uma introdução. In: _____. **Literatura de Cordel:** antologia. São Paulo : Parma,1976. V. 1

MARTÍNEZ, Socorro Targino. **Bahia:** signos da Fé. Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado. Barcelona: Bustamantes Editores, Coelba, 1997.

MATOS, Edilene. **Notícia biográfica do poeta popular**: Cuíca de Santo Amaro. Salvador: UFBA, 1985.

_____. **Cuíca de Santo Amaro**: o boquirroto de megafone e cartola. Rio de Janeiro: Manati, 2004.

_____. **Ele, o Tal Cuíca de Santo Amaro**. 2. ed. Salvador: Fundação Pedro Calmon – Centro de Memória e Arquivo Público, 2007.

MONTEIRO, C. A. de F. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

NATIVIDADE. Gaspar Sadoc da, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira e Suseny Maia Teles Ruffini.

NAZARÉ. Eduardo Alves, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 20/07/2009. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

NERY. Lúcio. **Cuíca de Santo Amaro.** Salvador: BA. 16/07/2009. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

PINHEIRO, Délio José Ferraz; SILVA, Maria Auxiliadora da. **A escrita das cidades**: texto introdutório: apostila. Salvador: Mestrado em Geografia, 2002.

_____. **Visões imaginárias da cidade da Bahia**: diálogos entre a geografia e a literatura. Salvador: UFBA, 2004.

_____. **Imagens da cidade da Bahia**: um diálogo entre a Geografia e a arte. Salvador: EDUFBA: 2007.

PINHEIRO. Délio José Ferraz. Ciência e arte: o binômio de Milton. In: Mesa-Redonda: Lugar, território e solidariedades. In: SILVA. Maria Auxiliadora da; TOLEDO JÚNIOR. Rubens de; DIAS. Clímaco César Siqueira. (org.), **Encontro com o pensamento de Milton Santos:** o lugar fundamentando o período popular da história. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 2005.

REZENDE, Antônio Paulo. Cultura memória e sociedade. In: **Anais Seminário Cultura memória e sociedade 2006:** Santo Antonio de Jesus, Ba: EDUNEB, 2006.

RIBEIRO. Luis Edmundo, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 15/06/09 Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

SALAH. Jacques. **A cidade como personagem**. In: FRAGA, M. **Ciclo de palestras**: a Bahia de Jorge Amado. Salvador: FCJA/Museu Carlos Costa Pinto, 2000, p.85 - 101.

SAMPAIO. Consuelo Novais, **50 anos de urbanização**: Salvador da Bahia no século XIX, Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SANTOS. Áurea Alves dos, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 17/06/09. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

SANTOS. Edvaldo Corrêa, **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 08/05/2009. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador**: estudo de Geografia Urbana. Salvador: Universidade da Bahia; Livraria Progresso Editora, 1959.

_____. **Espaço e método.** São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS. Vilma Correia dos. **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira.

SEARA. Luiz Penna. **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira.

SILVA. Gercílio Montenegro da. **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 22/09/2005. Entrevista concedida a Sinéia Maia Teles Silveira.

SILVEIRA, Junot. **A Bahia na voz dos trovadores**. Salvador: SENAI, 1955.

SILVEIRA, Sinéia Maia Teles. **Linguagem, sociedade e cultura**: uma incursão léxico-semântica em textos de Cuíca de Santo Amaro. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional). Santo Antônio de Jesus: Universidade do Estado da Bahia, 2007.

SPOSITO. Eliseu Savério, **Geografia e filosofia**: uma contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

TAVARES. Odorico. Trovadores da Bahia. **Revista O Cruzeiro**. 26 Out. 1946. p. 8-16.

_____. **Diário de Noticias**. Coluna Rosa-dos-Ventos. Salvador, 24 jan. 1964.

TEIXEIRA. Antônio França. **Cuíca de Santo Amaro**. Salvador: BA. 30/07/09. Entrevista concedida a Suseny Maia Teles Ruffini.

TEIXEIRA, Cid. **Salvador**: história visual. Salvador: Correio da Bahia, 2001.

TORRES. Carlos, **Vultos, Fatos e Coisas da Bahia**. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia,1950.

_____. **Bahia Cidade Feitiço:** roteiro turístico. 5. ed. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia,1969.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida. **Salvador:** transformações e permanências. Ilhéus: Editus, 2002.

VIANNA, Hildegardes. **A Bahia já foi assim:** crônicas de costumes. Salvador. BA.: Itapuã, 1973.

_____. **Antigamente era assim.** Rio de Janeiro: Record, Salvador, BA, Fundação Cultural do Estado da Bahia,1994.

WANKE, Eno Teodoro. O Trovador da Bahia. In: **Vida e Luta do Trovador Rodolfo Coelho Cavalcante:** biografia. Rio de Janeiro, Folha Carioca Editora Ltda., 1983.

PERÍODICOS

ABORTADO o novo movimento de aumento dos ônibus. **Diário de Notícias**, Salvador, 7 abr. 1955, p. 12, con. p. 9.

A CIDADE amanheceu sem ônibus:os proprietários cumpriram a drástica promessa. **Estado da Bahia**, Salvador, 2 abr.1955, p. 3.

A FALTA de asseio nos mercados da cidade: o da Sete Portas é um “modelo” de

sujeira. **A Tarde,** Salvador, 10 mar.1958, p. 2.

E A SITUAÇÃO da ferrovia. **A Tarde**, Salvador, 22 mar. 1958, p. 2.

ÁGUA de Meninos a maior chaga social de Salvador. **Estado da Bahia**, Salvador, 17 abr. 1963, p. 3.

AINDA arde espetacularmente o "Trapiche Porto". Um "curto-circuito" teria dado inicio ao incêndio. **Diário de Notícias**, salvador, 5 abr. 1946, p. 1-3.

AUSÊNCIA de conforto e higiene nos trens da Leste. **A Tarde**, Salvador, 20 mar. 1958, p.2.

AV. FRANÇA sem barracas. **A Tarde**, Salvador, 17 abr.1963, p. 3.

BARRACAS da Avenida da França com prazo fatal até as 18 horas: sida. **Estado da Bahia**, Salvador, 16 abr.1963, p. 3

BARRACAS do Chame-Chame vão ser transferidas para o Pau Miúdo esta semana. **Estado da Bahia**, Salvador, 18 abr. 1963, p. 5.

BARRACAS interditadas na Rampa do Mercado – sairão para o Chame-Chame. **Estado da Bahia**, Salvador, 9 abr. 1964, p.3.

BARRACAS saíram mesmo: Rampa do Mercado Modelo fica livre já com soldados da RS fazendo Operação-Demolição. **Estado da Bahia**,Salvador, 11 abr.1964, p.1.

BONDE?... é manga de colete. **O Imparcial**, Salvador, 11 nov. 1943, p. 8.

CAPITANIA dos Portos limpa rampa: Mercado. **Estado da Bahia**, Salvador, 2 abr.1963, p. 3.

CAPITÃO dos Portos disse que demolirá barracas que não cumprirem a lei. **Estado da Bahia**, salvador, 10 abr. 1963, p. 12

CIDADE limpa é cidade civilizada. **Estado da Bahia**, Salvador, 17 abr. 1963 p.12

CIDADE lixo irremovível. **A Tarde**, Salvador, 5 mar. 1958, p.4.

DAS duzentas e cinqüenta toneladas de lixo apenas 120 são coletadas. **Jornal da Bahia**, Salvador, 7 out.1958, p.5.

DEFLAGRADA à “0” hora de hoje a greve dos ônibus – O prefeito Aloísio Brasil apelou, em vão, para os proprietários das emprezas. **Diário de Notícias**, Salvador, 2 abr. 1955, p. 8.

DESCALÇAR um santo... **A Tarde,** Salvador, 17 abr.1963, p.12.

DESENTENDENDO-SE com o governador o Sr. Aristóteles Gois deixou a prefeitura. Pivô: aumento nas passagens de ônibus. **Estado da Bahia**, Salvador, 11 mar. 1955, p. 3.

DESOCUPADA a rampa a Docas a reconstruirá. **A Tarde**, Salvador, 11 abr. 1963, p. 3.

DUAS pragas no Chame-Chame: sujeira e aumento de criminalidade. **A Tarde**, Salvador, 11 abr. 1963, p. 2.

EXIGE a população: ônibus na rua a $ 1,50. **O Momento**, Salvador, 3 abr.1955, p.1.

FEIRA, de São Joaquim: antro de imundícia, **A Tarde**, Salvador, 10 mar.1958, p. 2.

FEIRANTES da rampa só se mudarão no dia 13. **A Tarde**, Salvador, 4 abr.1963, p. 3.

FRACASSOU a greve dos ônibus. Às 9 horas de hoje em vários ramais as ”Marinetes” resolveram trafegar. **Estado da Bahia**, Salvador, 5 abr. 1955, p. 8.

ISENÇÃO para limpeza de fachadas e “piquets” nos passeios vão sair: Paulo. **Estado da Bahia**, Salvador, 15 abr.1963, p. 3.

LIMPEZA da cidade começará pelos pontos de atração turística. **A Tarde**, Salvador, 11 abr. 1963, p.3.

LIMPEZA de hoje é a mesma de ontem: Baqueiro. **A Tarde**, Salvador, 16 maio 1963, p. 2.

LIXO e alimentação. **Estado da Bahia**, Salvador, 22 mar. 1963, p.5.

LIXO toma conta da cidade. **Estado da Bahia**, Salvador, 21 mar. 1963, p.5.

MERCADO tem que sair para a avenida passar. **A Tarde**, Salvador, 23 abr.1963, p. 2.

MIL tonéis nos locais de maior concentração de lixo é plano da Limpeza Pública. **Estado da Bahia,** Salvador, 2 maio 1963, p.3.

MORADORES do Chame-Chame vão protestar junto a SVOP contra barracas da Rampa. **Estado da Bahia**, Salvador, 18 abr. 1963, p.3.

O INCÊNDIO no Trapiche – Rigoroso inquérito na polícia. **Diário de Notícias,** Salvador, 6 abr.1946, p.3.

O PREFEITO e as filas. **Diário de Notícias**, Salvador, 4 mar.1955, p. 3

OS BONDES não conseguem atender à grande multidão que necessita de transporte. **O Momento,** Salvador, 5 abr.1955, p.3.

OS ÔNIBUS desaparecerão logo que a gasolina seja aumentada, **Diário de Notícias**, Salvador, 31 mar.1955, p. 1.

PREFEITURA inicou hoje “Operação-Piquets” nas ruas centrais da cidade. **Estado da Bahia**, Salvador, 29 abr.1963, p. 3.

PRORROGADA por 24 horas a paralisação total dos ônibus, **Diário de Noticias**, Salvador, 31 mar.1955 p. 8.

QUE há com a limpeza pública? **A Tarde**, Salvador, 17 mar. 1958, p.3.

QUEM jogar lixo na rua pagará multa. **A Tarde**, Salvador, 16 abr. 1963, p.3.

RAMPA do Mercado e Cáis Cairu foram interditadas a partir da “0” hora. **Estado da Bahia**, Salvador, 3 abr. 1963, p. 3.

RAMPA do Mercado e Cais Cairu livres das barracas. **A Tarde**, Salvador,15 abr.1963, p. 2.

REAÇÃO da Câmara Municipal: os ônibus não podem aumentar os preços. **Estado da Bahia**, Salvador, 15 mar. 1955, p. 3.

SALVADOR cidade aberta. **A Tarde**, Salvador, 25 fev. 1958, p.4.

SALVADOR será a cidade mais limpa do Brasil. **Jornal da Bahia**, Salvador, 10 mar.1958, p. 2.

TABELA de emergência para lotação e caminhões. **Estado da Bahia**, Salvador, 7 abr.1955, p.9.

VÃO aumentar por conta própria, as tarifas de ônibus – os proprietários resolveram majorar o preço – o Prefeito declara que ignora o assunto. **Diário de Notícias**, Salvador, 6 abr.1955, p. 7 – 8.

VITÓRIA do povo – Voltaram os ônibus a circular ontem. **O Momento**, Salvador, 6 abr.1955 p. 1.

APÊNDICES

A P Ê N D I C E A - Entrevista sobre Cuíca de Santo Amaro

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
Mestrado em Geografia – Instituto de Geociências
Entrevistado:
Data de Nascimento:
Profissão:
Nível de escolaridade:
Endereço:
Data da entrevista:

1 - Impressões sobre Cuíca.
2 - Qual a imagem mais significante que o senhor possui de Cuíca de Santo Amaro e qual era sua principal característica?
3 - Qual era o seu público alvo e os principais temas abordados por ele?
4 - O que ele falava em seus versos?
5 - Como Cuíca divulgava seus cordéis?
6 - O senhor lembra alguns dos títulos dos cordéis de Cuíca?
7 - Dentre os temas abordados por Cuíca qual causou maior polêmica na cidade? Qual a repercussão?
8 - Como ele tomava conhecimento dos fatos que divulgava nos cordéis?
9 - O senhor parava para ouvir Cuíca? Quem o valorizava naquela época?
10 - Quais os percursos feitos por Cuíca e qual o lugar onde era mais fácil encontrá-lo?
11 – O senhor lembra se naquela época os jornais publicavam os mesmos fatos veiculados por Cuíca? Como os meios de comunicação da época retratavam Cuíca?
12 - Qual a reação das pessoas que ele agravava?
13 - Se o senhor tivesse que apontar um lugar da cidade, como o lugar de Cuíca de Santo Amaro, qual seria e por quê?
14 – Cuíca se fosse vivo, teria muito que contar em seus cordéis?
15 - Qual o perfil geográfico de Salvador no período (1940-1963) em que o poeta atuava nos espaços da cidade?

18- Que mais que o senhor poderia falar a respeito da cidade e do poeta naquele contexto?

A P Ê N D I C E B - Lista dos cordéis utilizados na pesquisa de autoria de Cuíca de Santo Amaro

1. A bagunça no pleito eleitoral
2. A chegada de Getulio na Bahia
3. Demolição das barracas e o fechamento do jogo do bicho
4. A discussão do feijão com a carne verde
5. A Grande Feira
6. A grande tragédia em Periperi
7. A greve de Ônibus
8. A mulher da Curva Grande não casa com homem do Pau Miúdo
9. A posse de Juraci Moscoso e Heitor Dias
10. Antônio Balbino e o funcionalismo
11. Bonde?... é manga de colete
12. Destruição da humanidade
13. Divida de funcionário nunca termina
14. O ABC da carestia
15. O abono do funcionalismo
16. O fechamento do jogo do bicho
17. O homem que virou esqueleto de tanto esperar o ruído do telefone
18. O incêndio no Trapiche Porto
19. O mergulho fatal
20. O que dizem da Estação rodoviária
21. Orlando Moscoso foi reeleito
22. Os embromadores do povo
23. Políticos demagogos e homens sem palavra
24. Por que candidatei-me a vereador
25. Quem tem inimigos não dorme
26. Virgildasio e a limpeza da cidade

A P Ê N D I C E C - Lista dos cordéis utilizados na pesquisa de autoria de Rodolfo Coelho Cavalcante

1 Cuíca de Santo Amaro: o poeta popular que conheci.

2 A morte de Cosme de Farias – o bem feitor da pobreza.

A P Ê N D I C E D - Lista dos cordéis utilizados na pesquisa de autoria de Antônio Vieira.

1 A poesia esculachada D'Ele, o Tal, Cuíca de Santo Amaro.